# BiZZ

NEIL YOUNG & PEARL JAM

Abalam As Estruturas
Do Rock

FUNK YOU!

A Porrada
Carioca

GEORGE MICHAEL

Livre
Outra Vez

GABRIEL O PENSADOR

DEMOLINDO TUDO

EDITORA ATRIL

5561 • ANO 11 / Nº 08 • EDIÇÃO 121 • R$ 3,90

ISSN 0104-1649

9 770104 164007 00121 7

# Uhu Guaraná!

Este é o sabor.

Antarctica!

Leo Burnett

# PICK-UP TREKKING

## PORQUE PRA MUITA GENTE O FIM DE SEMANA NÃO SE RESUME A UM BANHO DE PISCINA.

A NOVA PICK-UP TREKKING FOI FEITA PARA VIVER CARREGADA DE EMOÇÃO. MOTO, BICICLETA, CAIAQUE OU O QUE VOCÊ QUISER. ELA TEM SUSPENSÃO MAIS ALTA E PNEUS MAIORES, PARA VOCÊ PASSAR POR CIMA DE QUALQUER DIFICULDADE. E MAIS: GRAFISMOS NAS LATERAIS, CAPOTA MARÍTIMA PARA PROTEGER CONTRA CHUVA, VENTO E POEIRA, E INTERIOR COM MUITO CONFORTO. SAIA NUMA PICK-UP TREKKING E ABRA SEU PRÓPRIO CAMINHO.

NOVA PICK-UP TREKKING

CONFIAT

Atendimento Fiat 24 horas

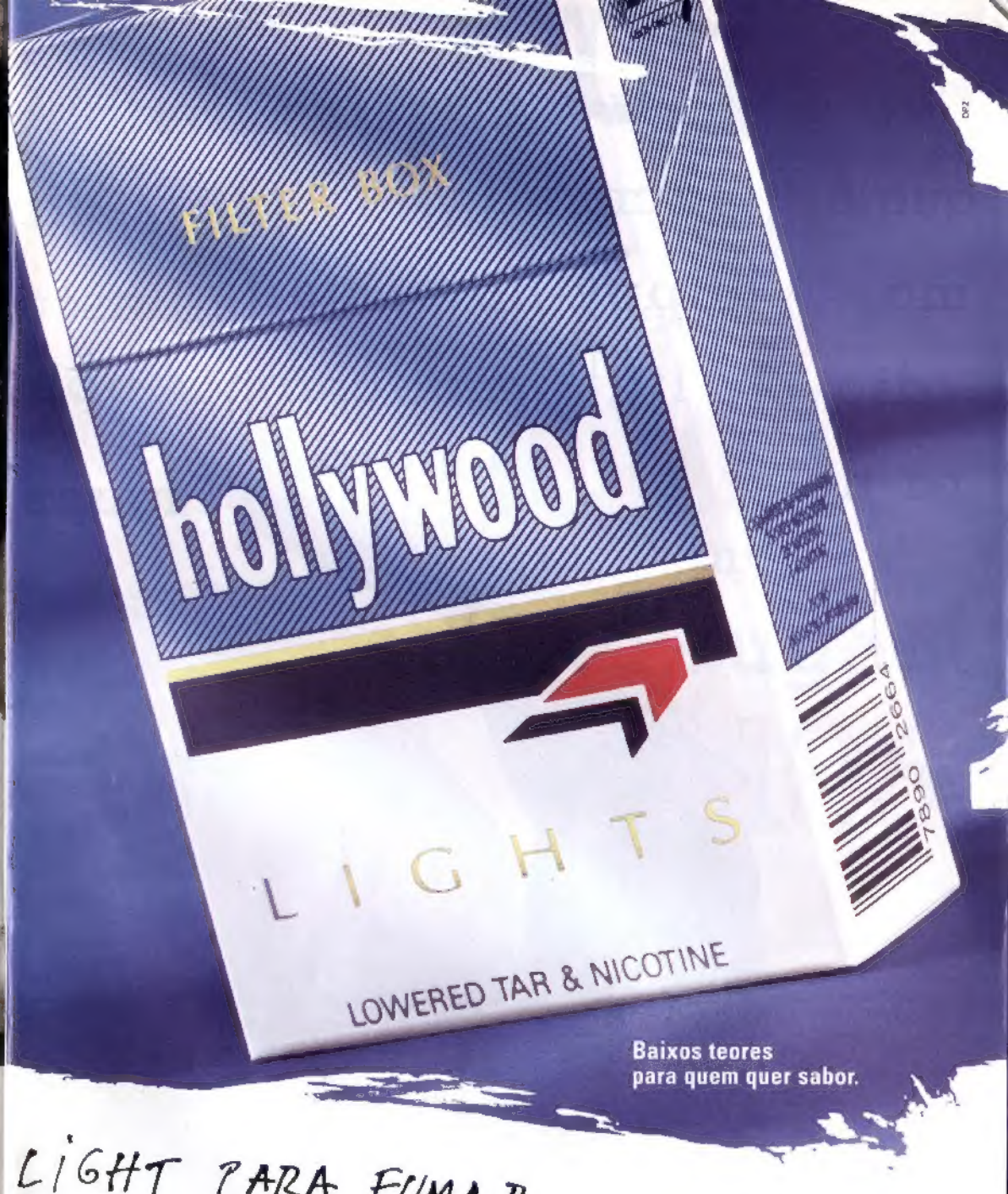
Ligue e peça o seu Tel: 0800-150505

FIAT

SEU LUGAR É AQUI.

COM SUSPENSÃO MAIS ALTA.

Este veículo está em conformidade com o PROCONVE. Alguns itens são opcionais.




VOCÊ NÃO TEM Q. SER LIGHT PARA FUMAR HOLLYWOOD LIGHTS.

PEUGEOT
A MARCA DO LEÃO.

# EU AMO: mergulhar na cachoeira, pão de queijo, cochilar de tarde na praia, comer pipoca no cinema, happy-hour, noites estreladas, lingerie preta, comédia italiana, champagne, jeans, carnaval e banheira de hidromassagem. É por isso que eu tenho um

# Peugeot 106.

BiZZ

Foto de capa: Rui Mendes

Ano 11 • Nº08 • Edição 121 • Agosto, 1995

**"Filha da puta/Filha da puta/Filha da puta"... Ao ouvir esse refrão num rap raivoso, que não poupa políticos, policiais e religiosos, acredite que se trata de GABRIEL, O PENSADOR. Se no primeiro round do combate, ele concentrava o ataque em "playboys" e "lôraburras", agora o cara quer bater mais forte: de disco novo, revela-se um "Mike Tyson verbal", pronto para nocautear qualquer espécie de hipocrisia social. Confira na entrevista a Felipe Zobaran. Outro que nunca deixou de pelejar por seus ideais foi NEIL YOUNG. Quase cinqüentão, é o coroa mais considerado pela atual geração do rock'n'roll. Agora, ele se associa ao PEARL JAM, em um disco e numa turnê, dando os detalhes em um papo exclusivo, direto de San Francisco. Em Los Angeles, José Emilio Rondeau encara DAVID BOWIE, para falar sobre o mais recente trabalho da "metamorfose ambulante" do rock, que agora vem encarnando sete personagens diferentes – à maneira dos que criou no início dos anos 70. De volta ao Brasil, temos... "Borel", "Armas" e "Dança Da Bundinha", temas abordados pela rapaziada do FUNK CARIOCA, movimento que é investigado por Pedro Só. Também no Rio, LEONI (Kid Abelha, Heróis Da Resistência), abandona por algum tempo a música para escrever um livro sobre o rock nacional safra 80, do ponto de vista de quem participou realmente do lance. Com indiscrições de Renato Russo, Lobão e outras figuras carimbadas...** Celso Pucci

**12 CARTAS**
MARISA MONTE e JON BON JOVI caindo nas graças dos leitores

**14 SHOWBIZZ**
"Bat-novidades" do U2 e a mordida milionária no bolso de GEORGE MICHAEL

**34 MIX**
BJÖRK dominando a imprensa internacional e CHICO SCIENCE na Optical

**36 ENJOY IT**
A magia da bolinha prateada e dos "flippers", nas máquinas de pinball

**38 SATÉLITE**
Direto da Inglaterra: um megafestival e a invasão de um bispo brasileiro

**40 DEZ PERGUNTAS + 1...**
... São respondidas pelo astro camaleônico DAVID BOWIE

**64 LANÇAMENTOS**
MICHAEL JACKSON quer se mostrar "bom moço" em disco superproduzido

**80 CLÁSSICOS**
Viagens do PINK FLOYD, rock nacional, mais CD-ROM e Livros

**90 DISCOTECA BÁSICA**
A revolta primal de JOHN LENNON expressa em uma crua obra-prima

Gabriel, um peso-pesado do rap nacional

## este mês

42

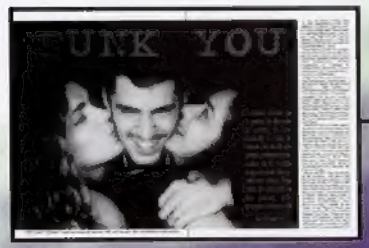
**NEIL YOUNG + PEARL JAM**: a combinação explosiva entre o rocker lendário e o expoente da geração grunge

48

O livro do músico **LEONI** passa a limpo alguns dos fatos que marcaram o rock nacional na década passada

52

É porrada para todo lado: **GABRIEL, O PENSADOR** já chega quebrando tudo em seu novo nocaute musical




60

A galera do **FUNK CARIOCA** manda ver no som e em mensagens positivas, contra seu cotidiano violento

BON JOVI

CHEGOU O NOVO DISCO DA BANDA NÚMERO UM DO MUNDO.

(these Days)

INCLUINDO O SUCESSO

THIS AIN'T A LOVE SONG

É PolyGram.

CD / K7 / LP

# Cartas

## MARISA NOTA DEZ

Fiquei surpreso e feliz ao encontrar a BIZZ numa loja de revistas em Manhattan. Marisa Monte na capa estava demais! Tive o privilégio de assistir ao show dela aqui em Boston e outro em Nova York. Ambos foram ótimos. Salve Marisa!

**Vankarlio Gomes, *Boston/MA***

A BIZZ 119, com a reportagem "Marisa Monte Abraça O Brasil", foi uma verdadeira aula de MPB. Espero que a revista continue a publicar matérias como essa. Nós, roqueiros, temos muito a aprender sobre MPB.

**Rangel Diniz, *São Paulo/SP***

**"Dizem que Marisa é como a Gal, como a Elis... Eu digo que ela hoje é escola. Sua música é alegria, festa, romance, a cara do Brasil que eu amo"**
**Suami C. Júnior, *Recife/PE***

Grande matéria com Marisa Monte. Com sua abençoada voz ela consegue resgatar a magia música brasileira.

**Fabrício Pereira, *Goiânia/GO***

## ELE É O BOM!!

Adorei a invasão na casa do Jon Bon Jovi (BIZZ 119). Já estava esperando uma matéria que revelasse um pouco da intimidade desse cara.

**Mara Bon Jovi, *São Bernardo do Campo/SP***

Eu amo o Bon Jovi! Continuem sempre colocando o Jon na revista. Eu tenho certeza que todos irão amar.

**Rafaela Osika, *Blumenau/SC***

Quase tive um desmaio ao ler na capa da BIZZ de junho: "Invadimos A Casa De Bon Jovi" Não tinha coragem de abrir a revista, meu maior ídolo, de novo na BIZZ!

**Marilu Antunes, *Blumenau/SC***

A entrevista com Jon Bon Jovi estava ótima. "Brigadão", eu já estava pensando em me mudar para Nova Jersey.

**Marcelo Moreira Ferreira, *Mariana/MG***

Até que enfim chegou o que eu estava esperando caladinha faz tempo: uma matéria com o grande Jon Bon Jovi!! Adorei e me deliciei.

**Cris Knight, *São João do Meriti/RJ***

Escrevo para parabenizar o sortudo repórter Hideyoshi Pereira pela matéria "A Vida Privada De Jon Bon Jovi".

**Luciane Bongiovi, *Curitiba/PR***

## OS DEVOTOS DE HANNAH

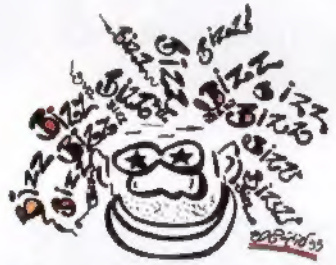
Não acreditei ao ver a deliciosa Hannah Lima, da Blitz, na BIZZ 119. Sou tarado por ela, eu imploro que me mandem um poster dela. Ficarei infinitamente agradecido.

**Lineker de Oliveira, *Santana do Yorgem/MG***

## DELUQUI NOS ENGENHEIROS

A entrada do Fernando Deluqui nos Engenheiros foi a melhor coisa que podia acontecer à banda. Vi eles um show e percebi que a banda melhorou 100%.

**Beto Porto, *Rio De Janeiro/RJ***




**"Rastaman", Elpídio Alves, *Duque de Caxias/RJ***

## CONFUSÃO & AMNÉSIA

Que nos perdoem os fãs do R.E.M. – especialmente os solícitos Fábio Andrade e Ediva Melo, da cidade paulista de Votorantim, primeiras pessoas a apontar este "pequeno, mas cruel engano: em nossa edição de junho, na resenha sobre o disco de KRS-One, o *rapper* é apontado como participante da música e do clip de 'Radio Song', faixa que abre o álbum *Green* (89). Na verdade, a primeira canção desse disco é 'Pop Song 89'. "Radio Song" inicia o álbum *Out Of Time* (91).

No mesmo número de BIZZ, na seção *Clássicos*, na matéria sobre Jorge Mautner, não foi citado o resgate em CD do álbum *Mil E Uma Noites* (74), pelo selo paulista Rock Company. E ao comentarmos o relançamento de Boots, de Nancy Sinatra, não citamos que todos os outros discos de filha de Frank também foram reeditados em CD no mesmo pacote, pelo selo americano Rhino.


**Aumente o som e sonhe.**

Nestlé
O chocolate que eu quero.

STILLS

Bono Vox numa recente aparição na noite londrina. Ao lado, o cantor como McPhisto em 93, antes de recusar o papel em *Batman Eternamente*

# U2 PEGA CARONA NO BATMÓVEL

**Dois anos depois do lançamento de *Zooropa* e de uma turnê que percorreu três cantos do mundo (o quarto, onde fica o Brasil, não viu nem a cor do show), o U2 volta a ser notícia**

O lado mais quente da história fica por conta do namoro da banda com *Batman Eternamente*, um "monstro de duzentos milhões de dólares", segundo a revista *Variety*. Muito antes do lançamento do filme, os produtores convidaram ninguém menos do que Bono Vox para ser um dos atores do terceiro filme da série, iniciada em 89.

O papel do vocalista do U2 seria o do demoníaco McPhisto, o mesmo que ele criou na turnê iniciada depois do lançamento do último disco da banda - uma piada digna de um bom irlandês. A negativa de Bono para o convite foi imediata, uma sentença de morte sumária à persona incorporada pelo cantor – que reviveu nos palcos o velho espírito de Ziggy Stardust (David Bowie) e Tommy (Roger Daltrey, vocalista do Who).

Apesar da recusa de Bono, o grupo emprestou seu brilho à trilha sonora de *Batman Eternamente* com o *hit* "Hold Me, Thrill Me, Kiss Me, Kill Me". Outro sucesso é "Kiss From A Rose", canção de Seal que, depois do filme, levantou as vendas do segundo álbum do cantor.

Ainda no terreno cinematográfico, o U2 está envolvido em mais dois projetos. Bono escreve o roteiro do novo filme de Wim Wenders – o cineasta alemão que dirigiu o clip de "Stay" – e o U2 deve compor a trilha sonora de *Heat*, um dos filmes mais esperados de 96. O motivo para tanto alarde são os protagonistas do filme, ninguém menos que Robert De Niro e Al Pacino, "a dupla do século", segundo Bono.

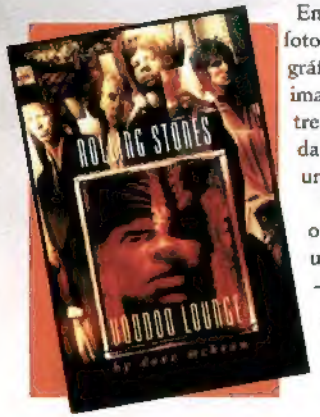
Mudando de assunto, novidades sobre o U2 estão prestes a pintar nas livrarias. Bill Flanagan, autor do clássico *Dentro Do Rock* (veja a reportagem "Descobrindo A Fonte Da Inspiração", nesta edição), está lançando *U2 At The End Of The World* (*U2 No Final Do Mundo*), livro que narra os bastidores da gravação de *Zooropa*.

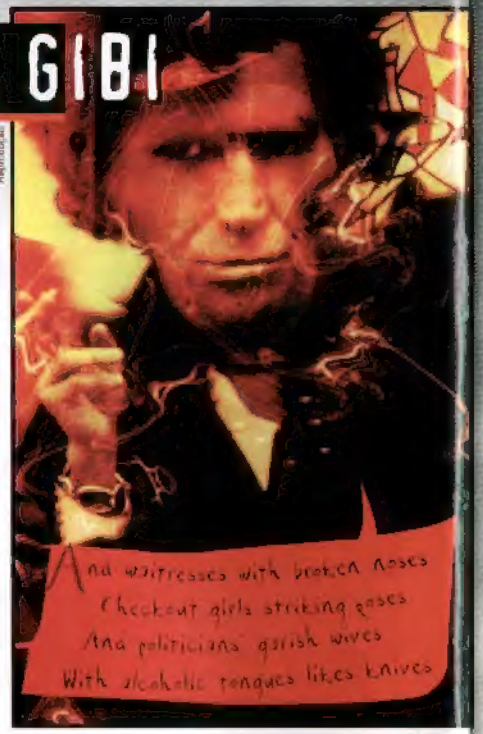
A revista *Musician* – editada por Flanagan – antecipou trechos do livro. Através de uma narrativa arrastada e repleta de minúcias técnicas, o autor faz um raio-X do processo de criação do grupo – "a banda retomou seu método original de composição: os quatro se trancam numa sala e tocam até que uma canção apareça". E revela detalhes da relação da banda com o megaprodutor Brian Eno, "um professor de filosofia".

Flanagan ainda revela o astral de Bono durante as gravações: "Ele estava naquele estranho estado mental, no qual a vida na estrada parece natural e vibrante. A vida em casa, real, é claustrofóbica e vazia."

Já Adam Clayton relembra o "buraco negro onde caímos depois de *The Joshua Tree*. Tudo explodiu. Aquela turnê foi uma merda. Gravar *Achtung Baby* também foi uma merda. Só a turnê *Zoo TV* conseguiu juntar os pedaços novamente." HÉLIO GOMES

# OUÇA ESTE GIBI




Reprodução

Você que foi ao show, ouviu o disco e assistiu aos clips agora não pode deixar de ler **ROLLING STONES – VOODOO LOUNGE**, tremendo trabalho conceitual de Dave Mckean, o responsável pelas capas de *Sandman* e por *comics* como *Batman: Asilo Arkham* e *Orquídea Negra*.

Em *Voodoo Lounge* Mckean mescla fotografias, desenhos e computação gráfica, oferecendo uma seqüência de imagens viajantes, acompanhadas por trechos de sete faixas do último álbum da banda, sem contar necessariamente uma história.

*Voodoo Lounge*, o gibi, marca também o primeiro lançamento conjunto entre uma editora americana e uma brasileira - Marvel e Abril Jovem - que publicaram a revista simultaneamente em julho. Se você ficou curioso, vale a pena correr até a banca para ver se sobrou algum exemplar.

# Cobaia para inglês ver

Rochelle Costi

Bernard Sumner, do New Order: criatividade a serviço do Prozac

Dizem que muitos *popstars* conseguiram sair da lama nos últimos anos graças a um remedinho chamado Prozac – uma droga que promete a felicidade eterna, sem causar danos ao organismo de quem a consome. O primeiro a assumir a história foi o líder do **NEW ORDER, BERNARD SUMNER**.

Ele foi convidado pela BBC a usar a droga durante oito semanas e serviu de cobaia para um especial sobre os efeitos do Prozac, no processo criativo de vários artistas. Sumner afirma que o bloqueio criativo que o impedia de escrever uma canção há um ano foi para o espaço graças ao Prozac. Quem quiser conferir o resultado da "inspiração prozaquiana", pode encomendar o novo álbum do Electronic – grupo de Sumner e do ex-guitarrista dos Smiths, Johnny Marr – e tirar suas conclusões.

# O HOMEM DE 100 MILHÕES DE DÓLARES

George tem motivos de sobra para sorrir: seu novo contrato entrou para a História

Depois de ter apelado à justiça – sem sucesso – para se livrar de seu contrato de seis anos com a Sony Music, finalmente **GEORGE MICHAEL** pode começar a cantar: "Freedom! Freedom!".

Isto porque George é o protagonista do mais espetacular caso de troca de gravadora de toda a história da música. O cantor pagará 40 milhões de dólares como multa pela rescisão do contrato. Outros 30 milhões de dólares deverão sair de um *Greatest Hits*, com os maiores sucessos de Michael no Wham!. A Sony ainda irá faturar 4% dos lucros obtidos pelos futuros lançamentos do artista.

Há dois anos, George Michael acionou a Sony judicialmente, alegando insatisfação com o trabalho da gravadora – ele achava o contrato restritivo. Perdeu e prometeu nunca mais gravar para a Sony. Livre, George pretende fazer um megashow para comemorar sua vitória pessoal. A apresentação deverá rolar em setembro na arena de Wembley, em Londres.

Os discos de George Michael passarão a ser distribuídos nos Estados Unidos pelo novo selo do conglomerado de entretenimento formado por David Geffen (aquele que teria casado com o ator Keanu Reeves), Jeffrey Katzemberg e Steven Spielberg – Dream Works SKG – e, no exterior, pela Virgin Records. George Michael passa a ser, portanto, o primeiro contratado de um novo selo que chega para surpreender a indústria pop. Afinal, a DreamWorks tem no comando o mesmo Geffen que lançou ou contratou nomes de peso, de Guns N'Roses a Nirvana, de Sonic Youth a Joni Mitchell, de Aerosmith a Beck.

**O cantor George Michael vai para a empresa de Steven Spielberg na mais espetacular troca de gravadoras na história da música pop**

# ENGRAÇADINHA

A deusa morena largou a vida confortável para cair na estrada, ao lado do Maskavo Roots: os fãs agradecem

JOANA LEWIS, 20 anos, é mais do que a porção "morena brejeira" da banda brasiliense MASKAVO ROOTS. É ela quem divide, ainda que timidamente, os vocais com Salsicha, em quase todas as faixas do primeiro disco da banda, *Maskavo Roots*, lançado pelo selo independente Banguela.

Se Joana é uma "dádiva" para os fãs do grupo, pode-se dizer que o Maskavo também é uma "dádiva" para Joana. Até ingressar no Maskavo Roots (banda na qual também toca o seu namorado, o guitarrista Carlos "Pinduca"), há dois anos, ela nunca tinha ouvido reggae. Conheceu o ritmo jamaicano através de Bob Marley e achou os Wailers "uma banda muito boa."

**A deliciosa Joana Lewis atiça a imaginação dos fãs do Maskavo Roots, uma das boas surpresas da música pop brasileira dos anos 90**

Depois de largar "casa, comida e roupa lavada" em Brasília e pôr o pé na estrada com o grupo, Joana ainda pensa na sua escolha: "Será que era isso mesmo que eu queria? Eu e seis meninos num caminhão?...".

Ela e seis meninos pode ser, mas num caminhão... é meio complicado, já que o Maskavo Roots acaba de assinar contrato com o mega empresário Manoel Poladian, que cuida da carreira de Jorge Ben Jor e Titãs.

Fotos: Ernesto [redacted]lan • Produção: Amauri Borguetti • Assistente: Claudia Cruz • Maquiagem: Carlos Ferraz (Truco I Capelli) • Blusa: Chopper • Top: Forum • Short: Marcelo Bonito • Sandália: Fernando Pires

# ...E A "BARRIGA" COMEÇA A CRESCER

A vocalista do Belly, Tanya Donelly (*acima*): séria candidata a símbolo sexual

Podem apostar suas fichas: o **BELLY** (em inglês, "barriga") tem tudo para ser uma das maiores sensações do novo rock americano. Liderado por Tanya Donelly – uma *babe* de cabelos loiros e divinos olhos verdes –, o Belly causou furor com seu álbum de estréia, *Star*, campeão nas paradas das *college radios* americanas. Mais: o grupo concorreu ao Grammy com o U2 na categoria alternativa (a banda irlandesa alternativa? Vá entender...) e Tanya recebeu um telefonema

## O Belly ganha as paradas e surge como a nova revelação do rock americano

de congratulações de Paul McCartney (sim, dos Beatles) pelo desempenho do grupo em *Star*. É mole?

Porém, nada disso mexe com a cabeça de Tanya. Enfurnada num quarto de hotel no interior dos Estados Unidos, ela fala, com exclusividade à BIZZ, sobre as gravações de *King*, segundo álbum do Belly, lançado no Brasil pela gravadora independente Natasha.

"Procuramos esquecer tudo: o sucesso de *Star*, a indicação ao Grammy e os elogios da crítica para gravar *King* com o máximo de cuidado", diz. O álbum foi produzido por Glyn Johns, que trabalhou, entre outros, com The Who e Led Zeppelin. Seria essa a causa do disco soar tão pesado?

"Chamamos Glyn pela experiência na produção. Ele nos fez gravar o disco como se estivéssemos num show ao vivo, pouca coisa foi adicionada à gravação. *King* soa mais pesado – é que passamos um ano e meio na estrada. Isto 'envenenou' as guitarras."

Tanya acha graça na definição "alternativa" dada ao Belly. "É que eles ainda não inventaram outra categoria para nos incluir (*risos*). O Belly é uma banda que faz um pop rock honesto. Mas deixe estar, ainda vão nos incluir em alguma categoria nova (*risos*)."

A líder da "barriga" ainda tem um lado místico. "Gosto de ler a Bíblia, apesar de não concordar com muita coisa que está escrita ali", manda. E qual o personagem bíblico que mais cativa Tanya? "Apesar de não estar na Bíblia, Lilith me fascina muito. Ela foi a primeira mulher de Adão e acabou expulsa do Paraíso porque não queria ser submissa ao mando. Sabe o que eu acho? Que nós somos a Lilith do rock."

## notas

**JIMMY PAGE** (foto) pagou um mico e mil dólares por fumar durante um vôo de San Francisco a Portland (é proibido fumar em vôos domésticos nos Estados Unidos). Page deu suas baforadas no banheiro, o que acionou o alarme "anti-fumo" em pleno vôo *** Os **ROLLING STONES** abalaram as estruturas de Amsterdã. Eles aportaram no tradicionalíssimo club Paradiso para gravar um show acústico, causando um congestionamento total na cidade

*** Nenhum cemitério de Washington aceita as cinzas de **KURT COBAIN**, temendo o assédio dos fãs do cantor. Segundo **COURTNEY LOVE**, os cemitérios pedem quantias absurdas para pagar a segurança *** **ARETHA FRANKLIN** deve 263 mil dólare numa loja de departamentos de Nova York. Ela ainda deve 700 mil dólares de impostos em Bloomfield Hills (Los Angeles), onde tem uma mansão.

# VOCÊ VAI OUVIR FALAR DE

## Pedro Mariano & João Marcelo Bôscoli

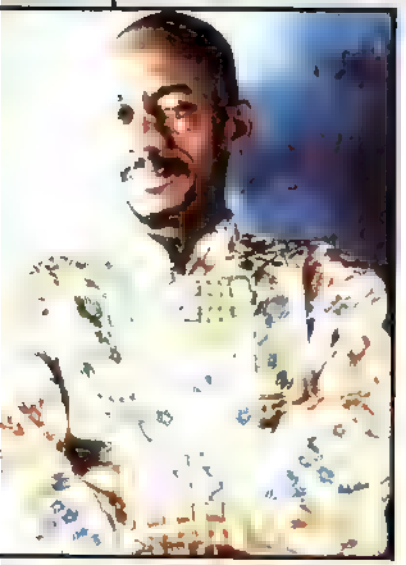
Ambos filhos da lendária cantora Elis Regina, **JOÃO MARCELO** nasceu do casamento com o jornalista bossa nova Ronaldo Bôscoli. **PEDRO MARIANO**, por sua vez, tem como pai o maestro e arranjador César Camargo Mariano. Com esse *background* familiar daria para imaginar outro destino para eles que não fosse a música?

João Marcelo foi baterista da banda de Jorge Ben Jor e tem um milionário contrato como diretor musical da DPZ. Desde novembro de 94 João apresenta o *Cia. Da Música*, que vai ao ar todas às terças, às 23h, pela CNT/Gazeta. O programa, um *mix* de shows, encontros musicais e entrevistas, pode parar na Globo – pelo menos é o que dizem por aí.

Pedro Mariano é mais *cool*. Fã de Michael Jackson e "de tudo que pintou no ano de 75 (*por coincidência, ano em que nasceu*)" e de cantar nos festivais, garantiu uma boa receptividade entre os fãs de Elis Regina, quando se apresentou num espetáculo em homenagem à mãe.

Contratados pela Sony Music, eles se trancafiaram no estúdio Mosh, em São Paulo, de onde devem sair com o primeiro álbum da *Cia. Da Música*. Entre as atrações, estão as regravações de "Noite Do Prazer" (sucesso dos anos 80 com o grupo Brilho) e "Como Nossos Pais", *hit* da mitológica progenitora.

# VOLTA FELINA



Luiz Melodia recria antigos sucessos em *Relíquias*

O "negro gato", **LUIZ MELODIA**, andava meio sumido. Projetado nos anos 70 como um cantor/compositor único, que mesclava a ginga do samba de morro carioca, com influências de pop, rock, funk e soul, já criou jóias como "Pérola Negra", "Farrapo Humano" e "Juventude Transviada". Ele agora ataca com *Relíquias*, álbum no qual regrava as canções acima e mais um punhado de hits.

Apreensivo com a receptividade que *Relíquias* vai obter, este carioca da gema, que agora mora na Gávea, está pouco à vontade com o cotidiano de sua cidade natal: "O Rio está em um clima de genocídio total."

Há solução para isso? "É difícil. Você tem que dar o básico, o que não é possível obter com salários baixos."

Além das preocupações com o Rio, Melodia não esconde o desapontamento com a música de hoje. "É difícil comentar o cenário musical atual. Há muita coisa ruim tocando nas rádios, músicas supérfluas. Não é algo que parece vir do coração, mas com interesses comerciais."

> **"Há muita coisa ruim nas rádios, músicas supérfluas. Não parecem vir do coração"**

Luiz destaca dois nomes da nova safra: "Skank e Cidade Negra, tanto que já gravei com as duas bandas". E Melô curte rap? "Gosto, mas não tenho discos em casa. Meu filho é que tem e escuta direto. Nem sei os nomes dos caras, mas curto o lance musical. A linguagem do rap é muito interessante, falando do dia-a-dia, da pobreza, da desigualdade, de maneira rápida e direta. Mesmo o *gangsta rap*, com toda a violência tem o seu valor. É a realidade dos caras e segure quem quiser. Eu curto..."

CELSO PUCCI

## NOTAS

### GUERRA NO HOLE

**COURTNEY LOVE**, a encrenqueira viúva de Kurt Cobain, proibiu o acesso da atriz **DREW BARRYMORE** aos camarins dos shows de seu grupo, o Hole. O motivo? Puro ciúmes da ex-sra. Cobain. Em todo show que Drew – namorada de Eric Erlandsen, guitarrista do Hole – aparece, ela rouba as atenções dos fotógrafos para si.

### ROQUEIRO ROUBA CASA REAL

**NICK MASON**, baterista do **PINK FLOYD**, comprou a mansão da nobre inglesa Camilla Parker-Bowles – aquela que é amante do Príncipe Charles. Mason pagou cerca de 750 mil dólares pela casa, além de promover uma sessão de autógrafos grátis para os novos vizinhos.

### SOPRENDO COM O REI

**ELVIS PRESLEY**, quem diria, virou pauta para *gourmets*. Nas Filipinas, um avião que pertenceu ao rei do rock foi transformado em restaurante. A nova "casa" para os fãs de Elvis é decorada com objetos pessoais do cantor, além de um disco de ouro, que Elvis obteve pelas vendagens de "Love Me Tender".

### WHITNEY CASA COM PASTOR

Ela não desiste. A cantora **WHITNEY HOUSTON** será a mulher de um pastor protestante – interpretado por Laurence Fishburne – em *The Bishop's Wife*, segunda tentativa dela de emplacar no cinema (a primeira foi *O Guarda Costas*, ao lado de Kevin Costner). O filme ainda traz no elenco Denzel Washington (o *Malcolm X*, de Spike Lee), na pele de um anjo.

# PARALAMAS DO CONGRESSO

O responsável por este ensaio dos tempos da ditadura foi o Procurador Geral da Câmara, deputado Bonifácio Andrada (PTB-MG), que subiu nas tamancas ao se deparar com versos como: "São 300 picaretas com anel de doutor/Papai, quando eu crescer, eu quero ser anão/Pra roubar, renunciar, voltar na próxima eleição".

A música foi inspirada numa declaração dada pelo presidente do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, em 93. Revoltado com a péssima atuação dos parlamentares na Câmara, Lula disse que havia "mais ou menos 300 picaretas no Congresso".

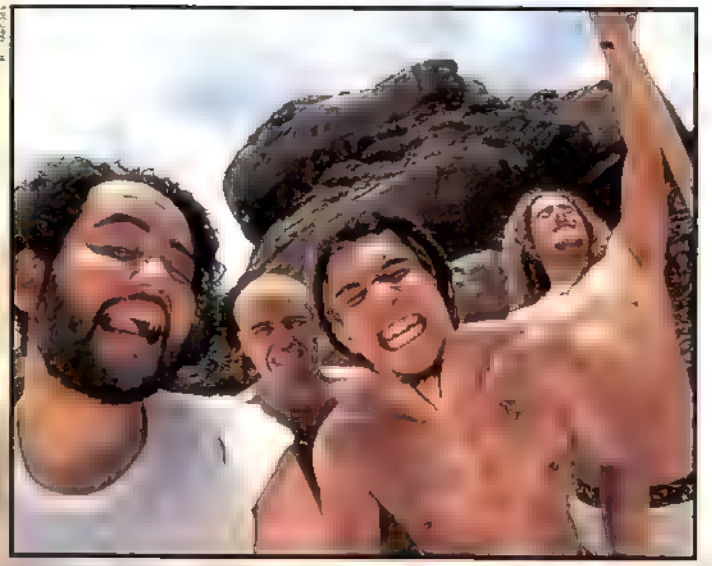
> **Deputados revivem os tempos da Censura e proíbem a execução da música "Luís Inácio (300 Picaretas)"**

A medida foi considerada inconstitucional pelo ministro Sepúlveda Pertence, do Superior Tribunal Federal. Bonifácio Andrada, então, processou o grupo por difamação. Melhor para os Paralamas. A polêmica ajudou a promover o disco *Vamo Baté Lata*. "Luiz Inácio" atingiu uma média altíssima de pedidos nas rádios. Depois da polêmica, o álbum vendeu 110 mil cópias em dez dias.

"Esta repercussão é ótima mas não é de interesse fundamental para o grupo", deixa bem claro Herbert Vianna, líder dos Paralamas e autor da música. "Este é um episódio de vida curta, a discussão que a música gerou agora pertence à sociedade", conclui.

Sem querer, os Paralamas ganharam as páginas dos jornais

# RAIMUNDOS NA PONTA DA AGULHA

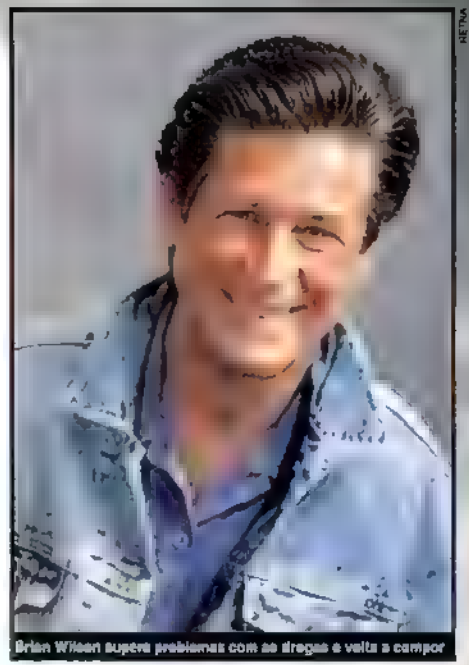


O grupo brasiliense grava com o mesmo produtor do AC/DC

Sai em outubro o novo disco dos **RAIMUNDOS**, o primeiro na nova gravadora, a Warner. O álbum, ainda sem título definido, é produzido pelo americano Mark Dearnley, que já trabalhou com grandes nomes do heavy metal e do hard rock como AC/DC, Black Sabbath e Def Leppard. A banda quer conservar a mesma porradaria e irreverência que a consagrou em 94, mas desta vez "com um nível gringo para competir no mercado internacional", como conta o guitarrista Digão. O segundo álbum da banda será mixado em Los Angeles.

Algumas músicas, provavelmente *bonus tracks*, serão cantadas em inglês e visam conquistar o mercado internacional. Principalmente países como Argentina, Alemanha e França, onde os Raimundos já alcançaram uma certa projeção.

# A VOLTA DO MALUCO



Brian Wilson supera problemas com as drogas e volta a compor

**BRIAN WILSON**, ídolo de astros como Renato Russo, está de volta, depois de anos de problemas mentais, envolvimento com drogas e brigas na justiça. Ele lançou um disco chamado *Orange Crate Heart*, e se reconciliou com os Beach Boys.

Este renascimento de Brian se deve em parte à amizade com o produtor Don Was – o mesmo do seminal *Voodoo Lounge*, dos Rolling Stones. Was também produziu um documentário sobre Brian, chamado *I Just Wasn t Made For These Times*. Para o filme foi formada uma superbanda, com a participação de Tom Petty, John Cale e Thurston Moore (do Sonic Youth). Ao lado deles, Brian canta novas versões de antigos hits, como "The Warmth Of The Sun" e "Caroline No" No final, Brian se reúne às filhas Wendy e Carnie, ex-Wilson Phillips, para uma versão de "Do It Again'

No momento, acaba de ser lançado nos Estados Unidos *The Nearest Faraway Place*, relato definitivo sobre os Beach Boys. O livro foi escrito por Timothy White, o mesmo de *Catch A Fire* a superlativa biografia de Bob Marley

*PAULO CAVALCANTI*

## "IÚBI" EM VÔO SOLO

Ali Campbell: sucesso em disco, sem precisar dividir os louros com os ex-colegas do UB40

Saber como diferenciar os irmãos Robin e Ali Campbell (que há dezoito anos cuidam dos rumos do UB40) é um dilema mais cabeludo do que descobrir quem é quem nas duplas sertanejas. Era, porque com o lançamento de *Big Love*, primeiro trabalho solo de **ALI CAMPBELL**, percebe-se que ele é o loirinho, cantor da maioria das músicas e, como bem mostra em seu álbum de estréia, o mais talentoso dos brothers Campbell.

*Big Love* vem puxado pela romântica "That Look In Your Eyes", balada que gruda mais que chiclete em dia de verão. Ali ainda mostra versatilidade ao cantar musicas de Stevie Wonder ("Happiness' ), Jimmy Cliff ("Let Your Yeah Be Yeah"), além de perpretar um singelo duelo com a filha Kibbi em "Something Stupid", regravação do dueto entre Frank e Nancy Sinatra. Para homenagear o UB40, o cantor deu uma nova cara para "You Could Meet Somebody", sucesso de 86.

SMASH. O SORVETE COM MUITO CHOCOLATE NESTLÉ POR FORA MUITO SORVETE DE CHOCOLATE POR DENTRO. E MUITO CARAMELO.

Nestlé Yopa
Prazer irresistível

# MICHAEL JACKSON "ADOTA" TRÊS NINFETAS

Estas três gatas fizeram Michael Jackson deixar os garotinhos

Nem só de escândalos sexuais é feita a vida de Michael Jackson. O maior fenômeno da música pop é dotado de um olho clínico fora do comum para descobrir novos talentos. Uma dessas revelações acaba de chegar ao Brasil via Sony Music: trata-se do trio vocal **BROWNSTONE**, cujo álbum de estréia – chamado *From The Bottom Up* – arrepiou nas primeiras colocações da parada americana.

O Brownstone é formado por três ninfetas, Maxee, Nicci e Mimi, que foram descobertas através de um show de talentos. Michael ajudou as meninas, dando um toque nelas (epa!) durante as gravações de *From The Bottom Up*. "A presença de Michael foi muito importante. Ele nos orientou bastante na hora dos arranjos vocais", conta Mimi, de Los Angeles, com exclusividade à BIZZ.

Um dos destaques do álbum do Brownstone é a versão para "I Can t Tell You Why", sucesso do grupo The Eagles, decanos da mistura rock e country. "Eu não conhecia a gravação dos caras porque a idéia de fazer uma versão da música surgiu do nosso produtor", confessa Mimi

Mimi está espantada com o sucesso repentino do trio, mas já pensa em vôos mais altos: "Nosso próximo disco deverá ser produzido por Babyface (*produtor de gente como Boyz II Men e Madonna*). Ele é o melhor."

# GANGSTA À BRASILEIRA

Piveti mostra a realidade do rap brasileiro em curta-metragem

A violência exibida em filmes como *Perigo Para A Sociedade* e *Os Donos Da Rua* é bem estilizada, pretensamente verdadeira, mas só assusta mesmo o público americano. No Brasil há locais como Parelheiros e Cantinho do Céu (ambos na zona sul de São Paulo), que deixariam supostos *gangstas*, como Snoopy Doggy Dogg e Tupac Shakur, morrendo de medo

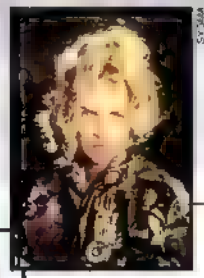
Mostrar essa realidade da periferia paulistana é um dos objetivos da diretora Andréa Seligman, de 24 anos, no curta-metragem *Onde São Paulo Acaba*. Estrelado pelo *rapper* **PIVETI** (que se diz o único *gangsta* brasileiro), o filme mostra o dia-a-dia de dois amigos que vivem no subúrbio da cidade, entre drogas, assaltos e violência policial

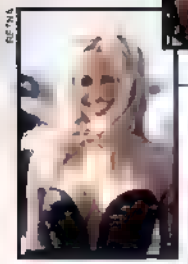
*Onde São Paulo Acaba* será exibido de 24 de agosto a 3 de setembro nas seguintes salas: Espaço Banco Nacional de Cinema, Centro Cultural São Paulo e Museu da Imagem e do Som.

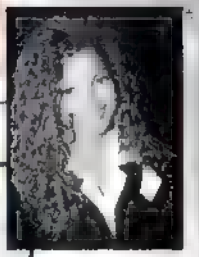
A ciência se dedica a temas incompreensíveis
para a maioria das pessoas.
Circuit training é apenas um deles.
adidas
the brand with the three stripes

# O PREÇO DA FAMA

**Um balanço no pregão do comércio de fotos autografadas**

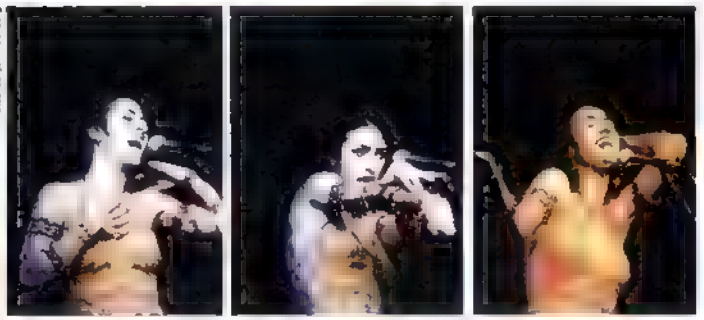






Madonna - US$ 250
Bruce Springsteen - US$ 200
Sharon Stone - US$ 75
Jon Bon Jovi - US$ 45
Pamela Anderson - US$ 55
Drew Barrymore - US$ 45
Janet Jackson - US$ 65
Sheryl Crow - US$ 35
Eric Clapton - US$ 75
Elton John - US$ 75

# A APOTHOSE DO CLIP NACIONAL



**Versão brazuca do badalado MTV Video Music Awards, numa festa com shows de Marisa Monte, Paralamas e Sepultura**

Finalmente a música pop brasileira terá sua grande premiação. Trata-se da versão nacional do MTV VIDEO MUSIC AWARDS, que vai rolar no dia 31 de agosto no Memorial da América Latina (em São Paulo).

Realizado nos mesmos moldes do evento americano, o MTV Video Music Awards Brasil faz parte das comemorações de aniversário dos cinco anos da emissora e vai premiar onze categorias, entre elas melhor clip de MPB, pop e rap, além de categorias técnicas como melhor direção e fotografia. Os cinco finalistas serão escolhidos por um júri de 99 pessoas, entre músicos, jornalistas e até mesmo jogadores de futebol.

Aos telespectadores da emissora caberá escolher o *Viewers' Choice*, um dos prêmios mais importantes da categoria. O artista premiado pelo público irá receber o astronauta de prata na versão gringa do MTV Video Music Awards, em Nova York.

A festa da MTV também promete seis apresentações especiais. Até o fechamento desta edição estavam confirmados os nomes de Marisa Monte (*foto*), Paralamas Do Sucesso (ao lado de Carlinhos Brown e Djavan) e Sepultura, que virá de Los Angeles para tocar no evento.


RUNNING

TENNIS

the brand with the three stripes adidas

CROSSTRAINING

BASKET

# DATAS

**28/06** O "maluco beleza" **RAUL SEIXAS** completaria 50 anos. A data foi lembrada em todo o Brasil pela enorme legião de fãs de Raulzito. O mito foi relembrado num *Rockstória* produzido pela MTV e várias notícias sobre lançamentos de livros e discos foram divulgadas. Aguardem novidades.

**05/07** O show do **GRATEFUL DEAD**, em Wentzville, Missouri, deixou um saldo de cem feridos. Um alpendre de madeira desabou durante sobre os fãs numa tempestade. Outras duas mortes, por *overdose* de drogas, já haviam ocorrido no mesmo dia.

**22/08** Há trinta anos foi ao ar pela TV Record o primeiro programa **JOVEM GUARDA**, liderado por Roberto e Erasmo Carlos. Para comemorar a data, as gravadoras PolyGram e Sony lançam pacotes de CDs e ressuscitam nomes como Jerry Adriani, Wanderley Cardoso, Vanusa, o "príncipe" Ronnie Von, o "goiabão" Eduardo Araújo e a "ternurinha" Wanderléia.

Sergio Caffé

**09/07** O baterista do **SEPULTURA, IGOR CAVALERA**, 24 anos, casou-se com Monika Bass, 26, na sinagoga da Congregação Israelita Paulista em cerimônia celebrada pelo rabino Henry Sobel. Cavalera fez um curso de um ano sobre judaísmo, além da circuncisão. O "metaleiro" usou um traje inspirado nos figurinos do filme *Minha Amada Imortal* (biografia do compositor Ludwig Van Beethoven).

**28 e 29/08** O trio **CYPRESS HILL**, cujas letras defendem a liberação da maconha, se apresentará em São Paulo. No dia 30, o grupo fará uma única apresentação no Rio de Janeiro. A abertura dos shows do rap ficará a cargo do **PLANET HEMP**, grupo brasileiro que faz apologia à *ganja*. Até o fechamento desta edição, os locais das apresentações não haviam sido divulgados.

**27/10** Há trinta anos, o maior grupo de pop rock do mundo, os **BEATLES** recebia das mãos da Rainha Elizabeth comendas da Ordem Do Império Britânico. O grupo foi descoberto em 62 pelo produtor George Martin e desde então seguiu uma carreira de sucessos e vendas estratosféricas, até a sua dissolução, em 70.

# EM BREVE

## RINGO STARR

Depois de Paul McCartney, mais um ex-Beatle desembarca no Brasil para fazer shows. **RINGO STARR** (foto) toca nos dias 17 e 18 de setembro, em São Paulo e no dia 19, no Rio de Janeiro. Até o fechamento desta edição, ainda não haviam sido confirmados os locais dos shows do ex-Beatle. Ringo vem acompanhado da All Star Band que entre outras feras, traz o baixista John Entwistle (The Who), o guitarrista Mark Farmer (ex-Grand Funk Railroad) e o tecladista Billy Preston (Beatles, Stones e outros).

## BARRY WHITE

O rei dos travesseiros, **BARRY WHITE**, vem ao Brasil em setembro lançar seu disco, *Barry White & Love Unlimited Orchestra*. O dono da voz mais poderosa do mundo solta o gogó ao vivo em oito apresentações pelo Brasil. White se apresenta dias 21, 22 e 23 em Belém, 25, 26 e 27 no Olympia, em São Paulo e dias 29 e 30 no Metropolitan, Rio de Janeiro, cidade que inspirou (sem que ele tivesse pisado em solo carioca) seu hit mais conhecido, a música "Rio De Janeiro".

# OUÇA ESSA

**"Eu adoro seios femininos, adoro corpo de mulher, eu só não gosto de vaginas. Eu não consigo ficar (*de pênis*) duro" • BOY GEORGE,** na revista Q

"Eu não tenho medo de admitir que me odeio" • **CHRIS ROBINSON (THE BLACK CROWES)**, na *Kerrang!*

" Podem fazer o favor de censurar toda a coleção da Legião quando sair" • **DADO VILLA-LOBOS (LEGIÃO URBANA)**, comentando a censura da música "Luis Inácio (300 Picaretas)", no jornal O *Globo*

"Eu senti como se uma bola de boliche me atingisse" • **BILL BERRY (R.E.M)** falando sobre o aneurisma que sofreu em pleno palco, há três meses, na Q

"Tem muita gente que diz – e não sem razão – que se você acha que existe algo melhor que sexo, você nunca fez bom sexo. Eu colocaria alho, chocolate e, com certeza, champagne no topo da minha lista" • **HEATHER LOCKLEAR** (do seriado televisivo *MELROSE*), na *US*

"Que eu sou Tina Turner" • **JON BON JOVI** respondendo à pergunta "O que você pensa quando avalia seus cortes de cabelo de 83 até agora?", na *Interview* americana

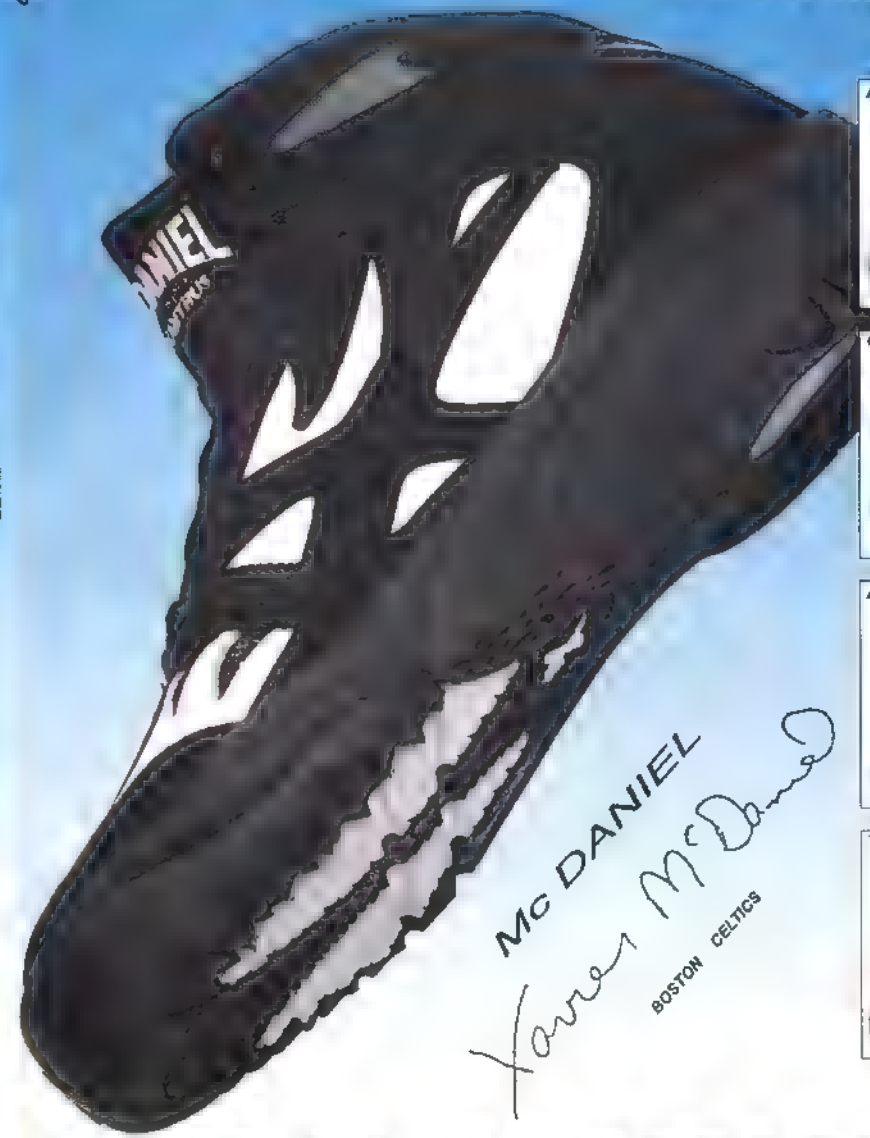
"Ele é um ser humano e foi julgado como tal, não como um profissional" • O rabino **HENRY SOBEL** comentando a conversão de **IGOR CAVALERA (SEPULTURA)** ao judaísmo, na *Folha De S. Paulo*

"Sabe o casamento da filha do (*dono do banco*) Safra? Foi igual. Só que no meu tinha uns maloqueiros" • **MONIKA BASS** comparando sua festa de casamento com o músico **IGOR CAVALERA**, na *Veja São Paulo*

"A gente nunca sabe" • **KEANU REEVES** respondendo à pergunta "Você é gay?", na *Vanity Fair*

"É o Kurt Cobain vestindo Armani" • **COURTNEY LOVE** falando sobre Brad Pitt, no *Jornal Do Brasil*


NO DRUGS NO ABUSE CLEAN AIR PEACE



IMPERIAL

CRUSHER

REBEL

TERRAIN

Mc DANIEL

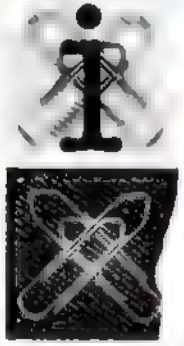
BOSTON CELTICS

XANTHUS

TRAXART LEPOMGAN
REPRESENTANTE EXCLUSIVO NO BRASIL
TELS.(011)61-1877 / 543-4371 / 531-0057 FAX:(011)531-9901

REPRESENTANTES: RS/SC - FRANKLIN, VIECCELI -TELS.(051)222-9070 / 222-6880 FAX(051)348-1515 • PR - CELACANTO REP. COM. - TEL/FAX(041)256-2561

IMPORTAÇÃO SOB LICENÇA DE JF WORLD INC. - NEW JERSEY - U.S.A.



## O *hype* do mês

Ninguém segura essa islandesa! Marcando presença com o lançamento de seu segundo álbum, *Post*, **Björk** emplacou nada menos que quatro capas de revista no último mês – *The Face*, *Pulse!*, *Les Inrockuptibles* e *Raygun* –, e de quebra ainda ganhou entrevistas na *Rolling Stone*, *Q* e *Entertainment Weekly*. O "filé mignon" da história foi oferecido pela *The Face*: uma "irmã gêmea" de Björk, criada pelo fotógrafo Andrea Giacobbe. Será demais para você?

## Maluco beleza

O maior humorista negro dos anos 70 resolveu abrir as portas de sua clausura e revelar toda sua dor e arrependimento à *Vibe* Depois de entregar-se a cocaína e a uma turbulenta vida amorosa, **Richard Pryor** vive hoje

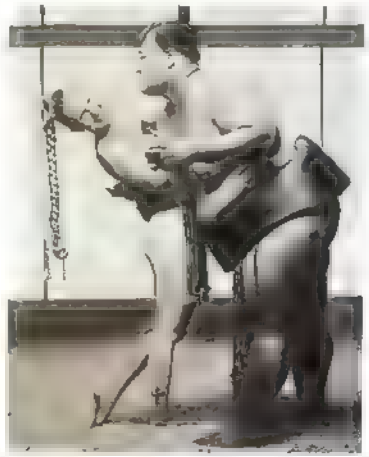
trancafiado em sua casa, nocauteado pela temível esclerose múltipla. "Me senti muito mal quando percebi que tinha realmente me tornado um viciado Eu pensava que aquela dama (*a cocaína*) era incapaz de ser má comigo. Afinal, ela era uma dama " Pobre Pryor

## Mangue beat para exportação

Muitas pessoas do mundo da música consideram o tímido sucesso de **Chico Science** e sua **Nação Zumbi** no Brasil uma grande injustiça Se depender dos primeiros sinais da incursão de Chico no primeiro mundo, essa situação tem tudo para se reverter Na mesma semana em que os pernambucanos apresentaram-se no Central Park nova-iorquino a *Option* publicou uma entrevista com o bando. Pelo jeito a mistura de maracatu e rock perpretada por Chico agradou em cheio os gringos

## Selvagem como ninguém

**Drew Barrymore** – para quem não se lembra, a menininha de *E.T. - O Extraterrestre* que costumava enfiar o



pé na jaca desde a mais tenra idade – iluminou as páginas da *Rolling Stone* com sua beleza estonteante e todo o frescor de seus 21 anos Sorte do namorado da moça, Eric Erlandson, guitarrista do Hole, a banda de Courtney Love. Como já dizia o velho sábio, a inveja é mesmo uma merda.

*Helio Gomes*



VALENCIA
IMPORTED

THE AUTHENTIC MACHINE

Tel.:
(011) 291-6792
Fax.:
(011) 232-7506

VALENCIA

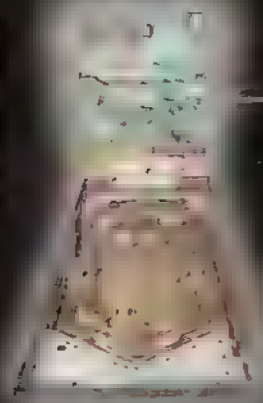
# ENJOY IT

## PINBALL WIZARD

**STAR TREK – THE NEW GENEREATION*** Mais um item de consumo da série futurista. O destaque da máquina é a saída da bola que percorre uma espécie de montanha-russa para começar a jogatina. **R$ 2500**

**INDIANA JONES*** Destaque da nova geração de *games*. Milhares de fases e inúmeras alternativas. Requer prática e habilidade para descobrir todos os segredos da máquina. **R$ 3000**

**EXHIBIT SUPPLY CO.** Raridade de 1935. Quase "manual", a máquina é feita de madeira e de aço. Para colecionadores ou decoradores, já que o funcionamento é precário. **R$ 3500**

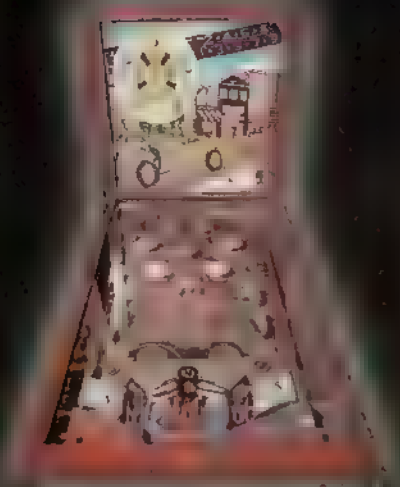


**BONNIE 70** Inspirada no casal de bandidos Bonnie & Clyde, o negócio aqui é acertar os adversários da Bonnie para ganhar pontos. Produzida em 70. **R$ 750**

Elton John ( à esq.) e o Who em cena do filme Tommy

**DERBY KING** Fliper "das antigas", 1939. A máquina simula uma espécie de corrida de cavalos. Totalmente cool. **R$ 3000**

**ADDAMS FAMILY*** Com lançador de bola manual, é um pouco antiqüada e lembra um trem fantasma de parque de diversões do interior. Mas o charme é exatamente esse: um certo clima de filme B. **R$ 2500**



**SNAFU** Ingênua como os anos dourados, o jogo rola à bordo de um conversível com três *playboys*, que simplesmente tiram a maior onda pela "cidade". Feita em 55. **R$ 850**

**DIRTY HARRY*** Muitos efeitos sonoros, tiros, sirenes e até perseguição de carros. A música tema do filme dá o clima de ação do eterno durão, Clint Eastwood. **R$ 2500**

**ONDE ACHAR:** *PARK LAND: R. Piracicaba 297, Cotia SP. Fone: (0 11) 493 6833
ANTIQUUS APPARATOS: R. Inácio Pereira da Rocha 422, São Paulo SP. Fone: (011) 212-6 26

# INGLESES ALUCINAM em festival de verão

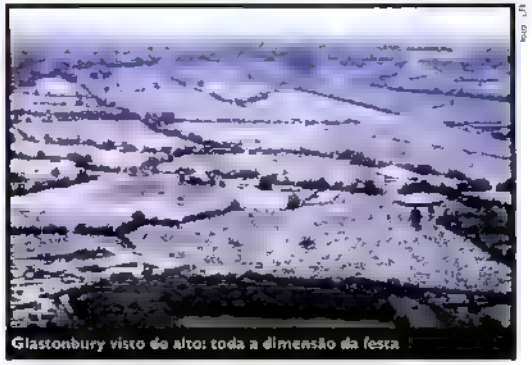
Temperatura máxima: milhares de jovens barbarizaram durante os três dias de Glastonbury

O auge do verão inglês, muito sol, as maiores atrações do cenário pop atual, vinte palcos (o principal em forma de pirâmide), milhares de jovens, *sound systems*, acampamentos, cabelos coloridos, máscaras dos caras do Oasis, ecstasy, *body piercings*, pinturas sobre o corpo e muita liberdade e animação. Esse foi o retrato do 25º aniversário do festival de Glastonbury, o maior do verão britânico, que rolou no vale homônimo (a quatro horas de Londres), durante os três dias do último final de semana de junho.

Nas primeiras edições do festival, considerado o grande ponto de encontro dos *hippies* no apogeu do movimento bicho-grilo, hoje o que se vê em Glastonbury (um vale que um dia também foi habitado por druidas), é o símbolo do ideal da sociedade jovem inglesa: gente (de preferência chapada) de várias tribos convivendo harmoniosamente no mesmo lugar. Em meio a boatos que esta seria a última edição do festival, o Glastonbury 95 teve de tudo. Entre performances circenses, grupos de teatro, *travellers* e outras esquisitices, passaram por lá atrações de todas as tendências como , Sinéad O' Connor, Soul Asylum, The Black Crowes, Oasis, Page & Plant, Offspring, The Cure e outros, totalizando aproximadamente cinquenta shows.

O Oasis foi um dos destaques entre os quase 50 shows do festival

Embalos de domingo à tarde: ecstasy, música e piração



Glastonbury visto do alto: toda a dimensão da festa

Mas os grandes destaques foram mesmo os *beats* e *bits* eletrônicos liderados pelo *trance*, *house*, *jungle*, ecstasy e outros alucinógenos. Na tenda dance e no palco destinado ao *Jazz World* (com as bandas Portished e Massive Attack), se concentrou grande parte da galera mais louca e agitada do festival. Resultado: Glastonbury acabou se transformando numa grande rave com 72 horas de duração e um marco determinante para caracterizar uma geração.

# BISPO COMPRA TEMPLO DO ROCK INGLÊS

Edir Macedo pagou US$7,2 milhões pelo Brixton Academy

## BRIXTON

**Nem Bob Dylan, U2 ou Rolling Stones. O palco do Brixton Academy, lendária casa de shows inglesa, cenário de espetáculos inesquecíveis da história do rock, agora vai ser ocupado pela ladainha do bispo brasileiro Edir Macedo e seu enxame de pastores da Igreja Universal do Reino de Deus.**

**O local com capacidade para quatro mil pessoas e tradicional templo do rock de Brixton (ao sul de Londres) foi comprado por US$ 7,2 milhões de dólares (preço muito acima do mercado) e a partir de janeiro começa a funcionar como sede dos evangélicos britânicos.**

**Antes da oficialização da venda do Brixton Academy, aconteceram várias manifestações em frente ao lugar contra a negociação e a transformação da casa de rock em ponto para fanáticos religiosos. Nenhum grande astro roqueiro participou do movimento. Explica-se: na realidade, o fechamento do Brixton Academy não afetou o vasto cenário do rock inglês. Só em Londres, existem 150 casas de shows em atividade.**

**Enquanto isso, no Rio de Janeiro, que ao contrário de Londres não tem sequer 10 locais decentes para a realização de shows, o mesmo Edir Macedo, até o fechamento desta edição, queria arrematar mais uma casa de espetáculos, para transformá-la em "centro de lavagem cerebral". O alvo é o Imperator, que recebeu boa parte das atrações roqueiras internacionais que passaram pela cidade nos últimos tempos, desativada desde de julho.**

# 10 + 1 perguntas para DAVID BOWIE

**Quando vimos o nosso herói pela última vez, o selo Savage, da gravadora RCA – por onde saiu *Black Tie, White Noise*, disco que prometia reabilitar suas credenciais artísticas – sucumbiu por um incontrolável mal gerenciamento e faliu.**

**Agora, contratado da Virgin, David Bowie volta com a ajuda do velho amigo Brian Eno – com quem fez os discos mais importantes de sua carreira, no fim dos anos 70 –, via *Outside*, álbum no qual ele encarna sete personagens diferentes.**

**É um Bowie revigorado, no mínimo, que explica seu plano de vôo numa ampla suíte do hotel mais *hip* de Los Angeles, o Chateau Marmont.**

**Três anos atras, você disse que não descartava idéia de criar um novo Ziggy Stardust. E, de repente, você inventa sete novos personagens.**
É tão mais fácil inventar sete do que apenas um (*risos*). Principalmente no caso da história contada em *Outside*, onde existe toda uma cidade, como acontecia em *Diamond Dogs*.

**Você já estava bolando esses personagens à época de *Black Tie, White Noise*?**
Não! Não mesmo! Eu estava aberto para a idéia de criar novos personagens, mas foi só quando comecei a trabalhar com Brian (*Eno*) no disco que descobri como tudo seria.

**Foi, portanto, uma conseqüência do seu processo de trabalho com Eno?**
Tudo resultou de uma série de cartas que Brian e eu mandamos um para o outro, falando de tudo aquilo que sentíamos falta na música popular, meio que uns manifestos pobres que escrevíamos um para o outro. E a partir dali íamos traçando os parâmetros do que gostaríamos de fazer, caso fossemos juntos ao estúdio, mais uma vez.

**E que parâmetros eram esses?**
De início, trabalhar com músicos que não se importassem com idéias e opiniões diferentes dos deles, que não se importassem com conceitos musicais mas abstratos.

**Como suas idéias musicais diferem das de Brian Eno?**
Somos ambos obstinados, o que provavelmente produz uma química interessante. Brian é particularmente um minimalista, ele gosta de trabalhar com quatro ou cinco notas e ver onde consegue chegar. Eu não sou um minimalista (*risos*)! Sou muito mais sentimental do que ele, gosto quando a arte tem um impulso emocional. Não sou *sixties* o bastante para dizer que o que você ouve é o que eu sou, me considero meramente o autor.

**Pode continuar traçando as diferenças.**
Eu reajo de uma maneira intuitiva. Brian vem de um *métier* conceitualista, foi treinado formalmente em belas artes, só se meteu com música por achar que aquela seria uma maneira interessante de fazer sua arte. Se você *for* ouvir hoje os primeiros álbuns do Roxy Music, vai encontrar muitos elementos de grande arte adaptados em forma de música.

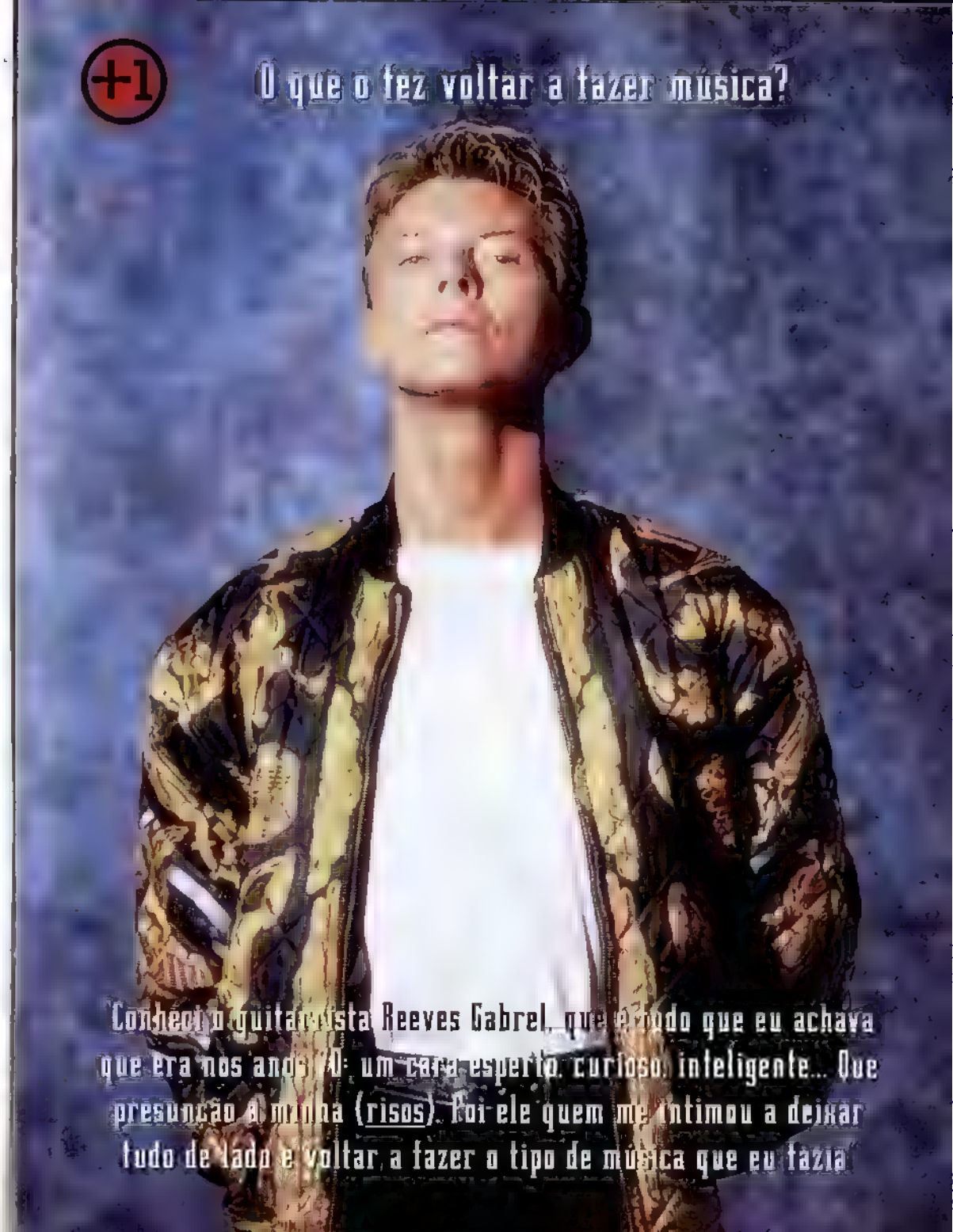
**Quais foram as conclusões desses manifestos, por escrito ou em conversas?**
Nenhum de nós se sentiu confortável com a década de 80. Tanto que fomos cada um para um lado, nos distanciamos. Ele começou a dar palestras – e agora acabou de ser nomeado professor associado numa escola de arte em Dusseldorf (*na Alemanha*). Só falta ele vestir um paletó de tweed com couro nos cotovelos (*pausa*). Careca ele já é (*risos*).

**Você poderia dar exemplos de faixas do disco mais ligadas ao seu jeito de trabalhar e, por outro lado, das mais influenciadas de Brian Eno?**
Por exemplo, algo como "A Small Plot Of Land", que é a terceira faixa, é cheia de camadas e tem uma estrutura bastante complicada, é típica da maneira como eu me expressaria. No final do disco tem "Wishful Beginnings", que é só minha voz e dois instrumentos, que é bem formalmente a maneira como Brian trabalha.

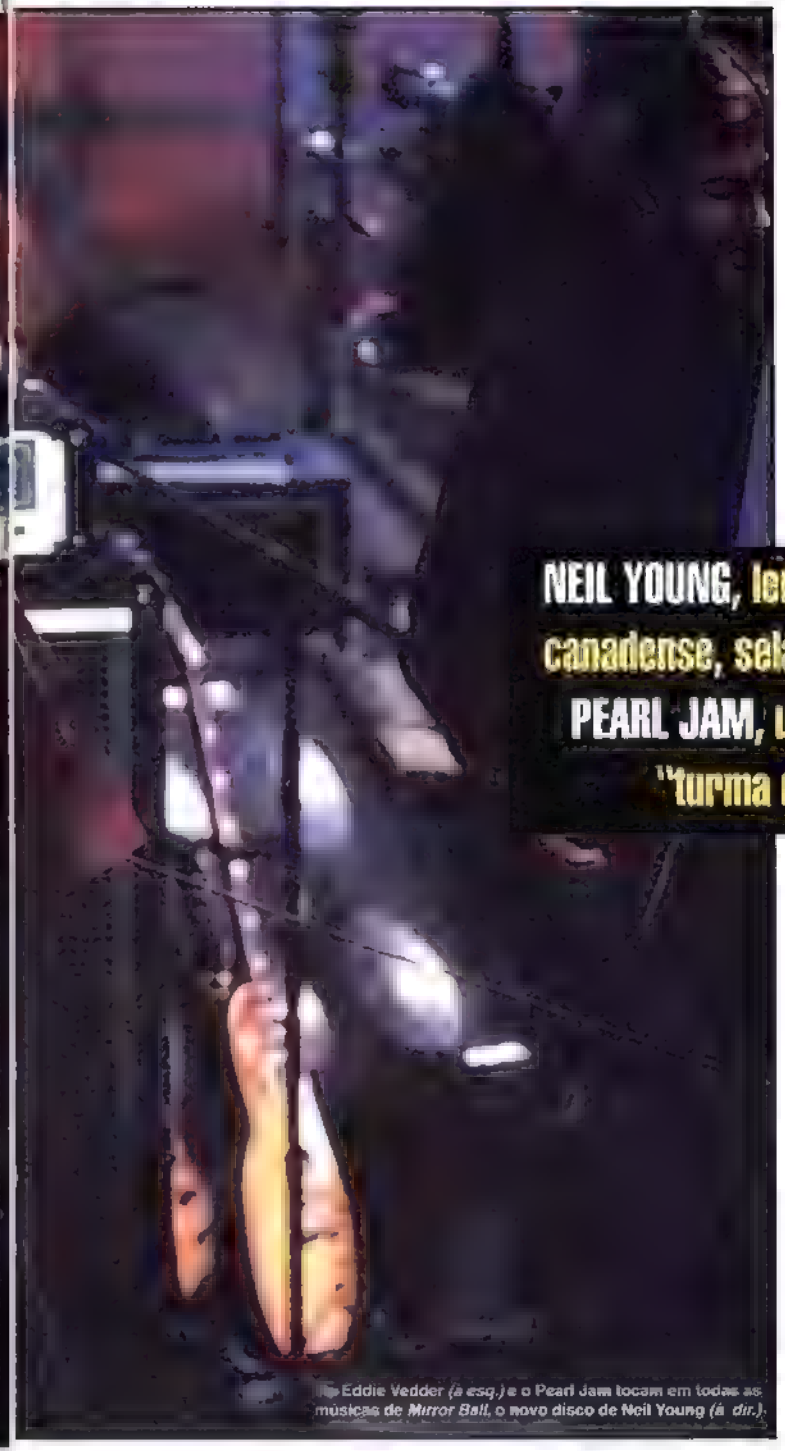
**Seu trabalho com Brian Eno marca uma fase – de *Low* (77) a *Lodger* (79) – que é talvez a favorita de seus fãs. A que você atribuiria essa preferência?**
Esse bloco de álbuns – e aí eu incluiria também *Scary Monsters* (80) – é representativo de um determinado estado de espírito. O fato de eu estar me associando a Brian de novo leva a uma repetição – ou a uma reavaliação – daquela maneira de trabalhar.

**Você fala de desconstrutivismo, isso me lembra como você compôs muitas das letras de *Outside*, reorganizando os versos através de um computador.**
Sempre trabalhei assim, e nunca achei problemático. Sempre achei que tivesse um pé em cada lado: tenho uma veia romântica do final do século 19, mas uma outra parte de mim tem uma enorme afinidade com escritores como Jack Kerouac e William Burroughs. Por isso, acho que virei um pluralista durante os anos 70, funcionando dentro de uma esquizofrenia cultural. E eu me sentia muito confortável.

*José Emilio Rondeau*



# ROCK IMORTAL UNE DUAS GERAÇÕES



Eddie Vedder *(à esq.)* e o Pearl Jam tocam em todas as músicas de *Mirror Ball*, o novo disco de Neil Young *(à dir.)*.

## NEIL YOUNG, lendário guitarrista canadense, sela sua união com o PEARL JAM, um dos ícones da "turma de Seattle"

Fim de junho. Show do Pearl Jam em San Francisco. O clima de verão que pairava sobre a cidade transformava o típico vento frio da baía local numa brisa agradável. Cinqüenta mil pessoas lotavam o Golden Gate Park, a imprensa mundial focalizava aquilo que os promotores do espetáculo chamavam de "o show de rock do ano". Mas a tarde ensolarada reservava surpresas que nem o mais perspicaz dos "homens do *showbiz*" poderia prever.

Eddie Vedder sobe no palco e mais uma vez solta a voz à frente do Pearl Jam. Quinta música. O vocalista sai do *set* alegando estar passando mal e é levado de ambulância para o hospital mais próximo. Vedder vomitava muito. Branco na platéia, nos organizadores do show, nos integrantes do Pearl Jam.

Luz em uma das maiores lendas da história do rock. Neil Young, que faria uma participação especial no bis. Dois dias antes do lançamento do seu 38º disco, *Mirror Ball*, no qual o Pearl Jam substituiu a banda Crazy Horse e tocou em todas as músicas, a estrela de Young brilha mais uma vez. Após meia hora de exercícios para não agravar seus problemas na coluna – sinal dos 49 anos de idade e seqüela da pólio que teve quando criança –, o "velhinho" entra no palco, assume o microfone e salva a pátria com duas horas brilhantes de sucessos e uma execução antecipada de seu novo trabalho. O público vai ao delírio, a imprensa atinge o nirvana.

Neil está mais jovem, revigorado. O Pearl Jam, sem as crises temperamentais de Eddie Vedder, parece maduro e eficiente como nunca. O cruzamento das duas gerações soa harmonicamente perfeito. Diferença de idade? "Na música essa observação não faz sentido", interpela Neil. Além do mais em várias ocasiões, eu sinto que o Pearl ▶

**Por Robert Halfon & Detlef Diederichsen (de San Francisco)**

Neil Young [illegible] San Francisco, em 94

## "Ele é fabuloso... trabalhar com o cara é simplesmente surreal" (Stone Gossard, do Pearl Jam, sobre Neil Young)

Jam é mais velho do que eu. A maneira que eles tocam não tem idade", completa

Dia do lançamento de *Mirror Ball*. Num restaurante afastado, localizado numa montanha a cerca de cinqüenta quilômetros ao sul de San Francisco, Neil Young recebe a BIZZ para uma entrevista exclusiva. Sem tirar os óculos, Young parece frio, porém educado. Suas palavras fluem devagar e aos poucos vai se revelando uma pessoa amigável e de coração aberto. Procura sempre as melhores respostas e discute sobre qualquer assunto, exceto Kurt Cobain. Mesmo tendo escrito e gravado o poema "Fallen Angel" em memória de Kurt. "O episódio está muito próximo. Talvez fale dele daqui a cinco ou dez anos", justifica. Young ainda sente a perda de uma das suas "inspirações para continuar a fazer música". Uma admiração recíproca vinda de Cobain. Na carta que escreveu pouco antes de se matar, o ídolo grunge cita versos da música "Hey, Hey, My, My (Out Of The Blue)", no seu discurso emocionado.

A influência de Young no movimento grunge, no entanto, obviamente não se restringe ao Nirvana. Além de Pearl Jam, Soundgarden e Alice In Chains declaram abertamente sua admiração por quem a imprensa chama de "mestre do grunge". Fácil de entender. Young é rock na essência. Um dos músicos que melhor conseguiu traduzir o que rock realmente significa. Um cavalo indomável, que traz uma surpresa a cada segundo. Young é sempre um adolescente com sua guitarra plugada e amplificador no talo.

Enquanto o Pearl Jam boicota a imprensa e se cala para os jornalistas, Young se recusa a falar para a *Rolling Stone*, publicação que ironicamente percorre um caminho tão longo quanto o seu. "Não falo para revistas com anúncios perfumados. Não gosto da maneira de como elas cheiram."

Molecagem. Este é o espírito que tanto aproxima Young da geração de Seattle e ele não se surpreende ao constatar que existem poucas diferenças entre ambas. "Os anos 60 e os 90 têm muito em comum. As bandas estão tocando de novo em comunhão com o público. Os caras do Pearl Jam não tocam pelo dinheiro ou porque querem se tornar estrelas. Nos anos 60 também pensávamos desse jeito". Na música "Peace & Love", composta em parceria com Eddie Vedder e dedicada a John Lennon, esse entrosamento de idéias parece ainda mais claro. "Eu e Eddie nos entendemos muito bem. Temos o mesmo *feeling* em relação a muitas coisas. Faltavam palavras para terminar a canção e eu pedi para o Eddie completar a letra: 'Essa é uma música sobre a paz e o amor, sob a minha perspectiva dos anos 60. Qual é o ponto de vista dos anos 90?'. Ele levou dez minutos para compor a parte que lhe cabia", conta orgulhoso.

O namoro entre Neil Young e Pearl Jam começou em 93, quando a banda de Seattle abriu a turnê de Young. Ainda em 93, apresentaram-se juntos no MTV Video Music Awards, com a música "Rockin' In The Free World" e desde então perceberam que a química entre eles dava certo. "Ele é fabuloso", definiu o guitarrista do Pearl Jam, Stone Gossard, em entrevista à revista inglesa *Kerrang!*. "Nos entendemos perfeitamente. Trabalhar com o cara é simplesmente surreal".

## "Eu e o Eddie temos o mesmo feeling em relação a muitas coisas. Ele levou dez minutos para compor a parte da letra que lhe cabia" (Neil Young, sobre Eddie Vedder, do Pearl Jam)

Gravado em cerca de uma semana, excepcionalmente em Seattle (Young geralmente grava seus discos no estúdio do seu rancho, na Califórnia), *Mirror Ball* está sendo aclamado pela crítica e considerado um dos grandes trabalhos de Young. Colhendo os frutos do álbum, Neil e o Pearl Jam (exceto Vedder e Gossard) estão desde julho em turnê pela Europa e no final de agosto, encabeçam o tradicional *Reading Rock Festival*, na Inglaterra. Na divulgação, no entanto, o Pearl Jam não pode ser mencionado. Problemas entre gravadoras. O acordo entre Young e o PJ é absolutamente informal e quando se trata de uma negociação de artistas de grande porte, envolvendo gravadoras diferentes (Warner e Sony) e um deles – Pearl Jam – goza de uma popularidade de mais de trinta milhões de cópias vendidas, o buraco passa a ser mais fundo. A marca Pearl Jam não pode ser usada.

Confusões burocráticas à parte, Neil Young está "andando" para tudo isso. "O que as gravadoras decidirem está bem. Nós vamos tocar por aí, e vão saber quem somos nós, mesmo. Para que se preocupar?" Young tem razão. *Mirror Ball* estourou nas paradas e os shows da turnê européia estão lotados.

Enquanto isso, Vedder e Gossard preparam o repertório para o próximo disco do PJ. Com lançamento previsto para o final do ano, algumas músicas já foram apresentadas num show em Denver, nos Estados Unidos, antes do rolo pelo fim do monopólio dos preços altos, com a companhia que vende ingressos, Ticketmaster. Nesse show, o Pearl Jam mostrou as novas "Havoc" e "I've Got Shit" e ainda reinterpretou "I've Just Seen A Face", dos Beatles, com Vedder cantando *à capella*.

Numa conversa informal com alguns jornalistas, a empresária da banda, Kelly Curtis, confirmou a retomada da turnê americana, dessa vez com Neil Young. Os ingressos serão vendidos pela ETM, outra agência que lida com entradas. Mas a luta contra a Ticketmaster continua. No momento, o senado americano analisa a acusação da banda da criação de um monopólio e manipulação dos preços. Neil Young apóia tudo isso. "Mesmo que não aconteça nada, não há problema. Só o barulho que o Pearl Jam está fazendo já valeu para abrir os olhos do público."

Com uma fome insaciável por trabalho, Young não pára, também está preparando a trilha sonora instrumental para o filme *Bad Man*, de Jim Jarmusch, que deve ser feita em seu estúdio, no rancho próximo a San Francisco, onde mora com a mulher Pegi e o filho tetraplégico, Ben, de 16 anos. Lá, o cavalo indomável prepara seu encontro com os outros membros da sua manada selvagem, o Crazy Horse, com quem pretende gravar em breve um novo disco.

Uma incrível força da natureza não deixa Neil Young descansar. Como canta em "I'm The Ocean", música de *Mirror Ball*: "Eu não estou nem aí/Eu sou a droga que os faz sonhar/Eu sou uma estrela, eu sou o supremo sabre/Mal direcionado/Tentando ir contra a corrente/Eu sou o oceano/Sou uma gigantesca corrente submarina". Neil tem consciência do que faz. Os garotos de Seattle observam, aprendem e contribuem para a comunhão eterna entre duas gerações do rock. ■

## ALMA INDOMÁVEL

Afinal, quem é Neil Young, o "velhinho" que está tocando com o Pearl Jam? É simples: na metade da década de 60, o cara era um dos líderes do Buffalo Springfield, que ao lado do grupo The Byrds, lançou os fundamentos do country rock (algo que bandas como R.E.M. iriam reciclar nos anos 80/90).

Quando o BS acabou, ele se uniu a Stephen Stills (egresso do mesmo grupo), David Crosby (ex-The Byrds) e Graham Nash (inglês, ex-The Hollies), para formar um dos primeiros "supergrupos" do country rock: Crosby, Stills, Nash And Young. O quarteto foi uma espécie de epítome da "geração Woodstock" (sendo inclusive tocado no festival, em 69), levando uma existência breve, mas marcante, no auge de sua carreira. Eventualmente os quatro se agregaram em diferentes formações – duos, trios, ou todos eles – em trabalhos diversos, que nunca tiveram a mesma repercussão da produção do grupo entre 68 e 71.

Mas neste período, Neil havia iniciado sua carreira solo, com álbuns antológicos como *Everybody Knows This Is Nowhere* (69, *Discoteca Básica* da BIZZ 91) e *After The Goldrush* (70). Ambos, assim como a maior parte dos discos de Young, foram registrados com a valiosa presença do Crazy Horse, grupo que sempre se encaixou como uma luva para acompanhar a voz descarnada e a guitarra letal de Neil.

Claro que o cara também trabalhou em outras formações: com o grupo The Stray Gators concebeu *Harvest* (72, seu álbum de maior êxito comercial), com The Shocking Blues fez *Everybody's Rockin'* (83, um disco de *rockabilly*), com The Blue Notes – uma *big band* com metais – criou *This Note's For You* (88). No ano passado, estava excursionando com Booker T. And The MG's, grupo da lendária gravadora Stax, o templo do soul. E agora gravou com os músicos do Pearl Jam. Pode se acusar Young de qualquer coisa, menos de comodismo musical.

Uma inquietação que se reflete na variada gama de estilos que Neil abordou ao longo de sua carreira: de registros crus e tenebrosos (*Tonight's The Night*, 75) às mil explosões de *feedback* (*Arc Weld*, 91), dos experimentos eletrônicos (*Trans*, 83) ao country tradicional (*Old Ways*, 85)... Quanto às suas letras, de versos singulares, já homenagearam a rebeldia personificada pelo "filhinho" Johnny Rotten (em *Rust Never Sleeps*, de 79) e pelo "netinho" Kurt Cobain (em *Sleeps With Angels*, de 94). Agora, como Eddie Vedder pode comprovar, Neil se arrisca mais uma vez. Afinal, seu espírito continua incendiário e imune à ferrugem. Como o rock'n'roll.

*Celso Pucci*

Young nos anos 60: muito antes do grunge

# Fotos das bandas classificadas no Fest VALDA - São Paulo/95

# Descobrindo a fonte da inspiração

**Leoni deixa a música de lado para escrever *Letra, Música E Outras Conversas*, livro de entrevistas com Renato Russo, Lobão e outras feras**

Foto: Isabel Becker
Assistente: Verana de Holanda
Produção: Marcia Lizitsen
Agradecimentos: Caroline Café (Rio, e Yes Brasil

Leoni passava por um momento difícil: "Estava me sentindo perdido com o resultado do meu primeiro disco solo, então resolvi escrever um livro sobre o processo de composição no rock brasileiro", revela. Depois de resolver deixar a vida de músico de lado, o ex-líder do Kid Abelha e dos Heróis Da Resistência abraçou seu primeiro projeto literário *Letra, Musica E Outras Conversas*

O próximo passo foi escolher os entrevistados. "O processo de seleção foi muito ao acaso. Acabei fechando com Renato Russo, Herbert Vianna, Adriana Calcanhoto, Lobão, Samuel Rosa, Roberto Frejat, Marina Lima e Nando Reis. Eu conhecia a maior parte das pessoas, só não tinha muito contato com a Adriana e o Samuel. Já o Herbert, o Renato e o Lobão são meus amigos há muito tempo", diz o baixista. Amizades à parte, Leoni teve a oportunidade de conferir a fundo o raciocínio de seus entrevistados – e muito do que se esconde por trás dele.

"Eu fazia uma pergunta técnica qualquer ao Lobão e ele falava da carreira dele inteira, de comportamento, de temas supergerais e abrangentes. Já o Nando Reis deu uma entrevista muito longa, ele bateu o recorde do Renato Russo, que era de três horas. Ele levantava, dava uma volta ao redor da cadeira e continuava a falar. Foram quatro horas de papo", lembra Leoni.

A diferença de gerações foi outra revelação observada pelo baixista durante as entrevistas. "Percebi que o Samuel (*Rosa*) e a Adriana (*Calcanhoto*) tinham menos a dizer, talvez porque têm menos bagagem. Também tem o fato deles não terem tropeçado em algum momento da carreira. Se você foi, fez sucesso, e de repente tem um momento de declínio, é nessas horas que você passa a sua carreira a limpo, vê onde acertou e onde errou."

Trabalho realizado, Leoni arregaça as mangas e entra em estúdio para "registrar novas idéias" para seu segundo disco. "As entrevistas me instigaram muito, o Lobão falando das brigas dele com o Liminha (*produtor*)... Quando eles estavam em Los Angeles, o Lobão dizia, 'cara, eu trouxe um percussionista da Mangueira e você quer usar o pandeiro sampleado do Mick Jagger?' Isso me tirou da confusão que eu estava. Agora vou pesquisar coisas, estou com mil idéias. Não é porque não tocou que eu vou deixar de fazer o que me instiga. Quando eu estava quase ficando conservador, essas pessoas me fizeram voltar atrás e repensar o meu trabalho", analisa o compositor.

Confira a seguir em primeira mão os principais trechos das entrevistas com Renato Russo, Herbert Vianna e Lobão feitas por Leoni para *Letra, Musica E Outras Conversas*. **Helio Gomes**

# Renato Russo

**Às vezes eu acho que a Legião tem uma aceitação da juventude porque todo mundo se coloca nas letras...**

Cada pessoa realmente pensa de um jeito. Tem até exemplos específicos, de chegarem pra mim, me contarem uma história toda e perguntarem: "Renato, é isso?" E eu dizer: "Não. Mas se você achou que é, cara, tudo bem..."

**As idéias estão no ar e podem ser captadas por qualquer um, mas cada um é um filtro diferente.**

É, tem algumas músicas que parecem que já vêm prontas. "Será" foi assim. A letra a gente sempre tem que parar pra trabalhar um pouquinho, mas veio a concepção toda. Uma que deu um trabalho de cão foi "Há Tempos", eu fiquei escrevendo durante meses nunca gostava. Graças a Deus o negócio ficou certo no final. "Faroeste Caboclo" eu escrevi em duas tardes sem mudar uma vírgula... "Não tinha medo o tal João Do Santo Cristo..." e foi embora.

**Você toca muitos teclados com a Legião. Já compôs outras músicas nos teclados além de "Por Enquanto"?**

Em geral, eu não componho a música, mas faço as partes dos teclados. Geralmente as harmonias saem nos teclados. Basicamente a gente trabalha da seguinte maneira: o Bonfá começa um ritmo, aí a gente inventa uma linha de baixo qualquer. Em cima da linha de baixo, como a guitarra demora pra ser arranjada, eu tenho uma idéia de teclados e já vou fazendo e encaixando. O Bonfá e o Dado dizem que sou muito conservador porque os teclados tem 982 sons e eu sempre uso o mesmo (*risos*) Sempre as mesmas cordas!

**Você não compõe com mais ninguém além do pessoal da Legião?**

Eu fiz uma música com a Marisa Monte. Mas é difícil, porque tenho horários complicados. E eu prefiro trabalhar mais com o Dado e com o Bonfá mesmo. Mas é sempre assim, eu penso: "tenho que fazer música cooperativamente."

**"O Bonfá e o Dado dizem que eu sou muito conservador porque os teclados têm 982 sons e eu atabo sempre usando o mesmo"**

**Você tem as suas músicas preferidas da Legião?**

Eu fico feliz de ter feito "Giz", porque acho que ela funciona muito, muito bem. Consegui fazer exatamente o que eu queria. Gosto muito de "Andrea Dória", uma música muito fechadinha. "Eu Sei" tem uma estrutura tal que eu acho que é uma espécie de clássico. "Eduardo E Mônica" eu acho uma jóia. "Eu Era Um Lobisomem Juvenil" é uma composição que gosto muito e que usa a métrica de uma musiquinha de sacanagem. "Eu Era Um Lobisomem Juvenil" não era uma idéia original, é o nome de um filme, mas ninguém usou no Brasil, eu achei legal. Também gosto muito de "Mais Do Mesmo", "Vamos fazer Um Filme", "Os Barcos", "Teatro Dos Vampiros", "Vento No Litoral" e "Baader Meinhof Blues".

# Lobão

**Sempre foi fácil ver que você sabia fazer muito mais do que *new wave*. Já em *Cena De Cinema* (*primeiro disco de Lobão*) tem harmonias diferentes...**

Eu sempre fui fascinado pelo drible. tudo que posso ter com o meu trabalho é querer dar o drible. Por que é que o conceito da *new wave* me fascinou? Porque eu vi que naquele determinado estágio da cultura internacional havia um determinado interesse pela multirracialidade. Pensei em botar percussão na banda. Com o Evandro Mesquita, eu já tinha feito isso de uma maneira interessante na Blitz. O Júlio Barroso (*ex-parceiro de Lobão, morto em 84*) caiu na situação e começou a criar uma banda multimídia.

**Você tinha uma imagem de roqueiro marrento, mas o seu lado baladista é muito forte e bem resolvido. Mas a maior parte do público só enxerga o seu lado porrada.**

Eu fico puto com isso. Sou um cara tímido, mas manifesto a minha timidez atacando. Os meus discos sempre tiveram equilíbrio entre os dois lados, acho que agora as pessoas estão mais atentas. Cortei o cabelo e as pessoas acham que o fato de eu ter cortado o cabelo é uma radiografia de contraste na expectativa que elas têm em relação a mim. Já ouvi falar que eu tinha cortado o cabelo porque teria virado evangélico.

**O rock ficou meio assim, você tem que ter cabelão, usar jaqueta de couro, fazer cara de mal, usar drogas, ou fingir que usa...**

Pois é cara! Isso é muito burro... "Tome atitude, tome Dan-Up". É aquela coisa, você já viu essa propaganda do Hollywood Light? *Light* não, baixos teores. Um solo de bateria, um cara cabeludo dando porrada! Ser *light* pega mal para o cara. Que merda é essa! Que patrulha comportamental escrota que estamos vivendo. E nós herdamos uma mensagem que a gente não quer dar. Isso me faz mal.

**Quando compõe, você reescreve as suas canções?**

Aquela parte do "Me Chama". "Nem sempre se vê mágica no absurdo", era o estribilho de "Noite E Dia". Ela surgiu com a métrica de "Noite E Dia". Aí, de repente, eu fiz "Me Chama" e fiquei com "Noite E Dia" desguarnecida. Aí a gente ia fazer um show no Iate Clube de Florianópolis no ano novo, com a aparelhagem da orquestra, a bateria que eu ia tocar era da marca Caramuru. Daí falei: "Isso não vai dar, vai quebrar." Quebrei a bateria na primeira música e o Júlio Barroso inventou um "agá" para a platéia, avisou que a gente voltava em cinco minutos. Então ele disse: "Procedimento de fuga, vamos fugir!" Fomos para o melhor hotel da cidade e o Júlio falou: "Suíte presidencial, sou o Julio Barroso", estava todo bem vestido e pediu uma caixa de Moet Chandon (*champagne francês*) gelado. Caixa, não era só uma garrafa.

**"Eu sou um cara tímido, mas eu manifesto a minha timidez atacando"**

Fomos pra a suíte e a polícia atrás da gente, maior suspense. E o Júlio: "A polícia toda aos nossos pés. Vamos fazer uma canção de amor!"

Aí ele falou: "Estou apaixonado por duas mulheres", e eu também estava apaixonado pelas mesmas duas mulheres que ele. Aí a gente fez "Noite" pra uma delas e "Dia" pra a outra. Abandonei a "mágica no absurdo" e remanejei. Neste disco que estou gravando agora, tem umas quatro músicas em que fiz isso.

# Herbert Vianna

**Você acha que para compor canções de amor tão intensas quanto as suas você tem que sofrer, estar na lama?**

Esta durante muito tempo foi a minha grande dúvida. Eu achava que não poderia ser feliz, porque se fosse feliz não ia conseguir fazer mais nada. O que eu descobri é que quando você está ruim, é capaz de escrever coisas mais profundas sentimentalmente. Quando você está bem, tem não só coisas positivas para falar, como também tem a possibilidade de olhar pra fora. Esse é um outro lado das coisas que eu faço, que vem com "Alagados", "Selvagem", "Perplexo" e, principalmente, com o disco *Severino*.

**Fica fácil acompanhar a sua vida pelos seus discos. Em *O Passo Do Lui* você estava um trapo, em *Selvagem* vivia rindo e em *Bora Bora*...**

O fundo do poço (*risos*). É, depois do *Bora Bora*, comecei a compor pequenas canções de felicidade onde eu tentava fazer de uma forma diferente. Por exemplo, uma música do *Big Bang* que chama "O Fundo Do Coração" – que foi inspirada pelo filme do mesmo nome – é uma das minhas que eu mais gosto. É uma canção de amor positiva.

**Você conseguiu uma forma legal de escrever juntando imagens. Junta cacos e dá a impressão de ter contado uma história.**

É a primeira vez que ouço alguém falar disso, e é como eu realmente penso. A minha mente não é original, eu realmente acredito nisso. meu irmão (*Hermano Vianna*) é um cara muito inteligente, o Bi (*Ribeiro*) é um cara muito original na forma de ver as coisas. Enquanto eu vejo os objetos de uma única forma, ele circula em torno deles e o vê de diversos outros ângulos.

**Quando a gente se conheceu você nunca mostrava uma canção com voz e violão. Você cantava a linha de baixo, a bateria etc... A minha impressão é que os arranjos nascem junto com a canção.**

**"As grandes canções mostram tudo só com voz e violão"**

Eu acho que é quase um complexo de inferioridade mesmo, as grandes canções mostram tudo só com voz e violão. Se ela está ótima ali, é porque realmente é uma ótima canção. Agora, em vários casos não dá. Músicas como "Os Grãos" você não pode apenas cantar no violão. Os Paralamas se baseiam muito nos arranjos e a minha cabeça funciona muito assim. ■

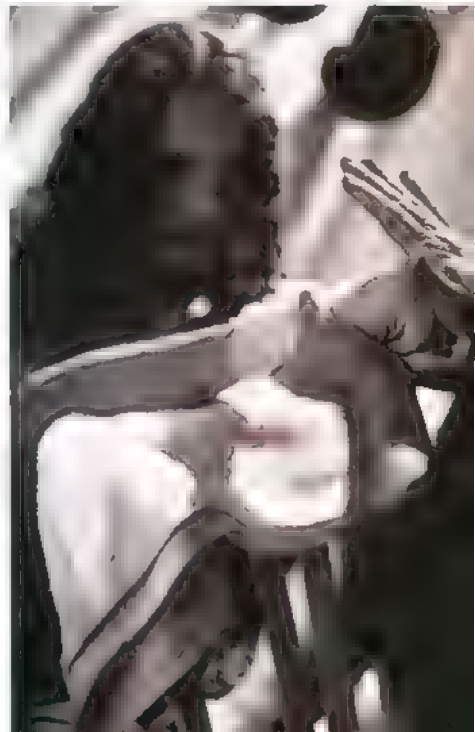
## Rock em tempos de análise

*Dentro Do Rock*, o livro que levou Leoni a escrever *Letra, Musica E Outras Conversas*, é um dos maiores clássicos da literatura roqueira. Escrito por Bill Flanagan, editor da revista *Musician*, o livro traz entrevistas com 24 dos maiores compositores da música moderna, indo de Muddy Waters e Carl Perkins a David Byrne e Lou Reed. O falatório gira em torno do processo de composição, mas muito se fala sobre vida pessoal e carreira. Lançado com o nome original de *Written In My Soul* (*Escrito Em Minha Alma*) em 86, o livro saiu por aqui pela editora Marco Zero e ainda pode ser achado em algumas livrarias do país. Abra os olhos e corra atrás do seu exemplar.

# o poeta DEMOLIDOR

*Por Telipe Tobaran • Fotos Rui Mendes*

Depois de nocautear
as louras,
os playboys e
um presidente,
**Gabriel O Pensador**
está de volta ao ringue
com o segundo disco,
*Ainda É Só O Começo.*
E a pancadaria continua



Acordei cedo e botei no *walkman* a fita com as novas músicas de *Ainda É Só O Começo*. O disco ainda não havia sido lançado e aquela fita era secreta. Tinha ouvido só três vezes e dois refrões já grudaram na minha memória. "Filha da puta/ filha da puta/ filha da puta!" e "Num passo sem um rabo de saia", a batida ecoava mais uma vez. Era o rap, sigla de ritmo e poesia, fazendo seu trabalho nos meus neurônios. Peguei o telefone e disquei uns números.

Uma voz de mulher atendeu. Disse que Gabriel ainda estava dormindo. Eram onze horas da manhã de uma quarta-feira ensolarada no Rio de Janeiro. Na noite anterior, a Sony, gravadora de Gabriel, havia dado uma festa para lançar o novo disco de Michael Jackson. Gabriel foi lá e ainda emendou para outra festa, de aniversário de uma amiga. Erilma, a secretária particular que atendeu o telefone, acrescentou que já tinha mandado levar o café na cama de Gabriel. Café na cama? Gabriel O Pensador, o poeta demolidor, tomando café na cama? Pensei que o sucesso devia ter mudado muito a vida dele.

Na festa da noite anterior, altas horas, uma das assessoras de imprensa da Sony veio à minha mesa. "O Gabriel chegou. Você não quer falar com ele?" E fomos abrindo espaço na multidão para achar O Pensador. Entre as centenas de rostos, alguns famosos, que cruzavam nosso caminho, a cabeça do Pensador se destacava um palmo acima.

Alto e magro, com uma barba adolescente e cabelos longos, encaracolados, emoldurando feições angulosas, Gabriel pontificava no centro de um grupo. Tive de entrar na fila para cumprimentá-lo. Quando chegou minha vez, ele parecia meio aéreo e mais velho dos que seus 21 anos fariam supor. Trocamos três palavras combinando o encontro do dia seguinte no aeroporto para irmos juntos a São Paulo.

Pouco depois do meio-dia, Gabriel chegou sozinho ao aeroporto Santos Dumont, meio atrasado. "É que saí de casa sem a passagem. Tive de mandar o táxi voltar", desculpou-se. No saguão do aeroporto, cabeças curiosas se viravam para olhar O Pensador. Despojado, vestindo uma camiseta branca com os dizeres "Man's Ruin" ("A Ruína do Homem"), *jogging* e tênis pretos, ele carregava uma bolsa velha da Shangri-Lá Turismo.

Há algo de especial sobre Gabriel. Talvez seja a contradição entre a aparência inofensiva, mais chegada a um Jesus Cristo, e a força de ataque das letras que compõe. Talvez seja a combinação de ingenuidade no olhar com o estrondoso sucesso que lhe coube tão cedo.

Gabriel acaba de finalizar o segundo disco. O primeiro foi o maior impacto que a música brasileira tomou nos anos 90. Quem não se lembra da "Lôraburra", do "Retrato de Um Playboy", do "175 Nada Especial"? Músicas que foram saudadas como a maior manifestação de inteligência do então quase invisível rap brasileiro. Isto sem falar da bombástica "Tô Feliz (Matei o Presidente)", na qual ele assassinou Fernando Collor, o presidente para quem sua mãe, a jornalista Belisa Ribeiro, trabalhou durante a campanha e até pouco tempo depois da posse. Foi um auê.

"Quando 'Matei O Presidente' estourou, muitos jornalistas tinham inveja da minha mãe e tentaram explorar o assunto por aí. Gente que tinha até votado no Collor mas falava mal dela. Eu não me envergonho por ela ter trabalhado com o Collor, nem vejo crime nisso." Pouco antes de "Matei o Presidente" começar a tocar, Belisa brigou publicamente com Collor e foi morar nos EUA. Hoje ela está de volta ao Brasil, morando com Gabriel. "Eu tinha muitas saudades dela." Numa reviravolta do destino, o filho da jornalista famosa agora é mais famoso do que a mãe.

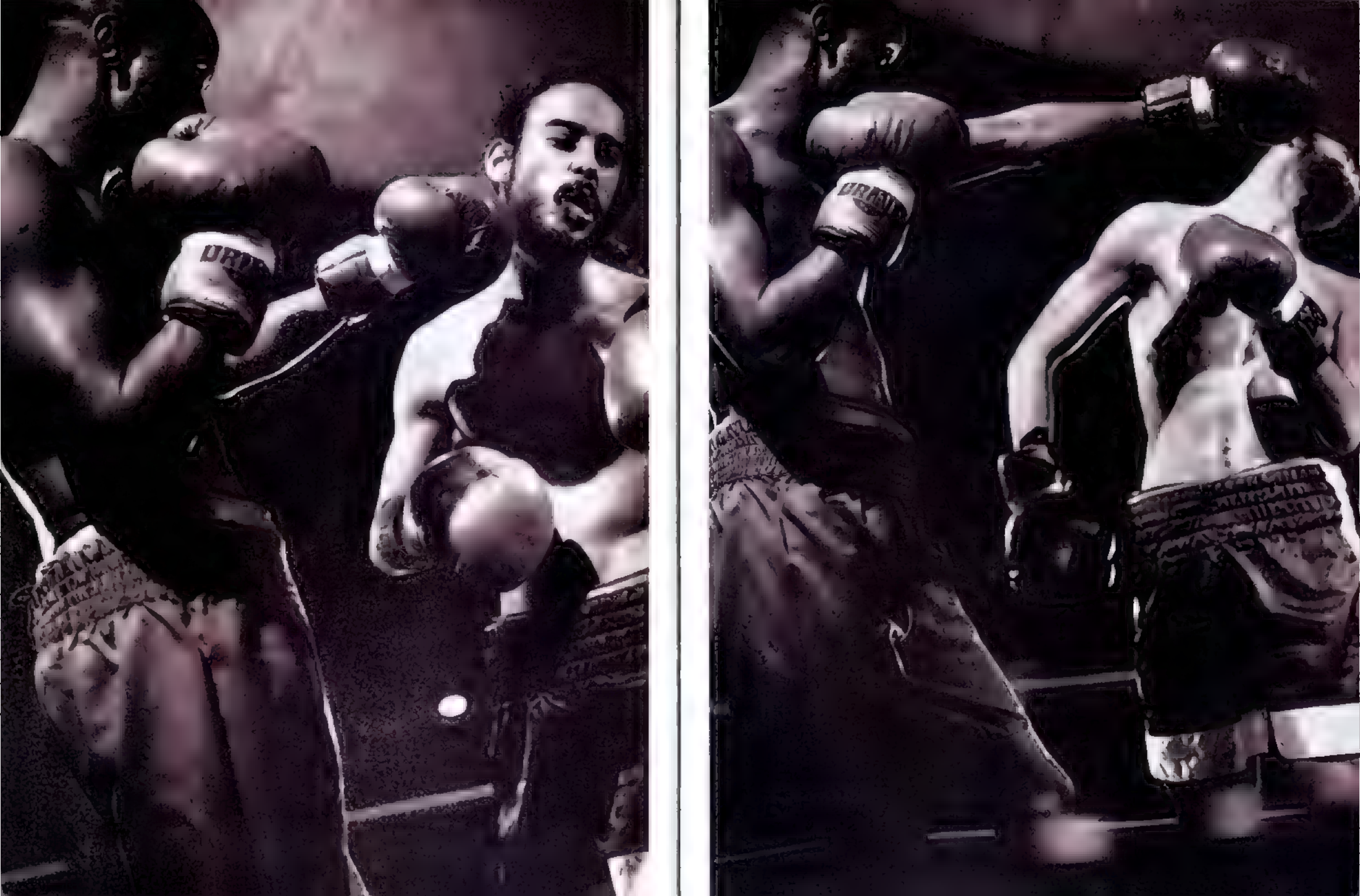
A origem do Pensador também é motivo de polêmica. "Estive no 'Programa Livre', do Serginho Groissman, e um garoto me perguntou como eu podia cantar rap sendo da classe média. Sempre me perguntam isso", diz Gabriel. A verdade é que ele nunca esteve muito aí para classes sociais. Quando era pequeno, convivia com amigos pobres e ricos. "Nas minhas festas sempre tinha o pessoal mais humilde. Uma vez convidei uma galera da Rocinha (favela do Rio) para meu aniversário de 14 anos. Eles chegaram na porta e quase desistiram de entrar. Sabe como é, o pessoal fica intimidado, acha que é festa só pra bacana. Mas eles entraram e foi a maior alegria, os meus amigos me jogando para o alto e cantando parabéns. Foi uma festa que eu não esqueço."

Pouca gente sabe, mas foi o surf que patrocinou o primeiro contato do Pensador com a galera do morro da Rocinha. Gabriel até hoje pega umas ondinhas, mas um problema na coluna que causa uma dor muito forte tem limitado as ondas. Da galera do surf ele passou para a galera do rap que, ao contrário do que as pessoas pensam, no Rio nasceu na classe média do bairro da Tijuca, e não nas favelas. Com esses caras, Gabriel apurou seus golpes, sempre na linha da contestação e da conscientização.

A porradaria verbal que levou Gabriel ao topo das paradas dois anos atrás continua em forma. Ela é fruto da atitude contestatória da poesia de Gabriel. Menos irônico do que o primeiro disco, *Ainda É Só O Começo* mantém a raiva contra os erros da sociedade. Mas agora Gabriel abre os olhos para o outro lado da história. "Eu não precisava ter sido tão agressivo com as lôraburras nem com os *playboys*. Eles são vítimas da dominação cultural. Eu tô do lado dessas vítimas." Numa *blitz* policial imaginária que serve de vinheta no novo disco, os policiais reclamam que ninguém vê a situação deles, espremidos entre a violência e a corrupção. Na música "Filho Da Pátria Iludido", que malha a americanização da juventude, um cara com sotaque de gringo acode o poeta, aliviando as críticas. Gabriel está apenas tentando ser justo. É parte do processo de amadurecimento.

O talento de poeta transborda em Gabriel. Ele tem o narcisismo necessário para o ofício. Quando era adolescente, escrevia diários e agendas. Como diria o escritor Gore Vidal, é preciso estar muito enamorado de si mesmo para fazer um diário.

Ao se autodenominar O Pensador, Gabriel também se acorrentou à obrigação de sempre questionar, nunca deixar a mente relaxar. "Ele é uma das cabeças mais detonantes dos anos 90, um grande poeta. Tenho uma enorme admiração pela rapidez do raciocínio dele", diz Toni Garrido, vocalista do Cidade Negra. Gabriel escreveu o rap incluído em "Mucama", uma das faixas de *Sobre Todas As Forças*, terceiro disco do Cidade. Ele estava visitando o estúdio durante as gravações de *Sobre Todas As Forças* para encontrar Shabba Ranks, que participava de uma das músicas, quando o pessoal do Cidade lançou a idéia da colaboração. Gabriel



"UMA CABEÇA DETONANTE", TONI GARRIDO

Cabelo e Maquiagem: Antonio Fonseca  Produção: Renata Ferreira, Adriana Guimarães • Agradecimentos: Secretaria de Esportes de Osasco, Grêmio Prof. Francisco Alves, Lucinho, Zé Magão, Paulo Zorzalo

levou uma fita com a base gravada e no dia seguinte voltou com a letra. "Foi uma das que eu mais gostei de fazer. Ficou diferente", diz O Pensador. Tanta velocidade na hora de compor impressiona também Fabio Fonseca, produtor dos discos de Gabriel. "Ele tem uma facilidade muito grande de se expressar, de passar sua mensagem. Ele vomita informação."

A poesia de Gabriel não é sentimental. Ao contrário, é agressiva, demolidora. E carrega sempre uma mensagem de conscientização. Ela funciona como válvula de escape para os que se sentem oprimidos pelas convenções sociais. As letras das músicas são longuíssimas, crônicas de um jovem que queria um mundo diferente. Elas não oferecem ajuda para agüentar o fardo, como os livros do Paulo Coelho. Oferecem palavras para serem gritadas pela multidão. "Ele aborda temas que atingem muita gente. É muito fácil alguém se identificar com as músicas dele", diz o produtor Fabio Fonseca.

"Essa personalidade foi a música que me deu. Principalmente o Bob Marley", lembra Gabriel. Mas o talento ninguém lhe deu. Está lá dentro, constantemente motivado. "Quanto mais respaldo eu ganho, mais eu me empolgo". Na música jovem brasileira só há um poeta a quem compará-lo: Renato Russo. Mas enquanto o consagradíssimo Russo já passou por quase tudo e entoa agora o canto da sabedoria, Gabriel ainda está abrindo as primeiras portas da percepção. Outra diferença: enquanto Renato louva a música e se esforça para cantar, Gabriel prefere assumir que não é cantor. Na faixa "Como Um Vício", do disco novo, ele brada: "Eu não canto bem/ Não sou cantor, sou compositor."

"Um dia, posso até querer aprender a cantar", cogita Gabriel. Certa vez, num show em Salvador que tinha também a presença de Julian Marley, um dos filhos do Rei, Gabriel resolveu prestar uma homenagem e cantar "No Woman No Cry". "Foi horroroso. Eu canto muito mal. Os músicos se escondiam atrás dos instrumentos, morrendo de vergonha. Foi hilário."

No rap, cantar é o de menos. O que interessa são as palavras. Às vezes elas são fortes até demais. O *gangsta rap*, por exemplo, fala de armas e assassinatos contra a opressão. A banda carioca Ryo Radikal Repz, liderada por Def Yuri, parceiro de Gabriel, canta "foda-se a polícia" e já explodiu uma bomba de fabricação caseira no programa de TV "Por Acaso", comandado por José Maurício Machline. "Apesar disso, não fazemos *gangsta rap*", garante Yuri. "Acreditamos na guerrilha armada mas de uma forma diferente dos anos 60 e 70, que foi muito longe das bases."

Yuri é parceiro de Gabriel na música mais forte de *Ainda É Só O Começo*, a poderosa "FDP³", que desce o pau nos crentes, na polícia, nos políticos e nos homens que batem em mulher. "'FDP³' nasceu de improviso numa tarde em que a gente tava largadão na casa do Gabriel. A gente começou a zoar em cima de uma base instrumental e o refrão ("Filha da puta/ filha da puta/ filha da puta") pintou de bobeira. Era a música que o Gabriel mais queria que tocasse". "FDP³" perdeu a corrida para "Estudo Errado", sobre o decadente ensino no Brasil, na hora de escolher a primeira "música de trabalho" de *Ainda É Só O Começo*. Decisão conservadora da Sony, que tem grandes planos para O Pensador.

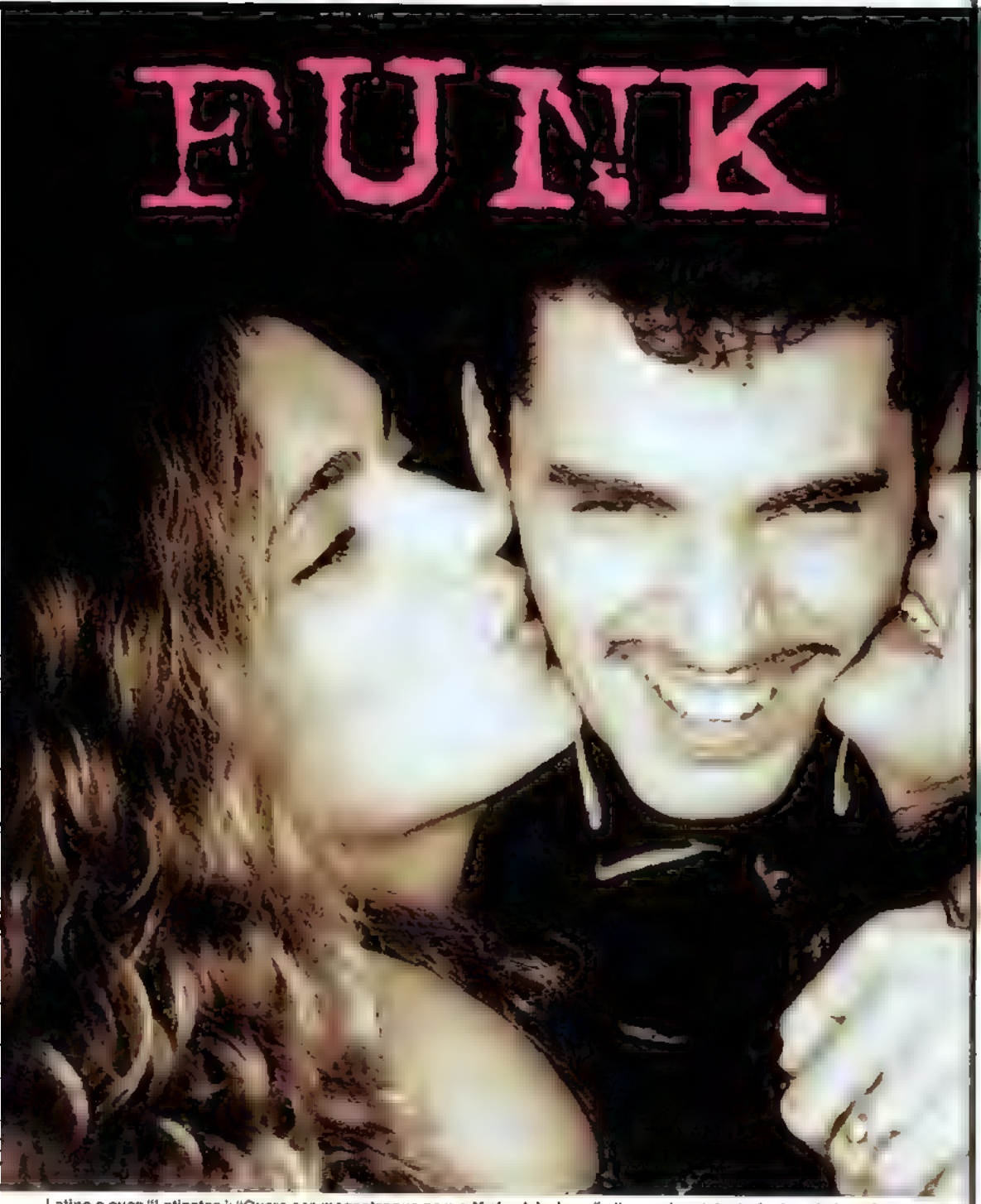
"O primeiro disco do Gabriel vendeu 300 mil cópias. Para o segundo estamos projetando 500 mil cópias", diz Jorge Davidson, diretor artístico da Sony. "A produção deste disco foi bem mais requintada. Ele é superior em qualidade. A afinidade que faltou no primeiro concretizou-se agora." O investimento da Sony pode incluir uma faixa multimídia, mas por motivo de tempo não foi inserida na primeira prensagem do disco.

*Ainda É Só O Começo* enfrentou uma dificuldade extra para sair no mercado. "Tivemos sérios problemas com alguns *samples*. Já estava tudo pronto quando fomos impedidos de usar trechos de 'Money', do Pink Floyd, 'Smells Like Teen Spirit', do Nirvana, e o tema do desenho animado dos Jetsons", revela Fabio Fonseca. Como resultado, os arranjos que usavam trechos dessas músicas foram modificados na última hora.

Voando alto sobre o Rio de Janeiro, Gabriel pensa no sucesso e no desafio do segundo disco. "Muita gente fica babaca depois que faz sucesso no primeiro disco. Não precisa ser nem o sucesso que eu tive, quatro músicas tocando direto no rádio. Se mexeu muito com a cabeça do cara, o segundo disco afunda." Será que o sucesso mexeu com a cabeça do Gabriel? Lembrei da história do café na cama. Gabriel ficou surpreso e desancou a versão da secretária. "Quê isso? Erilma tava brincando. Não tomei nenhum café na cama!"

Toda história tem mais de um lado. O Pensador sabe disso em *Ainda É Só O Começo*. Ele apenas escolhe o lado e bate com força. O ritmo e a poesia são suas armas demolidoras em busca da verdade. ■

# FUNK YOU



Latino e suas "Latinetes": "Quero ser *megastar* que nem o Michael Jackson", diz o maior ídolo da *funk melody* carioca

**Se segura, *shock*, que os pobres do Rio estão no poder. O *funk melody* e o rap dos morros saíram de seus guetos, ganham espaços nobres da TV, vendem cada vez mais discos e fabricam ídolos. Ficou ruim para o caminho da pop passar pelos grupinhos classe média**

Por Pedro Só

Latino é só a ponta do iceberg. Atrás dele, catapultados via FM e TV, vem um exército de garotões dos morros que cantam suas "comunidades" em raps inacreditáveis (para o bem ou para o mal). "Rap Do Borel", "Rap Da Cabeça", "Rap Do Amor" e "Rap Da Dança Da Bundinha" são as coisas mais punks já surgidas no mundo.

Cada dupla de MCs é um exemplo casca-grossa de *do it yourself*: dois garotos sem o menor cacoete para cantar, *freak shows* da logopedia, almas paupérrimas, melodias inexistentes ou roubadas de arquibancada, letras sem o menor compromisso com a concordância e... nota dez em autenticidade.

O gênero já tem uma obra-prima o "Rap Da Felicidade", de MC Cidinho e MC Doca. O "Rap Do Curral", de MC Marcelo e MC Padilha, é involuntariamente genial ao homenagear o sociólogo Betinho, hemofílico e soropositivo: "Ele vem com o coração /É amigo desta nação /Por isso eu vou chamar Betinho sangue bom / Há sete anos atrás quando tudo começou /Uma doença infecta o Betinho constatou /Mas esse homem é forte /Ele tem sorte /Este vírus é maldito, já o condenou a morte /Não a morte estantânea (*sic*), mas sim a morte lenta".

Os "MC's chulés" (como xingam alguns) são pobres e sem instrução. Cantam suas galeras, falam do amor na linguagem que suas minas conhecem e reclamam de seus problemas. Mas a Zona Sul, a molecada da classe média, pirou na batatinha deles. Várias boates trocaram a dance pelo funk e ainda assim não deram vazão à demanda: a mauricéia desvairada sobe os morros do Chapéu-Mangueira (Leme), Morro Azul (Flamengo) e Santa Marta (Botafogo) atrás do som pancadão. Mais: as lourinhas querem ver a coisa preta. Isto é, namorar negões.

Charme bandido. "Rap Das Armas", de MC Leonardo e MC Júnior, lista brinquedos de matar a gente e no final faz um apelo pelo fim da violência. Aliás, 70% das letras dos raps pedem paz nos bailes. Motivos para isso abundam: até bem pouco tempo, o Irajá levava apelido de "Golfo Pérsico", tantos eram os conflitos entre galeras que ali aconteciam. Os MCs William e Duda tiveram que depor a respeito de uma versão de seu "Rap Do Borel", que homenageava conhecidos "traficas". Disseram que "foram obrigados" pela turma do movimento a gravar uns versos como "Somos do Borel, somos CV" (*Comando Vermelho*). E o bicho pegou mesmo: em maio, passeando com sua

# FUNK YOU

moto CB 450, Wilham foi fechado e baleado na barriga. Sangue bom, ele logo se recuperou. O fato é que os MC's são "comunidade". E as "comunidades" incluem a turma do bicho

## Sangue Latino

Latino, o maior fenômeno do gênero, recebeu BIZZ ao som do ronco de seu estômago. "Três e meia da tarde e ainda não comi nada" – chiou, pouco antes de um ensaio com sua banda no Scala, no Rio. "Pode trazer qualquer coisa pra mim, até sebo de galinha. Eu sou um cara simples", implorou ao pessoal da casa. Simples, mas com muito apetite. "Quero *ser megastar* que nem Michael Jackson."

Nascido Roberto de Souza Rocha há 22 anos no humilde subúrbio de Maria da Graça, esse simpático rapaz fez suas primeiras gravações – em inglês, para coletâneas que só saíram em vinil – num estúdio microscópico instalado no banheiro de uma casa do não menos humilde subúrbio de Inhaúma. "Quando o cara vem do nada, traz a pobreza no sangue", costuma dizer. Aos 13 anos Latino foi viver a paupéria em Nova York – sua mãe casou com um americano. Lá trabalhou até como colhedor de pepinos, recebendo 15 centavos por cada balde que enchia, mas se sentiu mais feliz cantando num bar para a colônia "Roberto Carlos, Julio Iglesias..."

Daí para a Sony foram mil pulos, muitas coreografias pélvicas e o dedo do DJ Marlboro, mentor do funk carioca. Agora, seu disco de estréia, *Marcas De Amor*, já está na casa das 200 mil cópias. O assédio sexual feminino já fez o rapaz parar no hospital. "Em Belo Horizonte fiquei com o meu pirú machucado... É muita mulher lá, cara", contou ele, balançando a cabeça. Latino namora há cinco anos Isabel Cristina – que já lhe pagou muito cinema na época de dureza.

O cara só estudou até o segundo ano do segundo grau ("por isso faço erro de português pra caralho"). Livros? "Li o da Adriane Galisteu e gosto muito do Como é o nome mesmo daquele que uma fã me deu?" Ana Paula e Miriam, as dançarinas que o acompanham, socorrem: "Isso, *O Alquimista* (do místico Paulo Coelho). Gostei muito. Li quatro páginas e parei. Leio o resto depois."

Seu sonho é .. gravar com Zezé Di Camargo. Outras preferências musicais: Só Pra Contrariar, Raça Negra, bandas baianas .. Rock? "Curto, xô ver ninguém", brinca. O melhor, porém fica para o fim da entrevista: "A BIZZ é revista de mauricinho, né?" Resposta do repórter: "Mais ou menos, né?" Nada é tão simples assim. ■

"A partir deles vai surgir o futuro da música dançante no Brasil"
*Fernanda Abreu*

"É o máximo da identidade cultural, coloca em música a ingenuidade proveniente da pobreza"
*Lulu Santos*

## Inditunk

**1,2 milhão** é a massa nos bailes nos fins de semana no Grande Rio

**20 pontos** no Ibope é o pique de audiência do programa *Furacão 2000* na CNT aos sábados às 12h

**30 mil** pessoas é o máximo de um show individual de Latino

**R$ 2 mil** é o cachê de uma dupla de MC's por um *playback* de três músicas

**R$ 4** é o preço médio do ingresso nos bailes para os marmanjos. Damas entram de graça até umas duas horas depois do começo do baile

**300 Equipes** de som estão em atividade no Grande Rio

## Supra-sumo

***Rap Brasil*** •
***Demorou Para Abalar*** •
***Funk Brasil Especial*** •
***Marcas De Amor*** •
***De Baile Em Baile*** •

## Pérolas

"Gata, eu não vim para lhe criticar/
Pelo contrário, vim para lembrar/
Dos momentos lindos que passamos/
E do tempo que a gente namorámos",
"Rap da Paixão", ***Grupo A Força Do Rap***

"A briga no baile está uma situação/
Por isso eu lhe dou um conselho sangue bom/Parem com isso, pra que se rebaixar?/O negócio é fazer a coisa mudar", "Rap Da Rocinha", ***MC Neném***

"A coisa mais linda é poder te amar/
Principalmente agora eu queria te namorar/Eu sai com uma garota, não ligue pra isso não/Mas é você que está no meu coração", "Rap Do Amor"
***MC Sinistro e MC Pião***

"Eu só quero ser feliz/Andar tranquilamente na favela onde eu nasci/E poder me orgulhar/E ter a consciência que o pobre tem seu lugar (...) Enquanto os ricos moram numa casa grande e bela/O pobre é humilhado e esculachado na favela", "Rap Do Borel",
***MC William e MC Dudo***


JAMAICA, BAHIA & BRASIL

Apoio:
RÁDIO JOVEM FM 95,9 MHz RECIFE

TRADIÇÃO NO BLUES

FONOGRÁFICA

Estes e outros lançamentos você já encontra na lojas
aky disco
(081) 424-2844

ELDORADO

LANÇAMENTOS

# "GÊNIO DE ELVIS" ATACA DE NOVO

## MICHAEL JACKSON

Epic/Sony

### HIStory — Past, Present And Future: Book One

Aviso aos navegantes. *HIStory...* não é um disco, mas, sim, um exercício de egolatria tão exagerado que seria ridículo se não fosse trágico. São gastas trinta faixas de dois CDs (metade de material inédito, misturada a um outro tanto de grandes sucessos) e as cinquenta páginas de um libreto coalhado com depoimentos de celebridades não apenas para exaltar a pretensa supremacia de um "rei do pop" (cujo poder de fogo perdeu a força máxima há quase dez anos), porém principalmente para reabilitar a imagem pública de Jackson, chamuscada (destruída, dirão alguns) por recentes acusações de perversão sexual.

Michael Jackson é o maior e ninguém pode com ele!", gritam as faixas antigas e as palavras de gente como Elizabeth Taylor e Quincy Jones, alternando-se com fotos de Michael travestido de faraó egípcio, de imperador romano (tomando o lugar de Richard Burton numa foto promocional de *Cleópatra*) e passando tropas em revista. "Mas ele é bonzinho com as crianças, viu?", prossegue o coro, querendo distrair o público da impressão de que hoje ele mais parece um E.T. assustador, cuja obsessão por crianças, quando não parece patética, é preocupante. "É coitadinho dele, nunca teve infância normal", termina a lenga-lenga, como se esse bombardeio histérico – misturando intimidação, sentimentos de pena e lavagem cerebral – conseguisse disfarçar a fraqueza do material recente e o fato óbvio de que hoje ele está quase mais perdido que cego em tiroteio.

Quase, porque um pouco das novas faixas da esperança de que debaixo dessa criatura tonta desnorteada, ainda exista a mesma fagulha que gerou "Billie Jean" e "Wanna Be Startin' Somethin'". O melhor do disco fica entre dois extremos: a moderníssima produção de Jimmy Jam & Terry Lewis ("Scream", "Tabloid Junkie") e o rhythm'n'blues de "Stranger In Moscow". Quando ele não insiste no coro de "já ganhou" como na faixa-título, com um trecho de "Os Portões De Kiev", da suíte *Quadros De Uma Exposição*.. JOSÉ EMILIO RONDEAU

Ilustração Kipper

LANÇAMENTOS

# chiclete com doce de leite

Foto: Zé Maria Palmeira

## VIRNA LISI

Tinitus

### O Que Diriam Os Vizinhos?

O segundo álbum dos mineiros do Virna Lisi é o certificado da maturidade musical do grupo e confirma o quinteto mineiro como um dos destaques do rock nacional atual.

A banda já foi apontada como revelação pela BIZZ em 92, tendo sido também indicada para o MTV Music Awards pelo clip "A Fala", além de conseguir elogios da *Billboard*, numa matéria sobre o cenário musical brasileiro.

Com este disco, eles provam de forma definitiva que realmente conseguem fundir rock com MPB. Ao contrário de alguns nomes que se arriscam nesse caminho, simplesmente colocando um berimbau aqui e um atabaque acolá, desde 90 o grupo vem mesclando ritmos regionais com o rock'n'roll dos Beatles, aliado ao experimentalismo dos Young Gods e ao peso do Metallica.

Para comprovar a competência dos caras, basta ouvir "Eu Quero Essa Mulher", que além de ser a faixa de trabalho do álbum é o mais recente clip dos mineiros. *Sérgio Barbo*

- **Marden** (voz/guitarra) "A nossa formação tem influências regionais de Minas e, além disso, sempre escutamos samba: Paulinho Da Viola, João Bosco."
- **Ronaldo** (guitarra) "Assim como o rock também faz parte da nossa formação, acima de tudo, somos uma banda de rock."
- **Marcelo** (baixo) "Foi algo normal assimilarmos ritmos brasileiros em nossa música, assim como é normal falar e pensar em português, pois é o universo que dominamos."
- **César** (voz/percussão) "A gente não usa os instrumentos de forma tradicional. Tentamos descobrir frases musicais diferentes."
- **Luis** (bateria) "Desde 94, quando entrei no grupo, estamos dando mais ênfase à percussão."

## OS PARALAMAS DO SUCESSO

EMI-Odeon

### Vamo Batê Lata – Paralamas Ao Vivo

Gravado em dois shows do grupo no Palace (SP) no final de 94, este disco traz o trio tocando hits como "Alagados", "A Novidade" – com os "uh, uh, uhs" da versão de Gilberto Gil devidamente acrescidos – e músicas de Severino (como a que dá título à nova turnê da banda). Eles ainda são o que há de melhor em matéria de shows, mas não dá para fugir de um "eu já ouvi isso antes". Como a inserção de "Soul Sacrifice", de Santana: antes uma agradável novidade, hoje soando um pouco batida.

A surpresa é o CD-bônus que acompanha o disco, tem "Uma Brasileira" (Herbert Vianna/Carlinhos Brown), com participação especial de Djavan. Pop, gostosa e com refrão grudento, anuncia uma guinada de volta à simplicidade perdida. Outras faixas não chegam a empolgar: "Luis Inácio (300 Picaretas)", que fala da CPI da corrupção de 94, que não deu em nada e foi censurada por alguns membros do Congresso, a balada "Saber Amar" e "Essa Tarde" estão longe do melhor do trio. *Sérgio Martins*

## DURAN DURAN

Parlophone/EMI-Odeon

### Thank You

Fazer um álbum só de covers, já é dar a cara para bater. Mas um disco apenas com versões de Public Enemy, The Doors, Led Zeppelin e Iggy Pop é mais do que oferecer a outra face. Neste caso, o Duran Duran ofereceu a cara, o corpo inteiro e até a alma. Se "Crystal Ship" (The Doors) e "Perfect Day" (Lou Reed) são quase agradáveis, o "crime" fica por conta das covers de "I Want To Take You Higher" (Sly And The Family Stone) e "911 is A Joke" (Public Enemy), que além de terem ficado ridículas na voz de Simon LeBon, perderam todo o sentido e a alma da *black music*. *Cláudia Grechi*

## JAMES REYNE

Roo Art/EMI-Odeon

### The Whiff Of Bedlam

## JAMES REYNE

Capitol/EMI-Odeon

### James Reyne

"Nunca reclame de um dia sem ondas, pois o dia seguinte pode ser muito pior". Esta máxima de surfistas vem bem a calhar para definir o mais recente álbum de James Reyne. O ex-vocalista do Australian Crawl – adorado pela galera do surf nacional desde meados da década de 80 – tinha estreado em carreira solo em 88, com um disco que levava o seu nome, que agora também foi lançado por aqui.

Nele, James não esqueceu a fórmula usada no AC: guitarras pop, refrões fáceis e baladas românticas. Surfistas beirando os 30 anos vão sentir um gostinho bom de *revival*. E para quem não conhece o cara, basta imaginar uma espécie de Billy Idol com menos pose, só que usando jaqueta de couro de canguru.

Se o disco de estréia de Reyne não chega a ser nenhuma obra-prima, ao ouvir *The Whiff Of Bedlam*, novo trabalho do cantor australiano, você vai morrer de saudades do primeiro. Ele resolveu esquecer de vez seu passado, abdicou das sonoridades do antigo grupo e resolveu "trilhar seu caminho". Entrou na contramão: o álbum traz baladas sem sal e rock desestimulante, que não empolgam nem o mais tiete dos "surfãs" do AC. Sete anos após o primeiro disco, Reyne parece cansado. A foto da capa já diz tudo. *Zé Lúcio Cardin*

## FOO FIGHTERS

Capitol/EMI-Odeon

### Foo Fighters

Em 88, um cardume de bandas de Seattle (re)descobriu o heavy rock dos anos 70, (des)construindo-o cada qual à sua maneira, em um estardalhaço batizado de grunge. Após o suicídio de Kurt Cobain, muitos indagaram se o estilo estava morto e, perante o impasse, infiltrações como Green Day e Bush flertaram com o trono da onda capitaneada pelo Nirvana. Entretanto, um herdeiro menos caricatural se fez eminente: o ex-baterista do grupo, Dave Ghrol, passou a cantar e a tocar guitarra nos Foo Fighters (ver nota na edição anterior da BIZZ). Afinal, nada mais lógico na indústria do disco do que querer capitalizar em cima de um dos integrantes do antigo Nirvana.

A fórmula musical usada no álbum de estréia do grupo consiste em canções com linhas melódicas pop em harmonias incitantes, que gradualmente vão preparando crescendos, para explodir com visceralidade nos refrões.

Mas não era essa a grande jogada de Cobain? Sim. Em pelo menos quatro faixas do álbum, Ghrol repete o mesmo esquema ao pé da letra. E daí? Sou datado. É ruim? Não. Há alguma diferença? Sim, pois o Nirvana era um Black Sabbath pop e os Foo Fighters soam como uma espécie de The Monkees punk. Vão conseguir chegar à mesma posição do grupo de Cobain? Dificilmente, já que a autenticidade de Kurt era uma luz em carne viva, que um dia resolveu se "apagar diante do monstro este", como diria Raul Seixas. *Fernando Naporano*

## IGGY POP

Virgin

# Ave, Iggy!!!

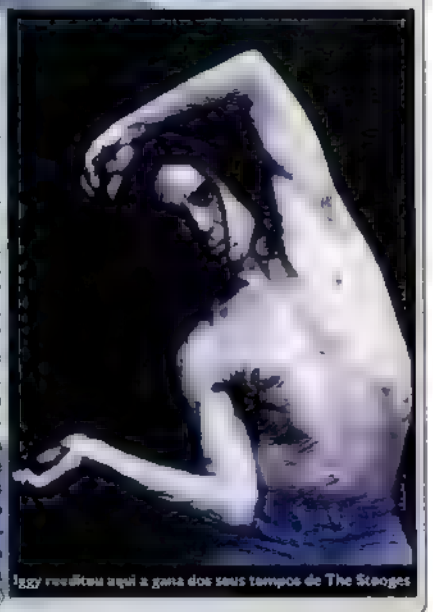
### American Caesar

Infiéis, tremei... Eis que depois de um inadmissível atraso de dois anos, chega finalmente ao Brasil o sucessor do hecatômbico *Brick By Brick* (90). Um álbum ainda imune ao vírus que invariavelmente transforma rockers quarentões em formolizados "manés".

Drenando energia do mais puro negativismo, ao se reunir a um trio de desconhecidos – o baterista Larry Mullins, por exemplo, foi descoberto enquanto entregava pizzas em Los Angeles! –, que consegue se revelar tão fodido quanto The Stooges.

Neste disco, Iggy investiu uma grana que não o acometia desde os tempos de *Raw Power* (73). Títulos como "Hate" ("Ódio"), "Fuckin' Alone" ("Trepando Sozinho"), "Perforation Problems" ("Problemas De Perfuração") e "Sickness" ("Doença"), já dizem tudo.

São proto-fantasias do *american dream* metamorfoseadas nos mais horríveis pesadelos. E para a definitiva descerebração, nada melhor que "Louie, Louie", hit "garageiro" dos *sixties* (que segundo dizem, foi escrito num puteiro mexicano), cuja letra – nesses tempos de Aids e correção política – Iggy reescreveu, como uma vingança. *Arthur G. Couto Duarte*



Iggy revisitou aqui a gana dos seus tempos de The Stooges

Hau! Oba! Epa! Ops! Argh! CD Vinil Cassete N Nacional I Importado

EDITORA AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

Entretenimento

**SET**: Cinema e Vídeo
**BIZZ**: Rock, Pop e Comportamento
**CONTIGO!**: TV, Gente e Atualidades
**INTERVIEW**: Entrevistas e Reportagens
**AÇÃO GAMES**: O Mundo dos Videogames

Esportivas

**FLUIR**: Surf
**GRID**: Automobilismo e Velocidade

Femininas

**UAU!**: Ídolos da Juventude
**CARÍCIA**: Comportamento Adolescente
**BOA FORMA**: Beleza, Fitness e Saúde
**HORÓSCOPO**: Horóscopo e Previsões

Interesse Geral

**OS CAMINHOS DA TERRA**: Viagem, Natureza e Ecologia
**SAÚDE É VITAL!**: Prevenção e Saúde

Arquitetura e Decoração

**A&D**: Arte e Decoração

Guias e Anuários

**VIAGEM E TURISMO**
**HORÓSCOPO ANUAL**
**GUIA DE VÍDEO**

NOSSOS ENDEREÇOS

**São Paulo:** Av. Nações Unidas, 5777 - CEP 05479-900 - Tel.: (011) 816-7866 - Fax: (011) 813-9115 - São Paulo - SP
**Rio de Janeiro:** Av. Marechal Câmara 160 - 15º andar - salas 1534/35 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20020-080 - Tel.: (021) 532-0313 - Fax: (021) 532-1468 - Cx. 4816

REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE

**Brasília:** Espaço Com. Int. e Consult. Ltda. - SDS Ed. Venâncio - II - sala 202 - CEP 70300 - Brasília - DF - Tel.: (061) 321-0305 - Fax: (061) 226-3644
**Campinas:** CZ Press - Com. e Representações Ltda. - Rua Antônio Cesarino, 967 - CEP 13015-291 - Campinas/SP - Tel./Fax: (0192) 32-7975
**Fortaleza:** AG Holanda Comunicação - Rua Edgar Borges, 18 - sala 103 - CEP 60050-000 - Fortaleza/CE - Tel.: (085) 254-1666 Fax: (085) 252-2931
**Minas Gerais:** M A M Publicidade e Repres. Ltda. - Av. Contorno, 8000 - sala 1101 - Ed. Wall Street - CEP 30110-907 - Belo Horizonte/MG - Tel. e Fax: (031) 291-6470
**Paraná:** M.L.C. - Representações Comerciais - R. Cândido de Abreu, 526 - cj. 804 - Bloco B - CEP 80530-905 - Curitiba/PR - Tel.: (041) 253-4048 - Fax: (041) 252-2844
**Rio de Janeiro:** Segmento Editora S/C Ltda. - Av. Marechal Câmara, 160 - 9º andar - sala 929 - CEP 20020-080 - Telefax: (021) 220-3762
**Rio Grande do Sul:** Print Sul - Av. da Azenha, 1502 - cj. 206 - CEP 90060 - Porto Alegre/RS - Tel.: (051) 223-9526 - Fax: (051) 217-1005
**Santa Catarina:** By Speranza - Rua Dr. Alfredo Daura Jorge, 9 - Cond. Village II - Florianópolis/SC - Tel./Fax: (048) 232-0519
**Vitória:** Duarte Propaganda e Marketing Ltda. - Rua Fábio Rusch, 42 A - Bento Ferreira - Espírito Santo - Tel.: (027) 325-3329 - Fax: (027) 324-0421


# "Rasta punk" descabelado

A volta dos pioneiros na fusão punk/funk/reggae

## BAD BRAINS

Maverick/Warner

## God Of Love

*God Of Love* é a "volta do filho pródigo" dos Bad Brains. Marca o retorno do vocalista H.R. e do baterista Earl Hudson, depois de uma frustrada tentativa de montar um grupo de reggae. O clima de regresso ainda fica mais forte com a produção de Rick Ocasek (ex-The Cars), responsável pela produção de *Rock For Light* (83), primeiro álbum da banda. Esta reunião de velhos amigos passa longe da genialidade de álbuns como *I Against I* (86) e *Quickness* (89), mas aqui estão a guitarra desenfreada de Dr. Know, os gritos de convicção *rastafari* de H.R. e aquela mistura de punk/funk/reggae que deixou marcas indeléveis em Flea (baixista dos Red Hot Chili Peppers) e Adam Yauch (Beastie Boys). *God Of Love* é um jorro de adrenalina entrecortado por saudações a Jah, reggae e a zoeira provocada pela banda. As faixas de maior destaque: "Cool Mountaineers", "Tongue Tee Don't Die" e a canção *rastafari* "Long Time".

SÉRGIO MARTINS

## ELVIS COSTELLO

Warner

## Kojak Variety

Em meio à enxurrada de álbuns com covers que invadiram o mercado (vide os discos de Annie Lennox, The The, Jeff Healey e Duran Duran etc.), este trabalho merece menção à parte. Há um toque de idiossincrasia na empreitada – formulada por canções obscuras, que Costello garimpou durante décadas, em sebos de discos na Inglaterra, Estados Unidos e Japão. Ainda que os resultados nem sempre sejam os esperados, a excelência da banda de apoio e o tratamento peculiar dado a coisas como "Bama Lama Bama Loo" (Little Richard) e "Remove This Doubt" (de Holland/Dozier/Holland) compensam os eventuais deslizes do intérprete.

ARTHUR G. COUTO DUARTE

## BOY GEORGE

Virgin

## Cheapness And Beauty

Viado misturado com guitarra pesada? Sim. Essa combinação, que de cara parece insólita, ganha corpo no álbum *Cheapness And Beauty*, a "volta por cima roqueira" de Boy George.

O vocalista – que pode ser considerado a primeira *drag queen* da música pop – amargou um período barra-pesada se envolvendo com drogas e passando por decepções amorosas, depois do fim do Culture Club.

Depois, teve que penar (chegando até a virar *hare krishna*) durante um bom tempo, até que afinal conseguiu adquirir forças para se lançar novamente na fogueirinha das vaidades que envolve o *showbiz*. E não é que a bicha dá conta do recado??

O disco surpreende a quem estava acostumado com o Boy George *over pop*. Há uma cover de "Funtime" (Iggy Pop/David Bowie), guitarras pesadas e letras melancólicas, que invariavelmente falam de amor. De quebra, a irresistível balada pop "Same Thing In", no estilo "pride to be gay"!

CLÁUDIA GRECHI

## BOB DYLAN

Columbia/Sony

## MTV Unplugged

Combine uma fórmula moderna de "marketing-através-da-reciclagem" com um dos artistas cuja "marca registrada" sempre foi confundir seu próprio público e o resultado é o *MTV Unplugged* de Bob Dylan: um álbum quase 100% protocolar, um tanto morno e desinteressante, claramente feito mais por intenções mercadológicas do que por desejos artísticos do compositor.

Utilizando aquele mesmo trajeto usado para apresentar Eric Clapton e Rod Stewart a um público adolescente nascido mais de uma década depois do primeiro *comeback* de Bob Dylan, este trabalho – híbrido de especial para a televisão e de disco ao vivo – põe frente à frente um gigante dos anos 60 e todas as novas gerações para quem ele, antes não mais do que um verbete de enciclopédia, consegue ganhar forma e sonoridade.

Só que Dylan não é um artista exatamente "hospitaleiro" (para muitos, excluídas as suas letras, Bob pode ser considerado um "prazer adquirido"). Sem contar o fato do repertório que foi escolhido para o álbum soar calculista e manjado demais.

Mas nem tudo está perdido neste *MTV Unplugged*: os 10% durante os quais o disco adquire alguma vida e vigor estão na conclusão, com a música "With God On Our Side". A antiga composição de Bob Dylan se renova, como um alerta corrosivo contra o clima de direita, que atualmente está em vigor nos Estados Unidos.

JOSÉ EMILIO RONDEAU

# VELHINHO MATADOR

## JERRY LEE LEWIS

Sire/Warner

## Youngblood

Jerry Lee é um dos raros pioneiros do rock dos anos 50 que, além de estar na ativa, ainda conseguiu um contrato com uma gravadora grande.

*Youngblood*, o primeiro disco original do *Killer* em quase dez anos, traz o Jerry Lee padrão, com boogie woogie e rock'n'roll ancestral, sem fazer concessões à modernidade.

Quem viu de perto o fiasco que foi a passagem dele pelo Brasil no ano passado, podia esperar esse álbum com reservas, mas – felizmente – o disco é bom. Créditos ao produtor retrô Andy Paley, que colocou o velhinho bebum e desleixado na linha. Paley encheu a desgastada voz de Jerry Lee com eco e criou uma massa sonora compacta, pulsante e longe da frouxidão que vinha sendo marca dos últimos registros do pianista. Há recauchutagens de clássicos com "Young Blood" (hit do grupo The Coasters), "Things" (Bobby Darin) e "I'll Never Get Out Of This World Alive" (Hank Williams), mais algumas novidades, na maioria compostas pelo próprio Paley, como "It Was The Whiskey Talkin' (Not Me)".

PAULO CAVALCANTI

# VÍDEOS

## SHOWS E CLIPS

PARA: MÚSICOS, BANDAS, EMPRESÁRIOS, GRAVADORAS, DJs, E MODELOS

TODO MÚSICO É LANÇADO EM CD, LP E K-7. ATÉ AÍ TUDO BEM. MAS E EM VÍDEO? CHEGOU A HORA DE FAZER VOCÊ TAMBÉM SEUS VÍDEOS VHS E CD-ROM, COMO NA EUROPA, ESTADOS UNIDOS E JAPÃO. LANCE AGORA SEUS TRABALHOS EM HOME VÍDEO VHS.
SISTEMA ESPECIAL DE PRODUÇÕES A PREÇOS ACESSÍVEIS.
O ARTISTA NA TV, NO VÍDEO, NO TELÃO E NO COMPUTADOR.

MÚSICA + VÍDEO = SUCESSO
DISTRIBUIÇÃO: LOCADORAS, MAGAZINES, LOJAS DE DISCOS, CONSUMIDOR FINAL, EMPRESÁRIOS, CONTRATANTES DE SHOWS, IMPRENSA, ARTISTAS, PREFEITURAS, MALA-DIRETA, LOJAS DE INFORMÁTICA, ETC

APROVEITE AS VANTAGENS DE NOSSO SISTEMA COMERCIAL:
✓ ALTA LUCRATIVIDADE
✓ TRANQUILIDADE TOTAL
✓ SUPER-QUALIDADE
✓ EXPERIÊNCIA DE 14 ANOS EM VÍDEO-PRODUÇÃO
✓ BONS PREÇOS

DESCUBRA COMO LUCRAR COM ESSA ATIVIDADE.
PEÇA CATÁLOGO DETALHADO PARA:

CENTRAL BRASILEIRA DE VÍDEO LTDA
TELEFONE: (011) 950.0702 - DAS 10 ÀS 20 HORAS
FAX: (011) 691-7866 - 24 HORAS
PELO CORREIO: CAIXA POSTAL 3670
SÃO PAULO/SP - CEP 01060-970

# ROCK'N'XIQUE... XIQUE'N'ROLL

## JORGE CABELEIRA E O DIA EM QUE SEREMOS TODOS INÚTEIS

Chaos/Sony

### Jorge Cabeleira E O Dia Em Que Seremos Todos Inúteis

Investindo num som bem mais agreste e regionalista que o de seus conterrâneos Chico Science e Fred 04, este grupo recifense foi cavucar inspiração nas bandas dos grotões de São Severino dos Macacos, no interior de Pernambuco. Ao invés de mangues e caranguejos com cérebro... maracatu e xaxado, para desembocar no *drive* do rock'n'roll.

Este sincretismo está no *pout pourri* "Carolina" (que inclui "Xote Das Meninas", do velho Luiz) e nas versões de "Os Segredos De Sumé" (de Zé Ramalho, que deu uma canja nos vocais) e "Sol E Chuva" (Alceu Valença). Já "12 Badaladas" e "Psicobaião" expõem *riffs* "ledzeppelianos" em colisão com sanfona, triângulo e zabumba. ARTHUR G. COUTO DUARTE

O grupo recifense: sonoridades do agreste pernambucano, levadas no *drive* do rock'n'roll

## LUÍZ MELODIA

EMI-Odeon

### Relíquias

Não dá para entender. Cantor e compositor de primeira, Melodia sempre teve problemas com gravadoras. Passou anos fora delas, até que em 91 fez o brilhante *Pintando O Sete*. E agora de volta, em vez de um disco com novas músicas, preferiu fazer "releituras" de velhos hits como "Magrelinha" e "Juventude Transviada". A questão é: para que mexer em canções que são clássicas? Mesmo porque as versões ficam inferiores às gravações originais. A melhor: "Farrapo Humano", com canja do Skank. Bem que Luiz podia ter feito um disco "zero-baita". Seria melhor do que mexer no que estava super bem feito. JEFERSON DE SOUSA

## A BANDA DAS VELHAS VIRGENS

Prisa

### Foi Bom Pra Você?

Se fosse para dar um prêmio para o lançamento mais estereotipado e previsível do ano, provavelmente seria para este CD. São treze faixas rastaqueras, roquinhos escrotos (no mau sentido), que supostamente celebram putaria, sacanagem e bebedeira. As letras indigentes não passam de uma tremenda barra forçada. A participação de gente que já foi legal, mas agora não dá mais no couro – Rita Lee, Eduardo Araujo, Oswaldo Vechionni (Made In Brazil) e Marcelo Nova –, deixa um gosto pior ainda nessa mistura bizarra. PAULO CAVALCANTI

## WALKING LIONS

Eldorado

### Vitrine

Pioneiros do reggae tupiniquim, enfim os Walking Lions emplacaram seu primeiro disco, depois de quinze anos de estrada na bagagem. Tanta experiência acumulada bem que poderia ter gerado um excelente trabalho, mas *Vitrine* deixa a desejar: trata-se de um oceano de boas intenções, restrito a uma piscina plástica rasa de resultados práticos. Pena... Dá para salvar a fusão rap/reggae da faixa "Toaster Roots" – com participação de KL Jay (dos Racionais MCs) – e a envolvente melodia de "Nuvem". De resto, sobram apenas toneladas de clichês de reggae mal digeridos, além de bons músicos desperdiçados. FABIAN CHACUR

## FLAVIO GUIMARÃES

Eldorado

### Little Blues

O primeiro disco solo do gaitista do Blues Etílicos entrou direto na lista dos melhores álbuns do estilo já gravados no Brasil. E motivos para tanta babação não faltam.

O time reunido por Flávio conta com "apenas" Paulo Moura, Ed Motta, Sugar Blue, Mauro Senise e Roberto Frejat, entre outros. Ponha essas feras para tocar um repertório perfeito – que vai de Willie Dixon a Big Joe Williams, passando por Ary Barroso e Robben Ford – e o resultado vai ser uma celebração ao blues, temperada com fortes doses de jazz e outras especiarias musicais.

A vontade, Flávio traz versões iluminadas de clássicos como "Take Five", "Hoochie Coochie Man", "Na Baixa Do Sapateiro" e "Baby, Please Don't Go". E mostra sua faceta de compositor em "Blues Jam For Charlie" e "Surfing". Depois de uma audição tão animadora, fica a pergunta: que será do Blues Etílicos após esse disco? Só Flávio pode responder. HÉLIO GOMES

## THE MOUNT MORIAH MASS CHOIR/THE NEW AGE COMMUNITY CHOIR

Luz/Warner

### Harlem Sunday

Foi preciso um brasileiro se mexer para que este grupo, The Mount Moriah Mass Choir, conseguisse gravar o seu primeiro disco.

Apesar de ser um entre os milhares de corais *gospel* de Nova York, a formação chamou a atenção do produtor Nelson Motta pelas vozes e pela fusão de ritmos e estilos, numa música vigorosa e emotiva. O grupo faz tanto o *gospel* tradicional quanto o moderno, com elementos de soul e de rhythm'n'blues. Dois dos vocalistas, Damien Damen e Duane Jackson, têm tudo para se dar bem além das fronteiras do canto evangélico. Músicas como "Keep Faith" e "Hallellujah, Anyhow" sacodem o espírito e o esqueleto. TONINHO SPESSOTO

## WHITE ZOMBIE

Geffen/BMG-Ariola

### Astro Creep: 2000 — Songs Of Love, Destruction And Other Synthetic Delusions Of The Electric Head

Depois do sucesso de *La Sexorcisto – Devil Music Vol. 1*, o "zumbi" está de volta. Para os fãs desta banda que mistura todos os sons imagináveis numa colagem incrível, aqui está o novo álbum. São onze músicas com guitarras pesadas e distorcidas, bateria bem marcada e vários samples que vão desde vozes e gemidos até roncos de motocicletas.

*Astro Creep: 2000...* não é tão bom quanto seu antecessor. Há algumas diferenças: os *samples* deste disco foram todos feitos por eles mesmos. Isto por causa do problema que o White Zombie teve com *La Sexorcisto...*, no qual usaram *samples* alheios, e acabaram sendo processados por Robert De Niro, entre outros ofendidos. Na verdade, o problema não conseguiu melar a estréia deles na Geffen – *La Sexorcisto...* vendeu um milhão e meio de cópias, ganhou discos de ouro e de platina.

No novo álbum, as surpresas começam nos *samples* e terminam no encarte, todo desenhado por Rob Zombie, líder da banda. A música "Zombie" se inicia com a famosa "Ave Maria" (aquela que toca em casamentos, para fazer as vovós chorarem), e a Industrial "Eletric Head Pt.1 (The Agony)" são algumas "cenas" deste disco, um perfeito filme B. PATRICIA RENDA

# TAL PAI, TAL FILHO

## JEFF BUCKLEY

Columbia/Sony

### Grace

Nada a ver... O título acima soa forçado, sem nenhuma "graça". Que me perdoem uns rapazes esforçados como Julian Lennon, Ziggy Marley, Jason Bonham etc., mas os ditos-cujos nunca atingiram – consegui não? – a parcela de genialidade, presumivelmente herdada dos pais.

Mas com Jeff foi diferente. Filho do trovador country Tim Buckley (que, aos 21 anos, já estourava no meio *underground* de Nova York), só foi conhecer "papai" pouco antes de uma semana da morte dele, causada por uma overdose acidental, em 75 – quando Tim tinha 28 anos.

Jeff tem agora a mesma idade (Cresceu com a mãe (que engravidou de Tim adolescente), foi apresentado ao rock pelo padrasto (Led Zeppelin, The Who, Jimi Hendrix), e depois ouviu Bob Dylan, The Pretenders, The Smiths, Bad Brains e idionssicrasias como Edith Piaf e Judy Garland. Só há três anos, descobriu o clássico *Astral Weeks* (68, Discoteca Básica, BIZZ 53) de Van Morrison, que imediatamente se tornou sua bíblia musical. Some a essas referências um country classudo que, de repente, pode se transmutar em hard rock, letras muito espertas e um vocal melancólico – na linha de Tim –, que as vezes se aventura em inauditos falsetes. Isto já dá uma pálida idéia de faixas como "Mojo Pin", "So Real" e "Hallelujah" (de Leonard Cohen), alguns dos destaques do álbum de estréia de Jeff. CELSO PUCCI

REF. T101
REF T91
REF T104
REF T94
RAMONES
REF T100
REF. T97
REF T93
REF. T106
FAX: (011) 881 9789
NEW ROCK
FONE: (011) 280 2952
REF T103
REF T98
REF T95
REF T105
REF T107
REF T96
REF T89
REF T90
REF. T92
REF T108
COMO COMPRAR:
SEDEX (ENTREGA URGENTE) - JUNTO AO SEU PEDIDO, ENVIE CHEQUE NOMINAL À NEW ROCK NO VALOR TOTAL DA COMPRA. PAGUE AS DESPESAS POSTAIS SOMENTE AO RETIRAR A ENCOMENDA NO CORREIO.
DESCONTOS DE ATÉ 40%
PARA REVENDEDORES
TOTAL DA COMPRA R$
END
Nº
CEP: FONE
CIDADE: ESTADO
MOD REF. COR TAM.
PREENCHA CORRETAMENTE O CUPOM ACIMA E ENVIE PARA NEW ROCK - RUA CAPOTE VALENTE 242, SÃO PAULO-SP, CEP 05409-000.
REF K002
REF K004
REF K008
REF K003
REF K001
REF K005
REF K007
* ESTAMPA NAS COSTAS COM LOGOTIPO FRONTAL
REF. I001
REF I004
REF I006
REF I003
REF. I013
REF I011
REF I012
REF I007
REF. I005
REF A004
REF A003
REF A002
REF. A001
REF 433
REF 430
REF 429
REF 432
REF 431
REF 426
REF 427

EDITORA AZUL

Fundador
Victor Civita
(1907 - 1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

Diretor Editorial: Carlos ... Arruda
Diretor de Publicidade: Claudio Santos
Diretora Comercial: Vera Helena M. Gomes
Diretor de Comunicação: Carlos Alberto Araujo
Diretor Financeiro: Pedro Frazão

REDAÇÃO

Editor-Chefe:
Editor Especial:
Editor de Arte:
Editores-Assistentes:

Editor-Assistente de Arte:
Coordenador de Produção:
Arte:
Correspondentes:

Colaboradores Texto:

Barbo, Roberto Spesato, Zé Lucio Cardin
Fotos: Christian Gaul, Ernesto Baldan, Isabel Becker, Rui Mendes, Zé Maria Pimenta
Ilustração:
Revisão e Preparação de Texto:
Assistente de Redação:

STAFF EDITORIAL
Secretaria Editorial: Isabela Boscov
Azul Press: Benjamin ... Gonçalves
Administração Editorial: Arnoval do Carram Dias
Sistemas Editoriais: Walter Toscano
Direção Responsável: ... de Lima Fiona Castelli

PUBLICIDADE
Gerente: Ana Lucia Serra
Supervisores de Contas: Afonso Pasqualinos, Maria Luisa Marot, Miriam Hona, Ricardo Santos
Contatos de Agência: Ana Maria Lobo, Andréa Machado, Marcelo Caiado e Rosana Pires
Contato: Ana Lucia Bertola
Marketing Publicitário: Reginaldo Andrade
Coordenadores: Antonio Pensair ... Alex-Sander José Soares, Tieko Kumiyuk

COMERCIAL
Gerente de Planejamento: Ana Camargo
Gerente de Produto: André Felipe ...
Gerente de Assinaturas: Alessandra Pinas
Gerente de Pesquisa: Silvia ...

COMUNICAÇÃO
Gerente de Promoção: Sandra Galli Ponse...
Gerente de Propaganda: Vai Zalla

BIZZ é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. ISSN 0104-1649 ... São Paulo: Redação e Correspondência: Av. das Nações Unidas 5.777, CEP 05479-900, tel. ... 816-7466 ... Rio de Janeiro: Av. Marquês ... Distribuidor em Portugal ... Assinaturas ... Serviço ao assinante ... Números atrasados ... Fotolito ...

IMPRESSA NA EDITORIAL AMÉRICA S.A.

ANER IVC

## REPERCUSSIONS

Warner

### Earth And Heaven

## GROOVE COLLECTIVE

Reprise

### Groove Colective

## JAZZ LEE ALSTON

American

### Jazz Lee Alston

As noites Giant Step, eventos itinerantes que transitam por descoladas casas noturnas de Nova York desde o começo da década, serviram para introduzir o *acid jazz*, então uma criação inglesa, ao publico americano

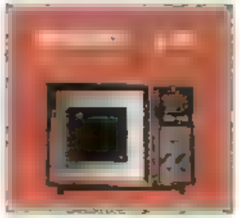
De quebra, resgataram nomes importantes do soul e do jazz das décadas de 60 e 70, através dos *turntables* dos DJs. E, ainda por cima, revelaram novos musicos da cena jazzistica americana.

O Groove Collective surgiu dessa série de eventos, formado por integrantes do Groove Academy e do Repercussions, mais o saxofonista Jay Rodrigues. A performance no bar Sybarite, no Soho, foi registrada em disco e é de uma espontaneidade de fazer inveja à concorrência inglesa. A boa repercussão levou o Groove Collective a participar da coletânea *Red, Hot + Cool*, junto com o tecladista Bernie Worrell (Parliament/Funkadelic)

O sucesso do grupo abriu espaço para a facção de musicos do Repercussions, que participavam da banda. O álbum *Earth And Heaven*, lançado este ano, é um tapa na cara de quem pensava que americanos não faziam mais soul. O grupo honra os seus antepassados com otimas *grooves* e deve agradar até os mais puristas, já que as musicas são soul puro, sem influência latina, indiana ou brasileira, como preferem os ingleses.

Outra que vai matar de inveja os bretões é Jazz Lee Alston, que pode ser apontada como a sensação de 95. A americaninha lançou um mini-album, produzido por Sir Mix-A-Lot, com seis musicas avassaladoras, todas elas falando basicamente sobre sexo do ponto de vista da turma do *gangsta rap*

Aliás, ela transita do jazz ao G-Funk com desenvoltura e sua voz levemente rouca fica perfeita para as interpretações das letras sensuais presentes nas musicas do disco. O destaque fica para "Love... Never That", uma canção dedicada à sua prima, que foi vitima da violência doméstica. Pelo jeito, a mulher devia apanhar feio. EDGARD REYMANN



## WILCO

Sire/Warner

### A.M

Das cinzas do cultuado Uncle Tupelo grupo *cow punk* do meio-oeste americano – surgiu o Wilco, com uma proposta um pouco mais voltada para as raízes do country

Na verdade, o Uncle Tupelo já vinha caminhando nessa direção com o seu quarto álbum *Anodyne*, o primeiro que eles lançaram por uma grande gravadora e o réquiem da banda. Esta mudança de um esquema independente para uma *major* parece ter sido o motivo da briga entre os seus dois principais compositores.

Jeff Tweedy, vocalista, guitarrista e letrista de inspiração rara, formou rapidamente o Wilco, arregimentando o baixista John Stirratt, o baterista Ken Coomer (ambos da ultima formação do UT), mais o sensacional multi-instrumentista Max Johnston (violino, dobro, bandolim, banjo e o que vier), para gravarem o melhor disco de country rock desde *Gas Food Lodging* (85), do Green On Red

A voz de Tweedy tem um registro entre a rouquidão explícita de Rod Stewart e o tom intimista de Gram Parsons – ou mesmo de Paul Westerberg (The Replacements). Cai perfeitamente em baladas como "Shouldn't Be Ashamed", "I Thought I Held You" e "Should've Been In Love", ou ainda na levada *honky tonky* da faixa "Casino Queen" (uma espécie de aceno aos Rolling Stones) e na vigorosa "Pick Up The Change"

O resultado é impressionante: um disco excelente de ponta a ponta

Agora, resta torcer para que Jay Farrar – a outra voz do Uncle Tupelo – apareça com ouro do mesmo quilate. DANIEL BENEVIDES

# TRILHAS SONORAS

## VÁRIOS

Warner

### Batman Forever

Caso raro de uma trilha que se sustenta sózinha, independente do filme a que pertence, esta destaca-se pela qualidade das faixas e dos convidados, bem como pelo ineditismo de quase todo seu conteudo. A começar pela interessantíssima "Hold Me, Thrill Me, Kiss Me, Kill Me", do U2, sobra de *Achtung, Baby* que foi muito bem reciclada e aproveitada – aqui, Bono e The Edge mostram entender bem mais de cinema do que se suspeitava. PJ Harvey está na curta, mas impactante, "One Time Too Many", e Michael Hutchence (do INXS) surge numa versão de "The Passenger", de Iggy Pop. Nick Cave diz "presente!", em "There Is a Light"

Mas nem de só luxo se nutre a trilha de *Batman Forever* ninguém mais aguenta o Offspring, e o Mazzy Star serve como soporífero (ou irritante). JOSÉ EMILIO RONDEAU

O novo Batman: trilha com U2

## VÁRIOS

### Amateur

## HOWARD SHORE

Hollywood

### Ed Wood

Depois que o diretor Hal Hartley usou uma música do Sonic Youth em *Simples Desejo*, soube-se que seu paladar pop era dos melhores. Servindo de fundo para as tramas loucas e trágicas de *Amateur*, Hartley escolheu sons pesados e/ou intimistas de PJ Harvey ("Water"), Bettie Serveert ("Tom Boy"), Liz Phair ("Girls! Girls! Girls!") e Pavement ("Here"). Depois de nove faixas tipo *Lado B* da MTV, há onze incidentais compostas por Ned Rifle e Jeffrey Taylor, melancólicas como o fatalismo do filme.

E foi estranho que *Ed Wood*, de Tim Burton, não tivesse trilha de Danny Elfman (do grupo Boingo). Afinal, Elfman musicou todos os filmes do diretor. Mas a trilha de Howard Shore – autor do *free jazz* de *Mistérios E Paixões*, com Ornette Coleman – é sedutora. No clima patet co.nostálgico dos filmes B dos anos 50, casa o som de fitas de terror com toda a festa do pós-guerra. CHRISTIAN PETERMANN

## VÁRIOS

Priority

### Fryday

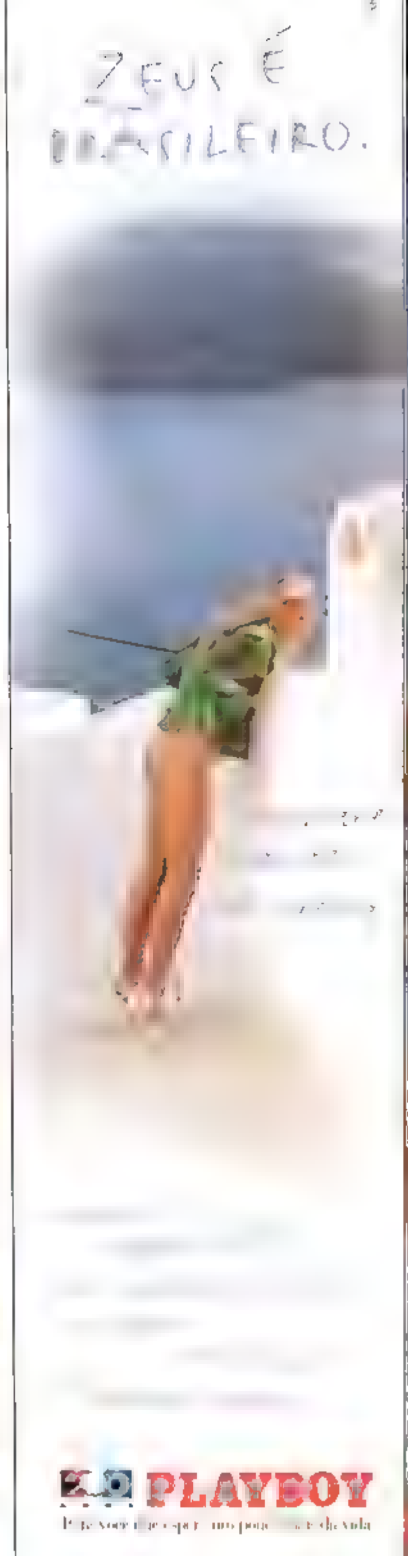
## VÁRIOS

Jive/Hollywood

### A Low Down Dirty Shame

*Soundtracks* de filmes negros servem de vitrine para o que há de mais novo na produção de *black music* americana - do rap ao *new jack swing*. Mas, assim como os filmes não tratam do mesmo assunto, as trilhas também seguem caminhos diferentes. No caso de *Friday*, privilegia-se o *gangsta rap* (estilo um tanto renegado pelos artistas, mas que continua em evidência), com as participações de Ice Cube, Dr. Dre e Scarface e uma espécie de *back to the roots*, com a presença de The Isley Brothers, Rick James e Bootsy Collins. *Friday* é um disco mais conceitual, no qual se nota claramente a mão do produtor, Ice Cube.

Já com *A Low Down Dirty Shame*, embora tenha *boom bap* (Fu-Schnickens, Organized Konfusion e UGK'z), é na opção pelo som mais suave que o disco ganha charme com a nata do *new jack swing*: Nuttin' NYCe, Zhané, Silk, R. Kelly, Aaliyah, etc. – o que torna-a uma das melhores do gênero. JEFERSON DE SOUSA



# RÁPIDAS & RASTEIRAS

Logo de cara, vamos saudar aquele que é uma espécie de unanimidade nacional ao se falar na categoria "artista pentelho": **OSWALDO MONTENEGRO** está de disco novo! O "menestrel dos bandolins" nos brinda com mais uma coleção de suas canzonetas cafonas, intitulada **Aos Filhos Dos Hippies** (Albatroz). Cortados dos pivetes. Estamos quase no ano 2000 e o barbudo ainda se preocupa com os hippies. Para pensar no assunto, uma sugestão ao "poeta": que tal ir para Woodstock a pé, fazendo uma escala na Bósnia? (★) A Espanha também tem o seu "Montenegro": o instrumentista *new age* **NACHO CANO**, com o CD **Un Mundo Separado Por El Mismo Dios** lançado por aqui pela Virgin. Em seus temas, ele se preocupa com a matança de baleias, a sensibilidade das aulas de dança e outras coisas para gente de fino trato e grossos ouvidos (★) E se como se diz, a ruindade é universal, o *bluesman* asmático de nome **J.J. JACKSON** (em CD homônimo pela Eldorado) perpetrou um horrendo mix de blues e soul, arruinando *standards* como "Stand By Me", "Lucille" e outros (★) Bandas novas do rock nacional dão as caras em um par de coletâneas independentes **Falange Rock II** e **Falange Rock III** (Artium). É chato dizer que nada presta nos dois CDs. Os caras só sabem chupar os *riffs* do Deep Purple e o vocal esganiçado do "maia" Jon Bon Jovi. Citar os pontos mais baixos tomaria muito espaço, mas para "destacar" ao menos um nome, vale citar a faixa "Just One More Time", com o grupo **SEVEN** (no terceiro volume). Realmente, um pavor musical. Na verdade, ambos os CDs merecem uma única "carinha" de cotação: (★) Vai uma musiquinha de elevador aí? Se você, por acaso, precisa sonorizar algum supermercado, não vacile: pode correr atrás de **Love & Other Obsessions**, o mais recente álbum do grupo **SPYRO GIRA**, e **Street Dance**, o novo lançamento do saxofonista **ERIC MARIENTHAL**, ambos editados por aqui pelo selo GRP/BMG-Ariola. O "jazz" apresentado no disco do quinteto liderado pelo saxofonista Jay Beckenstein faz *muzak* parecer música de vanguarda. Já Marienthal, até que reúne um time respeitável de músicos (o guitarrista Paul Jackson, Jr., o xilofonista Gary Burton, o percussionista Paulinho Da Costa etc.), mas o resultado é sofrível – além de Eric "assassinar" a canção "Have I Told You Lately?" (Van Morrison) ainda cisma de fazer uma versão para um tema ultra-chinfrim do Genesis, em sua fase decadente ("Hold On My Heart") (★) Por fim, dois lançamentos que remetem à MPB tradicional: o bom CD **Eu E A Musica**, apenas com *standards* da bossa nova, que foram muito bem interpretados pela dupla de violonistas **WANDA SÁ & ROBERTO MENESCAL** (em disco editado pelo selo CID) (★) E **Brasileiro**, trabalho do cantor e compositor mineiro **RENATO MOTHA** (Movieplay). Este último, ainda insiste em rezar por aquela cartilha musical lançada pelo longínquo *Clube Do Esquina*. Ah, e isto não é um elogio (★)

*Paulo Cavalcanti*

J.J. Jackson em disco fraco, com mix de blues e soul

**GRAVADORAS INDEPENDENTES** ■ Artium R. Gama Cerqueira, 344. Fone (011) 277-29 /São Paulo (SP) ■ **Prize Records** Fone/Fax (041) 252-977 /Curitiba (PR) ■ Tinitus R. Teodoro Sampaio, 833, ∫. 13. Fone/Fax (0 11) 851-2577, São Paulo (SP).


CAMISETAS ESPECIAIS

Stamp Rock Wear

LANÇAMENTOS EXCLUSIVOS!

RECEBA PELO CORREIO
PAGUE AO RETIRAR

FONE: (011) 299-7478

PREÇOS
CURTA (TE): R$ 22,00
LONGA (LTE): R$ 26,00

ENVIE O CUPOM AO LADO (OU XEROX) P/ STAMP - RUA HELIODORA, 32 - CEP 04023-061 - SÃO PAULO - SP

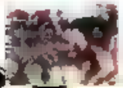
VOCÊ RECEBERÁ UM AVISO DO CORREIO PARA RETIRAR SEU PEDIDO NA AGÊNCIA MAIS PRÓXIMA DE SUA CASA

A DESPESA POSTAL SERÁ PAGA PELO CLIENTE

| REF. | TAM. | MOD. | REF. | TAM. | MOD. |
|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | |

NOME
END
CEP CID EST

# bolsa de discos

| Média | Disco | CARLOS MARCELO Correio Braziliense DF | CELSO PUCCI BIZZ | DANIEL BENEVIDES MTV | JIMI JOE ZH RS | LUIS ANTONIO RYFF Folha de São Paulo | KAKÁ FM Brasil 2000 SP | MAURO DIAS O Estado de São Paulo | PEDRO SÓ O Dia RJ | ROBERT HALFOUN BIZZ | TOM LEÃO O Globo RJ |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 8,12 | J. J. CALE • Closer To You (Dualtone/Virgin) | 8 | 8 | 8 | 8 | 8 | 8 | 7 | • | 10 | • |
| 7,83 |  GAL COSTA • Mina D'Água Do Meu Canto (RCA/BMG Ariola) | • | 5 | 9 | • | 9 | • | 9 | 8 | 7 | • |
| 7,12 | NANDO REIS • 12 De Janeiro (Warner) | 8 | 7 | • | 6 | 6 | 8 | 7 | 7 | 8 | • |
| 6,90 | ARNALDO ANTUNES • Ninguém (BMG Ariola) | 8 | 7 | 6 | 8 | 6 | 7 | 6 | 8 | 6 | 7 |
| 6,70 | VÁRIOS • The Unplugged Collection (Warner) | 7 | 5 | 7 | 8 | 7 | 9 | 10 | 6 | 5 | 8 |
| 4,66 | TIM MAIA • Nova Era Glacial (Continental/Warner) | • | 2 | • | 6 | 4 | • | 6 | 7 | 3 | • |
| 4,16 | MAD SEASON • Above (Columbia/Sony) | 4 | 1 | 4 | 7 | • | • | • | 3 | • | 6 |
| 4,12 | SHAMPOO • We Are Shampoo (Food/EMI Odeon) | 5 | 1 | 4 | 6 | • | 6 | • | 5 | 2 | 4 |
| 3,50 | BON JOVI • These Days (Mercury/PolyGram) | 2 | 3 | 2 | 2 | • | 5 | • | • | 7 | • |
| 3,33 | JORGE BEN JOR • World Dance (Warner) | 5 | 0 | 3 | 3 | 3 | 7 | 0 | 4 | 5 | • |

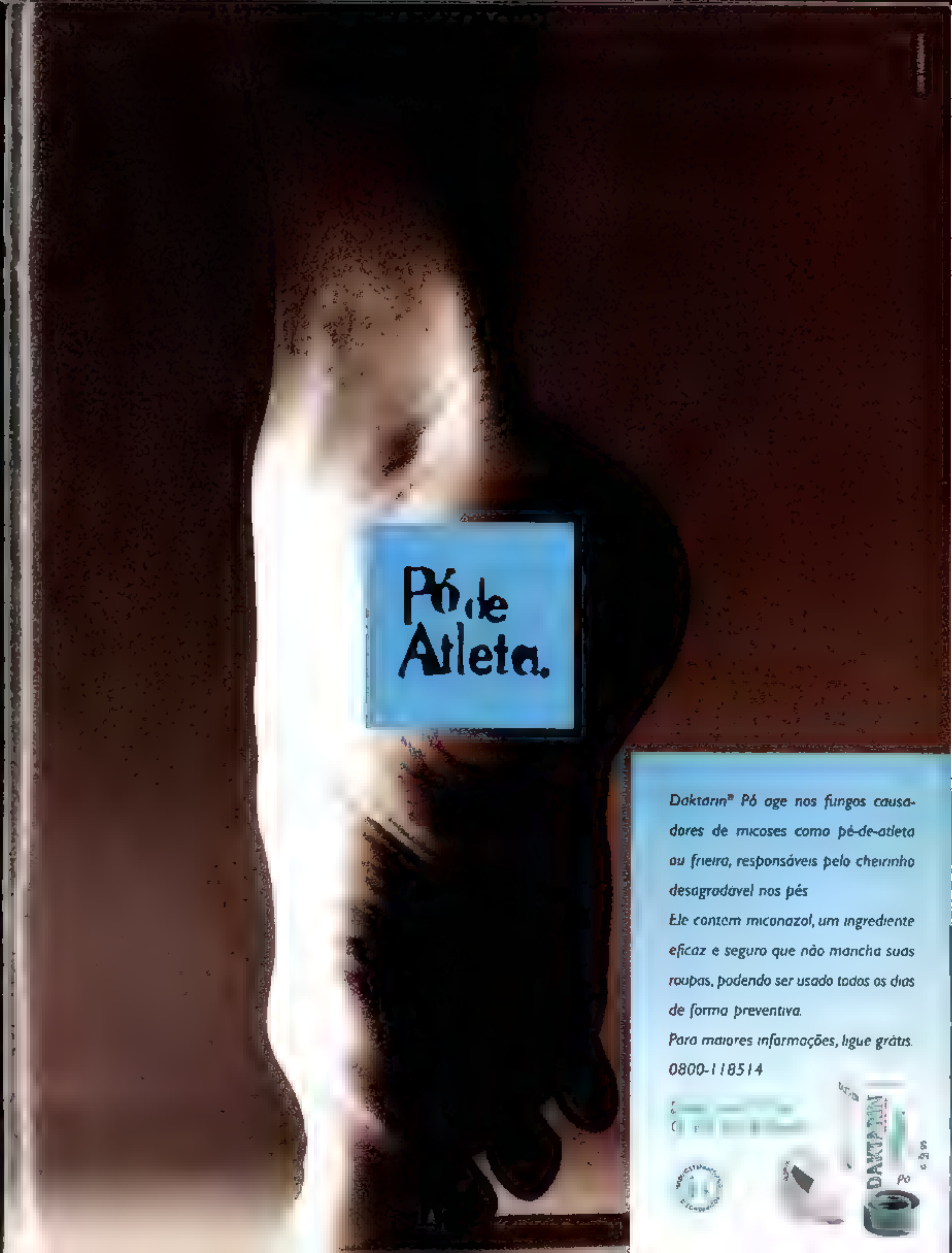
# parada

## BRA clips 13/07 MTV

## EUA álbuns 15/07 Billboard

## GB álbuns 08/07 NME

## GB indie 08/07 NME

# Há anos luz do "pisca-pisca"

Três reedições remasterizadas do Pink Floyd trazem o grupo no auge da ousadia e da invenção

Acima, na época de Syd Barrett (terceiro à partir da esq.). Ao lado, Roger Waters grava *Ummagumma*

Frutos de uma época durante a qual o **PINK FLOYD** significava ousadia e invenção, os álbuns **The Piper At The Gates Of Dawn** (67), **Ummagumma** (69) e **Atom Heart Mother** (70), estão fazendo sua reentré no mercado discográfico nacional através de caprichosas edições remasterizadas.

Não, ao contrário do trabalho mais recente do grupo, os álbuns acima não vêm acompanhados de "pisca-pisca"...

Os discos que foram reeditados apresentam apenas um punhado de sons estupefacientes. Sons que são capazes de te carregar para dentro de imaginados universos paralelos, a outras dimensões.

Sons que te carregam para dentro de universos paralelos e a outras dimensões

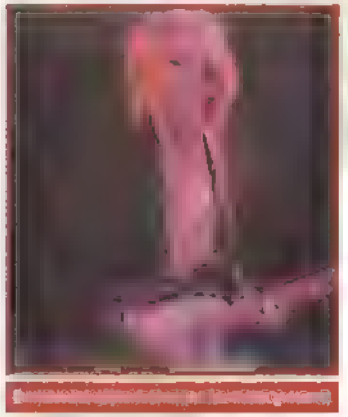
Em *The Piper...*, primeiro e único registro da banda sob a batuta do vocalista, guitarrista e principal compositor, Syd Barrett, encontramos temas de inspiração *sci fi* ("Interstellar Overdrive", "Astronomy Domine"), pop orientalizante ("Chapter 24", cujos versos derivam do I-Ching) e surrealismo em forma de rocks ácidos ("Take Up Thy Stethoscope And Walk", "Pow R. Toc H."). Tudo isso enfeixado por *riffs* espasmódicos de guitarra e experimentos eletrônicos que se encaixavam perfeitamente nos ideais propostos pela música erudita de vanguarda.

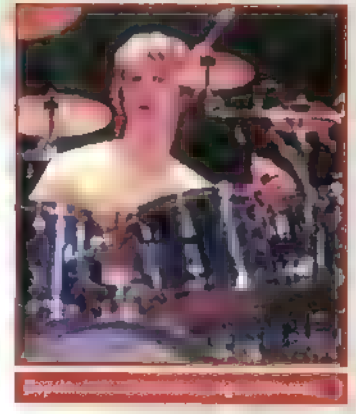
*Mezzo* registrado ao vivo, *mezzo* feito em estúdio, *Ummagumma* já valeria apenas pela presença da versão definitiva deste elogio à loucura que é "Careful With That Axe, Eugene". Mas, além disso, existem composições como "The Narrow Way", "Sysyphus (Part 1-4)" e "The Grand Wizzer's Garden Party", que também merecem atenção.

Já o álbum *Atom Heart Mother* abrigou um dos poucos *crossovers* da história que fazia uso efetivo da música clássica em um contexto relativo ao rock, conseguindo conjugar coral e orquestrações bombásticas às sideradas visões do grupo.

ARTHUR G. COUTO DUARTE

# The Police dá uma geral



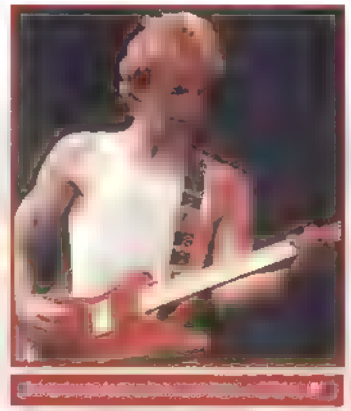


Aqui o disco que todo fã do trio inglês **THE POLICE** estava esperando desde a morte súbita do maior *power trio* dos anos 80. **The Police Live!** (A&M, por enquanto só importado) chegou para aposentar definitivamente toda e qualquer fita ou disco pirata da banda ao vivo – uma ótima notícia para quem se acostumou a ferir seus ouvidos com gravações de péssima qualidade.

O álbum duplo captura Sting (baixo/voca.), Stewart Copeland (bateria) e Andy Summers (guitarra) nos dois grandes momentos da banda, as turnês dos discos *Reggatta De Blanc* (79) e *Synchronicity* (83).

O primeiro disquinho – gravado num show da banda em Boston – traz algumas das melhores canções do álbum de estréia do grupo (*Outlandos D'Amour*, de 78) ao lado dos *hits* de *Reggatta De Blanc* ("Message In A Bottle", "Walking On The Moon", "The Bed's Too Big Without You", "Bring On The Night") e versões memoráveis de "Fall Out" e "Landlord", músicas do primeiro *single* do grupo, lançado quando eles eram mais uma das muitas bandas da primeira leva do punk londrino.

A história melhora ainda mais no segundo disco. Sting, devidamente resguardado por três *backing vocalists*, brinda-nos com uma de suas melhores *performances* – seja como vocalista ou como o brilhante baixista que sempre foi. Copeland e Summers não ficam atrás: o maior baterista dos anos 80 mostra seus dotes no vibrafone em "Wrapped Around Your Finger" e o guitarrista arrasa em absolutamente todas as faixas, sobretudo na dobradinha "Synchronicity I" e "II".



Quem quiser ir mais a fundo pode descolar o vídeo *Outlandos To Synchronicities – A History Of The Police: Live*, que narra a saga do trio pelos palcos de todo o planeta (inclusive tocando no Rio de Janeiro, em 82).

No final das contas, o que fica é a certeza de que o Police foi soberano em seu tempo. Pena que Sting e Copeland sufocaram um ao outro com seus egos para lá de inflados. Coisa de popstar, sabe como é?

HÉLIO GOMES

# Pegando uma praia

## Luminar da "surf music"

## em antologia nacional

Ícone da legítima *surf music*, o grupo **THE BEACH BOYS** retorna ao mercado brasileiro através da compilação **20 Good Vibrations – The Beach Boys' Greatest Hits** (Capitol/EMI-Odeon). Ela traz sucessos da banda, desde o seu primeiro hit, "Surfin' Safari", até "Kokomo" (canção de 88, que os reconduziu ao topo da parada americana, ao ser incluída na trilha do filme *Cocktail*).

O CD é um resumo da caixa *Good Vibrations The Beach Boys' 30th Anniversary* e pode ser considerado o filé mignon do grupo: há hits como "Surfin' USA", "Surfer Girl", "Fun, Fun, Fun", "I Get Around", "California Girls", "Barbara Ann" e "Wouldn't Be Nice!", todos remasterizados. E mais um encarte com notas históricas e precisas. Um serviço de qualidade para os fãs da boa *surf music*.

TONINHO SPESSOTO

Clássicos

# Rock nacional revisitado

OK, *mea culpa* ... Confesso que ha exatos oito anos, quando escrevi aqui na BIZZ a respeito do primeiro álbum do trio paulista **VIOLETA DE OUTONO**, fui um tanto injusto. Conheci o grupo por shows e pelo mini-LP que eles haviam gravado pelo selo Wop Bop. E, na comparação, achei que o álbum era "frio e contido, que carecia de um pouco mais de originalidade e ousadia".

Agora, engulo minhas palavras, ao reouvir o tal disco, relançado junto ao segundo álbum do grupo em um único CD (Plug/BMG-Ariola).

Como um bom vinho, o som sutil e calcado em influências psicodelicas do trio, valorizou-se com o passar do tempo. E mesmo o segundo à bum – não tão inspirado como o primeiro – tambem conserva seus momentos de brilho.

Para completar a volta por cima do grupo (que retornou à ativa), o selo Record Runner editou o CD **Eclipse**, registro ao vivo feito no Sesc Pompéia (SP) em 86, mais quatro faixas de estudio, incluindo versões para "Interstellar Overdrive", do Pink Floyd, e "Within You Without You", dos Beatles. *Celso Pucci*

Em meados dos anos 80, a cena punk ferva no Brasil. Foi quando surgiram dois discos seminais feitos por bandas nacionais do estilo: **Mais Podres Do Que Nunca** (85), dos **GAROTOS PODRES**, e **Descanse Em Paz** (87), dos **RATOS DE PORÃO**. Agora, ambos são reeditados em CDs, pelos selos Rotten (Cx. Postal 862, Santo André, SP) e Baratos Afins (Av. São João, 439, lj. 318, São Paulo, SP), respectivamente.

Egressos da cidade industrial de Mauá, os Garotos Podres faziam um coquetel skin punk de musicas como "Johnny" e "Anarkia Oi" (que chegou a tocar no rádio!). Hoje, o discurso do grupo "bradando" contra o sistema pode soar piegas, mas o disco vendeu cinquenta mil copias – marca impressionante para uma produção independente.

Já os Ratos De Porão fizeram de seu álbum um marco: talvez tenha sido o primeiro disco do planeta a promover o crossover entre punk e metal, hoje tão em voga. As onze faixas originais (aqui com mais cinco, gravadas ao vivo) sangravam uma furia devastadora – vide "No Junk" e "Velhos Decréptus". *Humberto Finatti*

## Cabeça feita

## 10º "pop zen" de um compositor singular

Sim, parece que o CD descobriu **WALTER FRANCO**.

Depois dos relançamentos de *Ou Não* (72) e *Revolver* (75), saem agora mais um par de álbuns pelo pequeno selo Rock Company – Pr. Cornélio Procópio, s/ 1, Porto Ferreira (SP)/Fone/Fax: (0195) 81-2783. Tratam-se de **Respire Fundo** e **Vela Aberta**, respectivamente de 78 e 80. O primeiro destacava musicas como "Coração Tranquilo", "Criaturas" (parceria de Walter com seu pai, o poeta e deputado Cid Franco) e a faixa-título.

A *Vela Aberta* é considerado o disco mais bem-sucedido comercialmente do compositor. Na época, a faixa-título chegou a tocar bastante nas rádios e ainda hoje é hit nas emissoras especializadas em MPB. O disco ainda tinha "O Dia Do Criador" e "Canalha", musica com a qual Franco participou do festival de MPB da TV Tupi, em 79. Fora as canções antigas de seu repertório ("Me Deixe Mudo", "Feito Gente"), regravadas com arranjos mais acessíveis.

Os CD conservaram as capas/encartes originais e, acoplados aos relançamentos anteriores, dão um painel abrangente da obra do artista. *Tonhinho Spessoto*

# O primeiro voo

## Sai por aqui o álbum de estréia da banda dos irmãos Robinson

Depois do estouro de "Remedy", a legião de fãs do rock'n'roll impecável do quinteto **THE BLACK CROWES** cresceu de forma impressionante no Brasil. Uma das apostas mais quentes para o Hollywood Rock 96 – dizem por aí que a presença do grupo já está acertada –, a banda é hoje um dos pilares da velha e boa musica de Rolling Stones, The Allman Brothers Band, Lynyrd Skynyrd e The Faces. Com nada menos do que cinco anos de atraso, chega ao Brasil **Shake Your Money Maker** (American/Warner), o álbum de estréia da banda.

O disco é puro deleite. O rock'n'roll comparece com vigor nas otimas "Twice As Hard", "Thick N'Thin", "Jealous Again" e "Hard To Handle" – esta ultima tem a levada surrupiada do clássico "Man Of Many Words", de Buddy Guy/Junior Wells.

Rich (guitarra) & Chris (voz): "irmãos corvos"

Outra especialidade do quinteto aparece em duas baladas deliciosas, "Seeing Things" e "She Talks To Angels", na qual os irmãos e parceiros, Chris e Rich Robinson, exploram um de seus temas mais recorrentes: o vício em drogas pesadas. Dito isso, o negócio é tirar o atraso e desfrutar ao máximo o primeiro petardo da maior banda de rock'n'roll, o legítimo, dos anos 90. *Helio Gomes*

# Viagens entre as ilhas

## Trio britânico de reggae/pop brilha em coletânea

Se aquele comercial da Semp Toshiba fosse feito na Inglaterra, certamente sairia algo como "nossos jamaicanos são mais criativos que os outros".

Sim, porque a Jamaica leva o mérito de ter parido o reggae, mas foram os grupos ingleses que tiveram a ousadia de fundir o ritmo com rock e punk, alcançando as paradas de sucesso (casos de Maxi Priest e UB40). Um dos grupos de "jamaicanos espertos" que se destacaram no pop foi o **ASWAD**, cuja coletânea **Crucial Tracks** (Mango/PolyGram), está sendo lançada no Brasil.

O disco acompanha os diversas variações do grupo – surgido na segunda metade dos anos 70 –, capitaneado pelo baterista/produtor Drummie Zeb, além do baixista Tony Gad e do guitarrista Brinsley Forde. Da convicção rastafari do início ("Back To Africa"), o Aswad se transformou numa banda de reggae/pop, flertando com o soul (a versão de "Beauty Is Only Skin Deep", dos Temptations) e recriando clássicos do reggae ("54-46 – That's My Number", de Toots And The Maytals). Há ainda a versão de "Don't Turn Around", que foi estourar com os lazarentos do Ace Of Base. *Sérgio Martins*

LONDON CALLING RECORDS
CDS, DISCOS E VHS
A MAIS COMPLETA EM NOVIDADES E RARIDADES
SEMANALMENTE OS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS DOS EUA, EUROPA E JAPÃO
RARIDADES DE: U2 • MADONNA • RAMONES • PET SHOP BOYS • DOORS • CURE • ZEPELLIN • DK
E TODOS OS ESTILOS
ENVIAMOS ENCOMENDAS PARA TODO O PAIS, ACEITAMOS CARTAO DE CREDITO
TEL-FAX: (011) 223 5584
RUA 24 DE MAIO, 116 RUA ALTA
LOJA 15 – CEP 01041-000 – CENTRO SP

records
ROCK
(Industrial, alternativo, hard, pop, progres.)
• Jazz • Blues • Trilhas • New-Age • Techno
LANÇAMENTOS
(EUA • Grã-Bretanha)
• CD • CD-SINGLE
• VÍDEO-LASER • VHS
ENCOMENDAS
Despachamos para todo Brasil
R. Pamplona, 1551 - loja 11 - Jardins
(011) 887-5926
São Paulo - SP

## Clássicos

# O caso de um "rocker"

### Último registro importante de Gene Vincent sai em CD

A carreira traumática de **GENE VINCENT** foi pontuada, nos seus últimos anos, por gravações para selos diversos, umas horrendas, outras passáveis, mas no geral dignas de um astro como ele.

Naquele período terminal, Vincent definhou fisicamente e mal se sustentou, vivendo do passado. Teve uma chance de retornar "por cima", quando se apresentou no festival *Toronto Rock'N'Roll Revival*, em 69, apoiado por fãs ilustres como Jim Morrison, Alice Cooper e John Lennon.

Desse evento, resultou o álbum **I'm Back And I'm Proud**, gravado em Los Angeles para o selo inglês Dandelion (de John Peel). O disco tinha um elenco estelar: Johnny Meeks (da ex-banda de Gene, The Blue Caps), Mars Bonfire (Steppenwolf), Jim Gordon, Linda Ronstadt etc., sob a produção do maluquete Kim Fowley (vide *Jukebox* desta edição).

Vicent morreria dois anos depois, alcoólatra, esquecido e desesperado. Nenhuma coleção da obra dele estará completa sem esta jóia temporã do grande *rocker*, editada no formato CD pelo selo See For Miles. *René Ferru*

Gene: um retorno digno de sua tradição musical, mesmo em fim de carreira

# Pedras preciosas

Novidades raras para quem curte os Rolling Stones e uma dupla de "brothers" do grupo. Foram lançados quatro álbuns lendários, três deles inéditos em CD.

O primeiro é **Brian Jones Presents The Pipes Of Pan At Joujouka** (Point Music), trabalho que mais se aproxima de um disco solo de **BRIAN JONES** – que nunca chegou a assinar um registro individual. Na verdade, o álbum é fruto de uma viagem que o guitarrista fez para Marrocos em 65, ao lado de Keith Richards. Fascinado com os ritmos e as melodias locais, Brian compilou e produziu as gravações deste disco, até agora virtualmente inacessível aos fãs mais "roxos". Estes também vão se deleitar com **Jamming With Edward** (Rolling Stones/Virgin), produto de uma *jam session* de 69, durante as sessões de *Let It Bleed*. Num dia em que Keith Richards não deu as caras no estúdio, **MICK JAGGER**, **BILL WYMAN** e **CHARLIE WATTS** se juntaram a **NICKY HOPKINS** (piano) e **RY COODER** (guitarra), para tocar canções como "It Hurts Me Too" (Elmore James). Já **Ry Cooder** (70, Warner), estréia solo do mestre das cordas, mostrava toda a classe do cara. Assim como outro chapa dos Stones, **JOHNNY WINTER** (para quem Jagger e Richards escreveram "Silver Train") fez em seu *début*, **Progressive Blues Experiment** (69, Liberty/EMI), detonando o blues rock que iria consagrá-lo mais tarde, temperado por pitadas de psicodelismo. *Celso Pucci*

### Raridades inéditas em CD fazem a festa dos fas de Rolling Stones e de guitarras

# No coração das maquinas

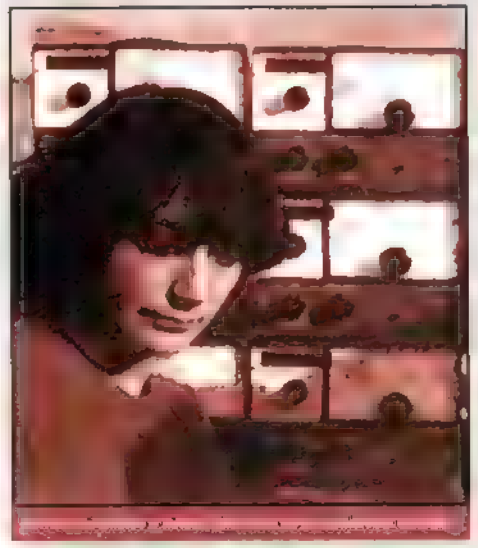
### Os "cyborgs" alemães e uma lenda obscura: essenciais na invenção do som eletrônico

## Passeio de trenzinho

Para a molecada que faz cara de interrogação quando artistas da geração 90 citam o **KRAFTWERK** como fonte de inspiração, as retro-edições em CDs (via EMI) de três álbuns do grupo alemão – mais a compilação **The Mix** (91) – chegam ao mercado internacional e vão logo colocando os pingos nos "is".

**Radio Activity** (75), *Discoteca Básica* da BIZZ 19, capta o período em que aqueles camaradas "ripongos" do disco **Autobahn** (74) transmutaram-se em impassíveis *cyborgs*, prontos para extrair musica de contadores Ge ger (!) e transmissores de rádio de ondas curtas. Um processo que culminou nos não menos revolucionários **The Man-Machine** (78) e **Computer World** (81), nos quais timbres proto-ambientes, ritmos mecânicos e atitudes minimais teciam humoradas observações sobre o descortinar da era tecno.

Já o uso de melodias de computadores de bolso como segmentos independentes em "Pocket Calculator", mais paródias ao estilo Soul II Soul ("Autobahn") e ao som da *italo house* ("Dantaku") são de encabular qualquer DJ, e fazem a festa do divertidíssimo *The Mix*



## Estrelas

Das bandas *trance* ao Stereo ab, do Suicide ao demencial "tekno" de Moby, passando pelas maquinações do *kraut rock* setentão de grupos como Neu!, Kraftwerk (*veja acima*), Can e Faust, não há sequer uma formação pop que tenha se utilizado do *approach* eletrônico, que não deva nada ao obscuro grupo **SILVER APPLES**.

Lendária em sua própria época, a banda apareceu em 67, com o intuito de dar vazão a uma sonoridade peculiarissima, híbrida de psicodelia, com musica folk e temas minimalistas.

Seus artífices: o percussionista Danny Taylor (responsável pelos padrões ritmicos matemáticos que constituiam o nucleo da sonoridade das "maçãs prateadas") e um camarada conhecido apenas por Simeon (que, além de tocar flauta doce, banjo e cantar, pilotava o instrumento homônimo, *simeon*, um conjunto de nove osciladores de áudio que eram acionados simultaneamente, com as mãos, os pés, os cotovelos e os joelhos!)

Para aqueles que se interessarem pela arte visionária que permeava a música do grupo (que, entre outras coisas, antecipou a técnica da sampleagem), é recomendável uma retro-edição lançada há pouco tempo pelo selo TRC. Um registro que resumiu os dois únicos álbuns lançados pelo grupo em toda a sua carreira – **Silver Apples** (68) e **Contact** (69) – em um único CD. *Arthur G. Couto Duarte*

## CD ROM

# Entre bits & beatnicks

### Produção reúne acervo precioso do grande menestrel do rock'n'roll

**BOB DYLAN**
**Highway 61 Interactive**
*Direção: Frank Baloghi/Mitchell Rubinstein*
*Distribuição: Graphix Zone*

Pois é... "The Times, They Are A-Changin'", "Os tempos, eles estão mudando", como profetizava a antiga canção de **BOB DYLAN**, nos idos de 64.

Com o advento e a disseminação crescente dos CD-ROMs dedicados a temas musicais (apesar do formato ser ainda pouco difundido no Brasil), os produtores de CDs, DCCs, Mini-Discs e outras mídias, terão que "rebolar" para não ficarem ultrapassados rapidamente.

Um passeio pelo Greenwich Village, com visita a um *pub*

Afinal de contas, em um mero disquinho digital, o CD-ROM é capaz de armanezar músicas, letras, imagens históricas, animações inusitadas e toda espécie de informação relevante sobre determinado artista.

Mas foi preciso cooptar um nome de passado gigantesco para se definir todas as possibilidades que este formato pode apontar para o universo do rock.

**Highway 61 Interactive** (importado em edição limitada para o mercado nacional pela Sony) é a prova cabal disso. Se em CD-ROMs anteriores de *popstars* como Peter Gabriel, David Bowie e daquele "símbolo" (antes conhecido como Prince), a impressão que ficava era de que a técnica digital sobrepujava a própria obra do artista focalizado, neste disco interativo de Dylan o resultado foi bem diferente. Criado sob a supervisão do próprio compositor, o disco surpreende pela qualidade e quantidade de dados (canções, fotos, depoimentos...). Sem contar opções como passeios virtuais por um quarteirão do Greenwich Village no início dos anos 60 (com visita a um *pub*) ou pelo estúdio da Columbia onde Dylan gravou seus grandes discos, além da "fuçada" nos camarins do show-tributo aos seus trinta anos de carreira.

Fotos raras: a mãe e o pai de Dylan, ao lado dele adolescente

Mesmo quem não tem o aparato técnico para acionar o CD-ROM, devia se virar para, ao menos, conseguir usá-lo uma vez. E enquanto espera, pode curtir a versão de Bob para "House Of The Rising Sun", de 62 – única faixa que toca em um *CD-player* normal. CELSO PUCCI

**VÁRIOS**
**Haight-Ashbury In The Sixties!**
*Direção: Tony Bove*
*Distribuição: Compton's New Media*

## "Bad trip"

### Viagem psicodélica "virtual" não convence

Tentativa de documentar de maneira abrangente os eventos ligados à vida, ascensão e morte do Haight-Ashbury, região de San Francisco onde o movimento hippie se cristalizou durante a primeira metade dos anos 60. E onde os ideais que geraram o movimento deram a vez a hippies de butique, aproveitadores, oportunistas em geral e um batalhão de malucos incuráveis.

Mas este CD-ROM acaba sendo altamente insatisfatório. Apesar de conter algumas seqüências históricas de alto valor – entrevistas de época com o **GRATEFUL DEAD**, **KEN KESEY** (em meio a "testes" com LSD) e **TIMOTHY LEARY** –, o CD-ROM deixa muito a desejar.

Quem espera encontrar clips musicais mostrando os principais artistas daquele tempo, terá que se contentar com canções "ilustradas" por desenhos "desanimados". E parte considerável das entrevistas recentes foi extraída de *It Was Twenty Years Ago Today*, um documentário sobre a feitura do álbum *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*!

O melhor de **Haight-Ashbury In The Sixties!** acaba sendo o material reproduzido das páginas do *Oracle*, talvez o primeiro jornal hippie do mundo. São textos de gente como Richard Alpert (o Ram Dass), William Burroughs, Michael McLure e Timothy Leary, mais as ilustrações do genial e inimitável Rick Griffin. O que nem de longe chega a ser um acaso: quem organizou este CD-ROM foi Allen Cohen, um dos fundadores do *Oracle*.

E como entretenimento adicional, há ainda um joguinho de paciência misturando imagens hippies. Que é muito chatinho, por sinal. JOSÉ EMILIO RONDEAU

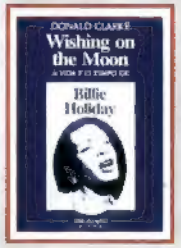
## L Livro

# Loucura pouca é bobagem

### Biografias de artistas com um pé na genialidade e o outro "enfiado na jaca"

**DONALD CLARKE**
**Wishing On The Moon – A Vida E O Tempo De Billie Holiday**
*Editora: José Olympio • 520 pags.*

Eleanora **BILLIE HOLIDAY** foi de um tempo em que transar por dinheiro era mesmo prostituição, *lesbian* nem pensava em ser chique e heroína não era um barato *W.A.S.P.*. Sua atitude de *bad girl* não era jogada de marketing. Se ela fez tudo isso acima foi porque quis, e qualquer explicação sobre sua vida só pode ser dada por psiquiatras ou encontrada em escritos de Nélson Rodrigues, já que, além de tudo, ela tinha predileção por homens violentos, que costumavam espancá-la. Este livro reúne dados precisos sobre o mito em torno dessa que foi a maior cantora de jazz de todos os tempos. O autor teve acesso a entrevistas inéditas com pessoas que conheceram Billie desde a infância em Baltimore, até o auge da carreira, quando ela tinha de entrar pela porta de serviço nos hotéis em que se hospedava por sua cor negra, apesar de ser estrela do show. EDGARD REYMANN




**SCOTT FREEMAN**
**Midnight Riders – The Story Of The Allman Brothers Band**
*Editora: Little Brown • 343 pags.*

Esta biografia do grupo **THE ALLMAN BROTHERS BAND** não só faz justiça a uma das mais contundentes bandas de todos os tempos, como também esmiuça o torpor existencial de seus 25 anos de carreira.

Sua música – uma irresvalável mescla de blues, rock, country e soul, revestida de acepções jazzísticas – é analisada através de dezesseis álbuns, incluindo os ensaios dos primeiros passos (The Allman Joys, The Hour Glass), bandas projetos, discos solo e as famosas *jam sessions* do guitarrista Duanne Allman. Quanto à vida pessoal do grupo, barra-pesada pouca é bobagem. Se não bastassem as mortes de três integrantes, o livro narra 62 processos judiciais, *overdoses*, assassinatos, casamentos conturbados (Greg Allman casou cinco vezes, gerou seis filhos, um deles com Chér), *groupies*, prisões, passagens por clínicas de desintoxicação e outras baixarias para todos os gostos e tamanhos. O impressionante é constatar que quatro dos integrantes ainda sobrevivem e esfacelam a vida em nome da arte. FERNANDO NAPORANO

BiZZ
PARA ANUNCIAR LIGUE:
(011) 816-7866
Ramal 304
EDITORA AZUL

PLUG YOUR MIND!
HARRY
CHEMICAL ARCHIVES - CD
Todos os clássicos do Harry estão neste CD além de 4 músicas inéditas.
SILVERBLOOD
IMPERFECTION - CD
Uma genial fusão entre guitarras, barulho, industrial, vozes celestiais e Sandman!
VANISHING POINT
THE SHAMAN CALLS - CD
EBM hipnótico, hipnótica e pesada!
Inclui os hits "A Matter Of A Few Seconds" e "Loved Devorian".
REMETEMOS PARA TODO BRASIL
SOLICITE CATÁLOGO COMPLETO
Cri Du Chat Disques
Cx. Postal 62306 CEP 04299-970
São Paulo - SP
Tel.: (011) 282-7877 / Fax: (011) 852-8205
À venda na
MUZIK Alternative MUSIC
Alameda Jaú, 1912

SWEET JANE
ROCK RECORDS
CD - CDSINGLE
AS ÚLTIMAS NOVIDADES EM ROCK ALTERNATIVO, HARD, PROGRESSIVOS, TRILHAS SONORAS, GUITAR BANDS, TRANCE-AMBIENT ETC...
CD - IMPORTADO/NACIONAL
ENVIAMOS VIA CORREIO PARA TODO BRASIL
AV. PAULISTA, 726
LOJAS 9/10 SÃO PAULO-SP - CEP: 01310-100
FONE: (011) 288-4847

# Jukebox

X-ERT Productions

Kim & Tori Amos (com quem teve um "casinho") e em retrato de pintor norueguês anônimo *(abaixo)*

## Mais de três décadas de história num dia ao lado de um mago do pop/rock

Embora afirme "ter 125 anos", ele tem apenas 55 e, mesmo depois de várias "canas", todos os excessos de drogas, processos e três ataques cardíacos, o lendário **KIM FOWLEY** está em ótima forma.

Passar um dia com a figura é uma experiência inenarrável. Ele me conta desde imoralidades sobre Joan Jett até o seu "casinho" com Tori Amos ("fui entrevistá-la para a revista *Bom* e ela nem sabia quem eu era, daí, 'sacumé'"...), passando por sua amizade com Jim Morrison ("ele foi o maior de todos") e pelas estreitas relações que teve com Charles Manson ("a única diferença entre nós é que encontrei uma saída, e ele não").

Num breve perfil da figura, eis algumas de suas façanhas: como "caçador de talentos", descobriu Johnny Winter, Kiss, Mötley Crüe e Guns N'Roses, entre muitos outros. Como produtor, numa lista interminável, assinou trabalhos com Gene Vincent, The Seeds, Family, Slade e The Runaways. Em quatro décadas, suas canções foram gravadas por nomes do calibre de The Byrds, Warren Zevon, Sonic Youth, Red Kross, Anthrax, Teenage Fanclub e até Nirvana – vide a estupenda versão de Kurt Cobain & Cia. para "Do You Love Me!", que Kim escreveu com Paul Stanley, do Kiss.

Nos anos 60, era chofer e professor de dança de P.J. Proby, empresário de Doris Day, divulgador dos Yardbirds e dono de gravadoras independentes conceituadas (Chatahooche e Indigo). Entre outras excentricidades, tinha uma foto de Jesus Cristo indentificando-o na carteira de motorista.

Passou por várias bandas, entre elas a seminal Hollywood Argyles, cuja canção "LSD 19" foi a primeira a falar sobre ácido lisérgico. Tocou nos Mothers Of Invention, de Frank Zappa (confira o álbum *Freak Out*, de 66), participou de gravações com o Blue Oyster Cult, Alice Cooper e Iggy Pop.

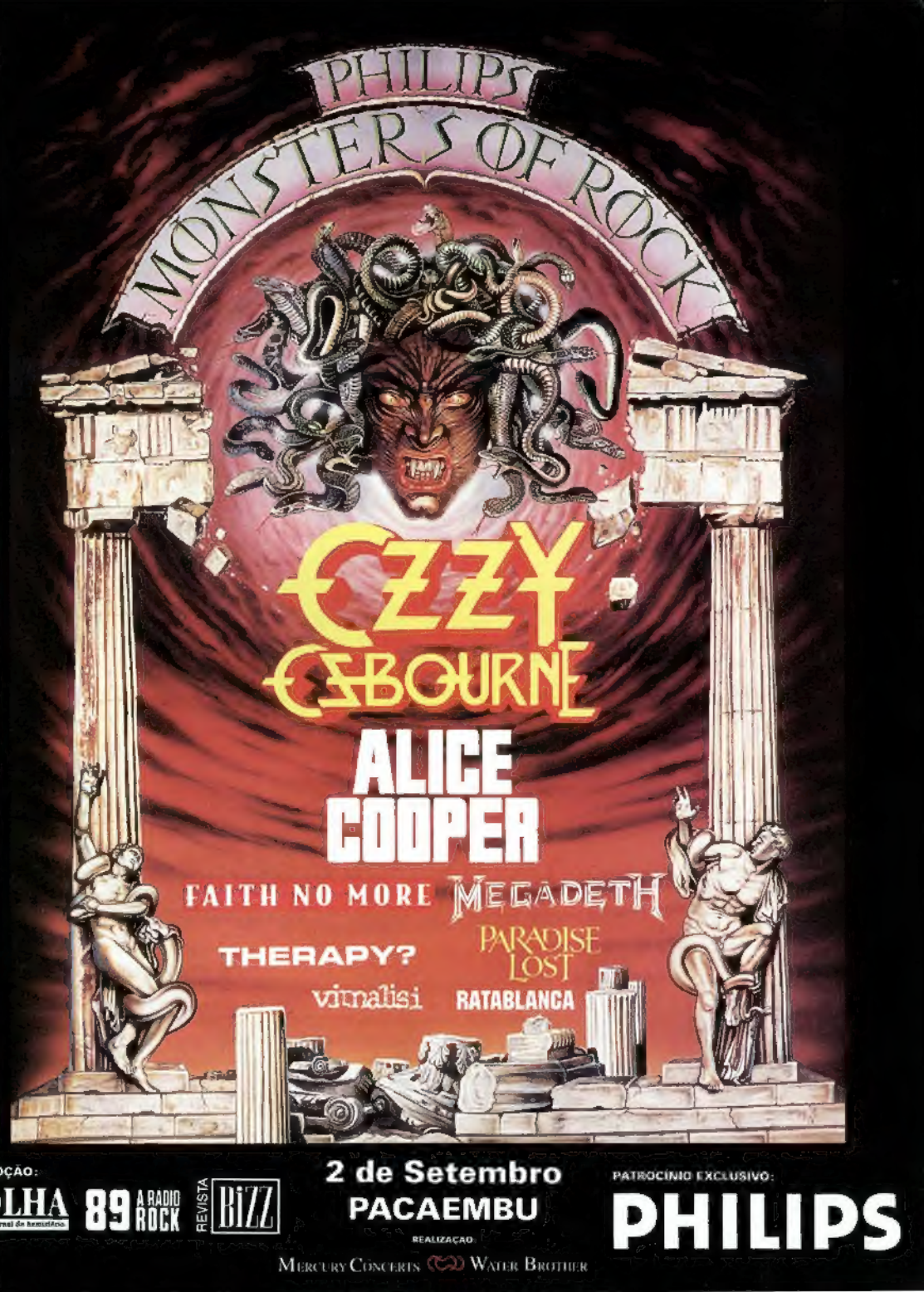
Como artista solo, gravou – pasmem! – quarenta álbuns, sendo que mais da metade deles são itens de colecionadores. A maior parte destes trabalhos trafega entre a psicodelia e singulares pastiches instrumentais. Alguns são dedicados ao mais deslavado rock'n'roll, outros flertam com o *glam rock* e o punk. Nos anos 90, produziu um calhamaço de bandas de house, entre elas a Vibe Control, cujo hit é "Bunda" (diga-se de passagem, que Kim fez isso visando o mercado "brasa", no qual pretende "se materializar e comer o maior número possível de gatas".

FERNANDO NAPORANO

## Discografia Selecionada

Assim como em um recente show em Londres, onde pedia para a platéia gritar um tema para ele criar letras surrealistas em cima, Kim diz que "todos os seus discos foram gravados em ritmo de improviso, sem letras escritas". Eis alguns deles:

■ **"Born To Make You Cry"** (70, Epic/CBS) A única gravação de Fowley que saiu no Brasil, um compacto que se tornou item de colecionador. Nele, Kim é acompanhado pelo Steppenwolf, excluindo o cantor da banda, John Kay.
■ **Outrageous/Good Clean Fun** (69/69, Imperial) Dois álbuns clássicos que estão disponíveis em um único CD, via Rev Ola (associada do selo inglês Creation).
■ **Let The Madness In** (95, Receiver) Novo trabalho de Kim: uma frenética epilepsia dance, com a hilariante faixa "Tori Amos Drinking Teardrops In The Twilight Zone".

D.B.

Discoteca Básica

# JOHN LENNON
## John Lennon/ Plastic Ono Band

### PERFORMANCE

**Lançamento** 1970 ■ **Produção** John Lennon/ Yoko Ono/Phil Spector ■ **Faixas** "Mother" • "Hold On" • "I Found Out" • "Working Class Hero" • "Isolation" • "Remember" • "Love" • "Well, Well, Well" • "Look At Me" • "God" • "My Mummy's Dead" ■ **Notas** Apesar de ser um dos álbuns-solo de um ex-Beatles mais geniais de todos os tempos, a acidez do disco repeliu os fãs, pois pouca gente o procurou nas lojas e as rádios o ignoraram: até hoje, 25 anos mais tarde, foram vendidas nos Estados Unidos apenas um milhão de cópias do álbum • Tanto melhor para John, que em 70 declarou à *Rolling Stone* que o disco não era para ser agradável, nem adorado. Na verdade, seria um torpedo contra a opressão artística e pessoal – tida por ele como "humilhance" – passada nos tempos dos Beatles • Lennon: "No disco, estou dizendo 'vão se foder!'" (a todos que o cercavam na profissão) • Os créditos informavam que Yoko Ono tocava "vento" • O disco saiu junto com *Yoko Ono/Plastic Ono Band*, trabalho solo de sua mulher ■ **Formatos** Disponível em CD nos Estados Unidos, na Europa, no Japão e no Brasil (pelo selo Capitol/EMI-Odeon).

Em 70, John Lennon estava sofrendo de um acúmulo de tudo ao mesmo tempo, agora.

Com os Beatles reduzidos a ruínas após anos musicalmente brilhantes, mas que deixaram os quatro ex-integrantes da banda marcados por um desgaste físico, psicológico e artístico de proporções inéditas no rock, Lennon via-se num momento de transição, no qual suas convicções pessoais, prioridades profissionais e emoções foram radicalmente reavaliadas.

Recém-saído de sessões de terapia primal em Los Angeles com o doutor Arthur Janov, que pregava a libertação emocional através da exteriorização de sentimentos reprimidos desde a infância, John era um nervo exposto armado de uma metralhadora giratória apontada para tudo que ele havia construído até então – seu trabalho, sua obra musical, suas alianças pessoais – e para aquilo que, no seu entender, aprisionava-o: a idolatria, as drogas, a política e, sobretudo, os Beatles.

Lennon ao lado da mulher, na época da gravação do álbum; acidez e genialidade

Com a cabeleira raspada em um ato simbólico cheio de significados para a época, ele se apresentava não mais como o "beatle ferino e mordaz" (que na verdade acabava sendo um produto de consumo em massa), mas como um herói da classe operária que emergia de um longo torpor induzido pela fama e muita grana. E chegava cheio de raiva.

Este disco veio de uma catarse pessoal tornada pública, sem paralelos no rock. Algo realmente chocante para o mundo daquele tempo, quando o "tudo bem" da "geração paz & amor" triunfava em Woodstock. Gravado da forma mais crua possível por Lennon e um reduzido núcleo de músicos (Klaus Voorman no baixo, Ringo Starr na bateria e Billy Preston nos teclados), o álbum se tornou tão imediato e urgente quanto a sua realização: no máximo, uma ou duas passadas por música, antes de ser gravada e entregue a Phil Spector para mixar.

Ao invés dos arranjos elaborados que marcaram os últimos lançamentos dos Beatles, um som descarnado, brutal. Que, curiosamente, veio a ser registrado no estúdio Abbey Road, em Londres, onde o quarteto trabalhou em suas mais célebres gravações.

Nas letras das canções, em vez dos inteligentíssimos jogos de palavras que eram a marca registrada de John, estavam diatribes aliadas às confissões íntimas, nas quais Lennon tornava pública – pela primeira vez – a falta que sentia do pai (que o abandonou ainda bebê) e da mãe (morta quando ele era garoto).

> *John decretava: "O sonho acabou". E que só acreditava nele e em Yoko*

E ainda revelava o seu plano de ação para o futuro: "O sonho acabou", decretava ele na faixa "God", depois de avisar ao mundo que já não acreditava mais em Elvis, nem em Bob Dylan ou nos Beatles. Apenas nele mesmo e em Yoko... "isso é a realidade".

Até as canções de amor dedicadas à sua mulher teimavam em pingar algumas gotas de fel contra o mundo: "Segure firme, Yoko", dizia ele nos versos de "Hold On", "tudo vai ficar bem/venceremos a luta".

*José Emilio Rondeau*


WHITE ZOMBIE
Astro-Creep: 2000
songs of love, destruction and other synthetic delusions of the Electric Head

O ZOMBIE NÃO MORRE, CRUCIFICA

WHERE DID SATAN THE SOWER OF EVIL COME FROM?

EU SOU O ASTRO-CREEP UM AMERICANO DOIDÃO INFERNAL, ESTILO DEMOLIDOR

THE DARK AGES ARE COMING

FUCKING YOU

I Zombie FASCINATING

LANÇAMENTO EM CD

GEFFEN

Todo ANIMAL é caçado

impiedosamente, porque

é RADICAL e mergulha de

cabeça em tudo que faz.

Não perde um milésimo de

ADRENALINA e nos

fins-de-semana

adora uma PELADA.

MAGNUM

SUBMARINER

*Um relógio animal.*